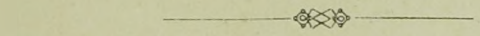
O

MERCADOR DE VENEZA

WILLIAM SHAKESPEARE



DOAÇÃO DE
Bteca
Orígenes Lessa
A
Em 02/08/99
###
BIBLIOTECA MUNICIPAL "ORIGENES LESSA"

O MERCADOR DE VENEZA

TRADUCÇÃO

POR

BULHÃO PATO

Origenes Lessa
Lisboa, 10-5.86

BIBLIOTECA MUNICIPAL
«ORIGENES LESSA»
Tombo N.o

LISBOA
Typographia da Academia Real das Sciencias
1881

BIBLIOTECA MUNICIPAL "ORIGENES LESSA"
Lençóis Paulista - SP

A

Antonio de Oliveira Marreca

HOMENAGEM DE RESPEITO

E

LEMBRANÇA DE SINCERA AMISADE

DE

Bulhão Pato

PERSONAGENS

O Doge de Veneza.
O Principe de Marrocos } Pretendentes de Porcia.
O Principe de Aragão }
Antonio, mercador de Veneza.
Bassaneo, ſeu amigo.
Salanio }
Salarino } amigos de Antonio e Bassaneo.
Graciano }
Lourenço, enamorado de Jessica.
Shylock, judeu.
Tubal, judeu, ſeu amigo.
Lanceloto Gobbo, bobo ao ſerviço de Shylock.
O Velho Gobbo, pae de Lanceloto.
Leonardo, criado de Bassaneo.
Balthazar } criados de Porcia.
Stephano }
Porcia, rica herdeira.
Nerissa, ſua aia.
Jessica, filha de Shylock.

Senadores de Veneza, officiaes do tribunal de juſtiça, um carcereiro, criados, etc. etc.

A ſcena paſſa-ſe ora em Veneza, ora em Belmonte, caſtello de Porcia, no continente.

ACTO PRIMEIRO

SCENA I

VENEZA — UMA RUA

Entram ANTONIO, SALARINO e SALANIO

ANTONIO

Eu não poſſo atinar, palavra, de onde vem
A triſteſa que ſinto e peſa em vós tambem.
De que modo a ganhei, achei, encontrei eu!
De que materia é feita, emfim de onde naſceu?
Eſtou para o ſaber; mas torna-me, confeſſo,
N'um eſtupido tal, que nem me reconheço.

SALARINO

Engolfaes no oceano o penſamento,
Seguindo os galeões de largas velas
Senhores e burguezes opulentos
Das ondas, ou melhor, dos vaſtos mares
Adornos fluctuantes: ſaudados
Pelos barcos pequenos com reſpeito
Quando os vêem paſſar, como voando
Com as azas de tela, perto d'elles.

SALANIO

Acreditae, ſenhor, que ſe me viſſe
Em ſemelhante riſco, a melhor parte
Das minhas comoções viajaria
Co'as minhas eſperanças; ſempre andara
Com palhinhas na mão a ver o vento
De onde corria; olhando para os mappas
Dos portos, e dos molhes, e das barras,
E tudo que podeſſe arreceiar-me —
Por conjectura — d'um qualquer ſiniſtro.

SALARINO

Meu ſopro a reſfriar meu proprio caldo
Me faria tremer ſómente á idéa
De quanto mal o vento embravecido
Logra infundir no mar. Eu não podera
Ver correr a ampulheta ſem lembrar-me
Dos parceis e dos bancos arenoſos:
Sem ter ante meus olhos encalhado
Meu opulento «André», já inclinando
O maſtro grande para o ſeu ſepulchro!
Ouſara penetrar no templo ſanto,
Edificio de pedra, ſem que logo
Me vieſſem á idéa eſſes rochedos
Onde ao tocar de leve o meu navio
Fôra a pique e nas vagas diſperſara

A minha eſpeciaria, reveſtindo
Co'as minhas ſedas as bravias ondas:
Em ſumma — ſem penſar que eſſas riquezas
Tão grandes n'outro tempo, poderiam
Eſtar agora a nada reduzidas?
Poſſo acaſo fixar meu penſamento
Sobre eſta circumſtancia ſem que penſe[1]
Que deſventura tal me tornaria
Profundamente triſte? Eu ſei que Antonio,
Inutil é dizel-o, anda enleiado
Por que penſa nas ſuas mercancias.

ANTONIO

Crede que não. Dou graças á fortuna.
Não tenho n'um ſó barco os meus haveres,
Nem ſobre um ponto ſó. Quanto poſſuo
Dos acaſos d'eſte anno não depende.
Não é certo o caris dos meus negocios
Que me traz n'eſte eſtado de triſteza.

SALARINO

Pois então é que andaes enamorado.

ANTONIO

Iſſo... ſim!

---

[1] Trocadilhos frequentes em muitas paginas de Shakeſpeare.

SALARINO

Tambem não enamorado?
N'eſſe caſo digamos que andaes triſte
Pela razão de não andar alegre.
E ſer-vos-hia por extremo facil
Rir, ſaltar, e dizer que eſſa alegria
Da falta de triſteza vos provinha.
Oh! por Jano bifronte! — a natureza,
Quando eſtá de maré, que amigos forja!
Um piſca os olhos ſempre, gargalhando
Qual papagaio á viſta d'um gaiteiro.
Outra tem um aſpecto tão azedo
Que não moſtrara os dentes n'um ſorriſo,
Quando o proprio Neſtor lhe proteſtaſſe
Que os gracejos provocam os ſorriſos.

Entram Bassaneo, Lourenço e Graciano

SALANIO

Chega Baſſaneo, voſſo illuſtre primo,
Com Lourenço e Graciano. Adeus; agora
Em melhor companhia vou deixar-vos.

SALARINO

Ficara de bom grado ſó na idéa
De poder alegrar-vos; mas previnem
O meu deſejo amigos mais condignos.

ANTONIO

A voſſa cortezia é-me bem cara.
Negocios proprios vos eſtão chamando,
E aproveitaes o enſejo pr'a deixar-me.

SALARINO

Meus ſenhores, bom dia.

BASSANEO

Meus amigos:
Quando riremos juntos, dizei quando?
É tão raro encontrar-vos!... E é provavel,
Que ſeja d'hora avante a meſma coiſa?

SALARINO

Ás voſſas ordens eſtaremos ſempre.

Saem SALARINO e SALANIO

LOURENÇO

Senhor Baſſaneo, viſto que encontraſtes
Antonio, nós partimos; mas lembrae-vos,
Á hora do jantar, do ponto dado.

ANTONIO

Não faltarei.

GRACIANO

Senhor, o voſſo aſpecto,
Ha tempos a eſta parte, anda abatido.
Tomais a vida demaſiado a ſerio.
É perdel-a o compral-a por tal preço.
Fez-ſe em vós ſingular reviramento.

ANTONIO

Graciano, eu tenho o mundo no que vale;
Um theatro onde todos repreſentam
O ſeu papel. O meu é de ſer triſte.

GRACIANO

O contrario do meu exactamente!
As faces ſe me enruguem com a edade,
Porém á força de alegria e riſos!
Prefiro que o meu figado ſe inflamme
Pelo effeito do vinho a ter gelado
O coração por morbidos ſuſpiros.
Porque é que um homem quando tem nas veias
O ſangue ardente, deve ſer talhado
Qual ſeu avô no marmor! De que ſerve,

O dormir acordado e ter ictericia,
Á força de nós ſermos rabugentos?
Antonio, vedes bem, ſou voſſo amigo,
E em nome da amiſade é que vos fallo:
Ha certa caſta d'homens de ſemblante
De creme corrompido como um brejo,
Que apparentam por tudo indifferença,
Que ſe embrulham na capa da ſapiencia,
E parecem dizer com ar profundo:
«Um oracl'o ſou eu; quando abro os labios
Cuidado que algum cão a uivar ſe atreva.»
Conheço, meu Antonio, alguns que paſſam
Por grandes ſabichões, unicamente
Pela ſimples razão de não fallarem;
E ſe acaſo fallaſſem, aſſeguro,
Levavam a peccar os ſeus ouvintes,
Que tratariam de imbecil o proximo.
Outra vez direi mais. Creiam, não peſquem,
Com o iſco da morbida triſteza,
A fama, eſſa armadilha dos papalvos.
Vem Lourenço... Até logo. O meu diſcurſo,
Terminado o jantar, hei-de acabal-o.

LOURENÇO

Vamos, até depois. Eu ſou decerto
Um dos taes sabios mudos. Graciano
Não me deixa jámais ſoltar palavra.

GRACIANO

Vive comigo ſó por mais dois annos,
E nem a propria voz, verás, conheces.

ANTONIO

Adeus! Se eu frequentaſſe a voſſa escola
Um grulha, dentro em pouco, me tornara.

GRACIANO

Melhor, muito melhor, porque o ſilencio
Só fica bem na lingua de conſerva,
Ou na donzella que ſe não corrompe.

Graciano e Lourenço ſaem

ANTONIO

Eſpremeſte algum ſumo do que diſſe?

BASSANEO

Não tem rival Graciano no talento
De palavrear ſem ſombra de conceito.
Seus argumentos ſão—bem comparado—
A dois bagos de trigo confundidos
N'um montão de retraço—procurae-os

Durante o dia inteiro—ao encontral-os
Haveis de lamentar o vão trabalho.

ANTONIO

Eſtamos ſós; pois bem: dize-me agora
Quem é a ignota dama a que votaſte
Secreta romaria. Prometteſte
Hoje fallar-me d'ella.

BASSANEO

Não ignoras
Antonio, até que ponto os meus haveres
Se tem deſbaratado com a vida
De fauſto muito além dos meus recurſos.
Não me doe o deixar eſſas grandezas.
O meu maior empenho é ver-me livre
Das dividas paſſadas, contraídas
Na minha mocidade um tanto prodiga.
E a ti é que eu mais devo—ſobretudo
Em fraterna affeição; e pois contando
Co'a tua eſtima, reſolvi fallar-te
Dos planos que formei, para livrar-me
De graves compromiſſos.

ANTONIO

Meu Baſſaneo
Diz quaes ſão eſſes planos, que decerto

Has de ſeguir pelo caminho honrado;
E tu podes contar co'a minha bolſa,
A minha vida e meus recurſos ultimos.

BASSANEO

Quando eu era eſtudante, algumas vezes
Se perdia uma frecha—diſparava
Na meſma direcção outra em ſeguida,
Pondo-me a olhar para ella attentamente.
Tinha em mira encontrar a que perdera,
E muitas vezes arriſcando as duas
As duas encontrava. Cito o exemplo:
Verás como concluo ingenuamente.
Devo-te muito e pelas tonterias
Da minha má cabeça, o que te devo
Eſtá, em ſumma, para ti perdido.
Pois bem, conſente, amigo, que eu diſpare
Na meſma direcção ſegunda frecha,
E como hei de ſeguil-a bem attento,
Talvez que me ſucceda encontrar ambas,
Ou trazer-te a ſegunda, e em todo o caſo
Ficar teu devedor reconhecido.

ANTONIO

Tu conheceſ-me bem; perdes o tempo
Em cercar-me a affeição com taes ambages.
Peor me fazes tu quando duvídas,

Que me devote a ti completamente,
Do que ſe acaſo houveſſes diſſipado
Todo o meu capital. Dize-me apenas,
Calculando onde chegam minhas forças,
O que devo fazer. Agora falla.

BASSANEO

Vive em Belmonte uma opulenta herdeira
Cuja belleza em tudo peregrina
O merito realça. De ſeus olhos
Já chegaram a mim menſagens mudas.
Chama-ſe Porcia e em nada ſe ameſquinha
Á filha de Catão Porcia de Bruto.
Sabe quanto ella valle o mundo inteiro.
Os ventos cardeaes de toda a parte
Sopram-lhe os mais gentis galanteadores.
Seus fulgidos cabellos annelados,
Pendem das fontes como um toſão d'oiro,
Convertendo a manſão onde ella habita
N'uma praia de Colcho, onde confluem
Jaſões a conquiſtal-a. Ó meu Antonio,
Quando eu tiveſſe os meios neceſſarios
Para hombrear com elles, voz ſecreta
Me diz que fôra certo o meu triumpho.

ANTONIO

Quanto eu poſſuo, como tu bem ſabes,
Sobre as aguas do mar anda pairando.

Nem meios, nem dinheiro tenho agora
Com que arranje uma ſomma de improviſo.
Anda tu pois; diſpõe de quanto vale
Meu credito em Veneza; eſtou diſpoſto
A fundil-o por ti completamente,
Comtanto que tu vás bem preparado
Ver a Belmonte a encantadora Porcia.
Procura que eu tambem por toda a parte
Vou procurar dinheiro, e eſtou ſeguro
Que hei de lograr obtel-o ou pelo credito
Ou ſympathia que o meu nome inſpire.

SCENA II

BELMONTE — CASA DE PORCIA

Entram PORCIA e NERISSA

PORCIA

Palavra, Neriſſa, que o meu corpo debil anda extremamente fatigado com eſta grande roda.

NERISSA

Seria facil explical-o, querida ſenhora, quando em vós a penuria foſſe tamanha como é a proſperidade. Mas o facto, pelo que vejo, é que a indigeſtão produz doença tal qual como a fome. Não é pequena

felicidade uma condição mediocre; o «ſeperfluo «cria depreſſa cabellos brancos: o «termo-medio» conſerva-ſe melhor.

PORCIA

Boas maximas e bem declamadas.

NERISSA

Melhores ſeriam quando ſe executaſſem.

PORCIA

Se fazer foſſe tão facil como ſaber o que é bom que ſe faça, as capellas ſeriam egrejas, e as choupanas dos pobres palacios de principes. O bom prégador é o que pratíca conforme os ſeus principios. É-me mais facil enſinar a vinte peſſoas o que é bom do que ſer uma das vinte capaz de ſeguir as proprias lições. O cerebro pode inventar leis para o ſangue; porém a tempeſtade ardente ſalta por cima das regras frias e convencionaes; a juventude arrebatada torna-ſe em lebre para pular por cima dos laços que lhe arma o eſtropiado que chamam—«bom conſelho». Mas eſtes raciocinios no momento de eſcolher um marido... Que digo, ai! de mim! eſcolher?... Não poſſo nem eſcolher quem deſejo, nem repellir quem me deſagrada: n'eſte caſo a vontade da filha viva tem de curvar-ſe ſob a vontade do pae que já não exiſte. É duro,

Neriſſa, não poder nem eſcolher nem regeitar ninguem.

NERISSA

Voſſo pae foi ſempre virtuoſo e as peſſoas juſtas quando chega a hora da morte não teem ſenão boas inſpirações. Eis a razão porque a loteria engenhada por elle e em virtude da qual vindes pertencer áquelle que vos eſcolher, ſegundo a ſua intenção, entre eſſes tres cofres de oiro, de prata e de chumbo, não favorecerá, eſtae certa, ſenão um homem digno do voſſo amor. Vejamos, tendes affeição forte por algum dos principes que vieram já?

PORCIA

Torna a dizer-me os ſeus nomes, peço-te. Á medida que os fores nomeando, deſcrevel-oſ-hei, e pela minha deſcripção, advinharás o meu affecto.

NERISSA

Primeiro temos o principe napolitano.

PORCIA

Ah! eſſe na verdade, é um poldro ferril, porque não faz ſenão fallar do ſeu cavallo; gaba-ſe, como ſe fôra um grande merito, de o ſaber ferrar elle proprio!

Deſconfio muito que a ſenhora ſua mãe tiveſſe caído n'algum peccadilho com um ferrador.

NERISSA

Depois ſegue-ſe o conde palatino.

PORCIA

Eſſe não faz outra coiſa mais do que franzir as ſobrancelhas como dizendo: — Se me não quer decida-ſe. Ouve as narrações mais alegres ſem um ſorriſo. Receio que venha a dar em philoſopho choramigas quando envelhecer, viſto que na mocidade é já de uma triſteza tão incivil. Preferia caſar-me com uma cabeça de morto, que tiveſſe um oſſo atraveſſado nos dentes, do que com um d'eſſes dois. Deus me defenda de taes homens!

NERISSA

Que me dizeis d'aquelle cavalheiro francez, do ſenhor Lebon?

PORCIA

Deus o fez; viſto iſſo, que paſſe por um homem. Realmente eu ſei que é peccado eſcarnecer do proximo; porém elle... é impoſſivel!... Tem um cavallo melhor que o do napolitano; o mau habito de

franzir as ſobrancelhas, ainda o poſſue em grau ſuperior ao conde palatino. É todos os homens ſem ſer um homem! Se um melro canta, dá logo um ſalto; é capaz de eſgrimir com a propria ſombra. Se o deſpozaſſe caſava-me com vinte maridos. Se me não quizeſſe perdoava-lhe, porque, quando me adoraſſe loucamente, não lhe podia pagar na mesma moeda.

NERISSA

Que dizeis então a Faulconbridge, o joven barão inglez?

PORCIA

Tu ſabes que lhe não digo palavra, porque nem um nem outro nos entendemos. Elle não percebe nem o latim, nem o francez, nem o italiano, e tu podes jurar nos tribunaes que não poſſuo o mais pequeno obulo de inglez. É a pintura de um bello homem; mas, valha-me Deus! quem pode converſar com um mudo? Traja uma tal quantidade de coiſas! Penſo que comprou o gibão em Italia, os calções em França, a gorra em Allemanha, e as maneiras por toda a parte.

NERISSA

Que dizeis do lord eſcocez, ſeu viſinho?

PORCIA

D'eſſe digo que dá prova de caridoſo porque pediu empreſtada uma bofetada ao inglez, e jurou que havia de pagar-lh'a quando podeſſe. Creio que o francez lhe paſſou recibo e aſſignou com um nome falſo.

NERISSA

Como lhe parece o moço allemão, ſobrinho do duque de Saxonia.

PORCIA

Repugnante de manhã quando eſtá em jejum, e mais repugnante depois do meio dia quando eſtá ebrio. Nas ſuas horas mais felizes vale um pouco menos de que um homem; nas ſuas peores um pouco mais de que um animal. Seja qual fôr a deſgraça que me eſpere, ſempre conto com poder eſcapar-lhe.

NERISSA

Se elle tentar a prova e eſcolher o cofre do premio, negar-voſ-heis a cumprir a vontade de voſſo pae, recuſando recebel-o por marido?

PORCIA

No receio de que tamanho infortunio ſobrevenha, peço-te que ponhas um grande copo de vinho do Rheno em cima do cofre oppoſto. Quando o diabo eſteja dentro d'elle, ſe a tentação ſe apreſenta de fóra, ſei que ha de eſcolhel-o. Farei tudo no mundo, Neriſſa, primeiro, do que deſpoſar uma eſponja.

NERISSA

Não receieis nada, minha ſenhora; não tereis de deſpoſar nenhum d'eſſes ſenhores. Deram-me parte de que eſtavam reſolvidos a regreſſar a ſuas caſas e não vos encommodarem com as ſuas homenagens, a menos que para lograrem ſeus deſejos não haja outro meio além da eſcolha dos cofres impoſta por voſſo pae.

PORCIA

Ainda que viveſſe até a edade da Sibyla, morreria caſta como Diana, quando me não obtiveſſem ſegundo a ultima vontade de meu pae. Eſtou ſatiſfeitiſſima de vêr tão raſoavel eſſe bando de enamorados, por que — francamente — não ha um ſó por cuja auſencia eu não anceie, e imploro a Deus que lhes dê feliz viagem.

NERISSA

Ainda vos lembra, minha ſenhora, um veneziano, um eſcolar, um bravo, que veiu aqui ainda em vida de voſſo pae, na companhia do marquez de Montferrat?

PORCIA

Sim, ſim, Baſſaneo! Era eſte, creio eu, o nome que lhe davam.

NERISSA

Na verdade, minha ſenhora, de quantos homens os meus ingenuos olhos teem mirado, é elle o mais digno de uma bonita mulher.

PORCIA

Recordo-me bem; e lembro-me que é merecedor dos teus elogios. (Entra um criado) Então? que temos de novo?

CRIADO

Minha ſenhora, os quatro extrangeiros deſejam apreſentar-vos os ſeus reſpeitos e fazer as ſuas deſpedidas. Chegou agora um correio da parte do quinto, o principe de Marrocos. Annuncía que o principe, ſeu amo, chegará aqui eſta noite.

PORCIA

Se eu podeſſe deſejar a boa vinda ao quinto, tanto cá de dentro, como deſejo boa viagem aos outros quatro, jubilava com a ſua chegada. Tenha, embora, a alma de um ſanto, tem a cara de um demonio. Antes o quizera por confeſſor do que por marido. Vem Neriſſa. (ao criado) Anda tu adiante. No momento em que fechamos a porta a um pertendente, outro que bate.

Saem

SCENA II

Em frente á casa de Shylock

Entram Bassaneo e Shylock

SHYLOCK

Tres mil ducados? Bem.

BASSANEO

Sim, ſenhor, a tres mezes.

SHYLOCK

A tres mezes,—bem.

BASSANEO

Por cuja ſomma, como vol-o diſſe, Antonio reſponde.

SHYLOCK

Antonio reſponderá... Bem.

BASSANEO

Podeis preſtar-me eſſe ſerviço? Quereis dar-me eſſe goſto? Poſſo ſaber a voſſa reſpoſta?

SHYLOCK

Tres mil ducados, a tres mezes, e Antonio garante.

BASSANEO

É eſſa a voſſa reſpoſta?

SHYLOCK

Antonio, é bom homem.

BASSANEO

Já ouviſtes alguma vez pôr iſſo em duvida?

SHYLOCK

Oh! não, não, não, não. Quando digo que é bom homem, venho a dizer que tem por onde pagar. Mas os ſeus capitaes andam muito arriſcados. Tem um galeão em viagem para Tripoli, outro para as Indias. Ainda mais: ouvi agora no Rialto, que lhe vae terceiro em caminho do Mexico, quarto para Inglaterra, e outros ainda aventurados em remotas paragens. Porém navios não paſſam de taboas e marinheiros não paſſam de homens. Ha ratos de terra e ratos de agua; ladrões do mar e ladrões da terra; quero dizer: piratas. Além d'isso ha o riſco do mar, dos ventos e dos eſcolhos. Tres mil ducados?... Creio que poſſo deſcontar a ſua lettra.

BASSANEO

Ficae certo que podeis.

SHYLOCK

Eu quero ficar certo; é para me aſſegurar que preciſo reflectir. Poſſo fallar com Antonio?

BASSANEO

Se vos apraz, jantae comnoſco.

SHYLOCK

Sim, para sentir o cheiro da carne de porco; para comer na morada onde o voſſo propheta nazareno invocou o diabo. Não ſe me dá de comprar, de vender, de converſar, de caminhar comvoſco, e do mais que ſe ſegue; mas não quero nem comer, nem beber, nem reſar comvoſco. Que novas temos do Rialto? Quem vem ahi?

BASSANEO

É Antonio.

SHYLOCK (á parte)

Parece um publicano
Que vem bajulador. Não ſó o odeio
Por elle ſer chriſtão, mas, ſobretudo,
Porque na vil ſimpleza empreſta gratis,
Rebaixando na praça de Veneza
O agio do coſtume. Se algum dia
Me vem cair nas mãos, hei de ſaciar-me
D'eſte velho rancor que lhe conſagro.
Deteſta a nação ſanta, e vocifera,
No ſitio onde ſe ajuntam negociantes,
Contra mim, contra as traças que projecto,
Contra os meus premios, a que chama uſuras!
Seja maldita a minha tribu, ſeja,
Se um dia lhe perdôo!

BIBLIOTECA MUNICIPAL "ORIGENES LESSA"
Lençóis Paulista - SP

BASSANEO fallando alto a SHYLOCK, que parece abſorto

Shylock, ouvides?

SHYLOCK

Eu calcúlo o que tenho de contado,
E de memoria vejo que não poſſo
Juntar o capital em continenti
D'eſſes tres mil ducados. Não importa.
Tubal, um rico hebreu da minha tribu,
Ha de empreſtar-me o reſto... Mas agora
Devagar... Vós pedis por quantos mezes?

A ANTONIO

Meu ſenhor, que a fortuna vos proteja.
Fallavamos em vós n'eſte momento.

ANTONIO

Poſto não ſer, Shylock, o meu coſtume
Empreſtar nem pedir dinheiro a juros,
Rompo agora o meu habito, attendendo
A um caſo urgente aqui do meu amigo.

A BASSANEO

Elle já ſabe quanto tu preciſas?

SHYLOCK

Oh!... ſim, ſim... já o ſei; tres mil ducados.

BASSANEO

E por tres mezes ſó.

SHYLOCK

Não me lembrava...
Tres mezes?... E depois o voſſo eſcripto...
Diſſeſte, creio, ſer coſtume voſſo
Nem dar nem receber dinheiro a juros.

ANTONIO

Jámais o fiz.

SHYLOCK

Quando Jacob levava
A paſtar o rebanho de carneiros
De ſeu tio Labão, graças a quanto
Por amor d'elle fez a mãe prudente...
Jacob era o terceiro patriarcha
Depois do Santo Abr'ão... Era o terceiro.

ANTONIO

Vamos, bem, e que mais? Preſtava a juros?

SHYLOCK

Oh! não, a juros, não, preciſamente;
Porém ouvide o que Jacob fazia:
Elle e Labão haviam contratado
Que os carneiros malhados pertenceſſem
A Jacob, como paga do ſalario.
Quando ás ovelhas, na eſtação propicia,
Por fim d'outono, lhes chegara o cio,
Buſcaram os carneiros, e no tempo
Em que o lavor da geração ſe dava
Por entre aquelles animaes lanigeros,
O paſtor ardiloſo deſcaſcara
Umas certas varinhas, collocando-as
Frente da viſta ás ſenſuaes ovelhas,
As quaes, n'eſſe momento, concebendo,
Deram depois á luz, no tempo proprio,
Os carneiros malhados, pertencentes
A Jacob. Era um meio de proveito.
Bemdito foi Jacob, porque o proveito
Bemdito é ſempre que não é roubado!

ANTONIO

Tinha Jacob em mira um beneficio
Aventuroſo, e que elle não podia
Por ſi ſó produzir; determinado
E creado por Deus. Acaſo pode
Juſtificar eſſe argumento a uſura?
Voſſo oiro e voſſa prata, ſão, dizei-me;
Ovelhas e carneiros?

SHYLOCK

Eu ao certo,
Não o poſſo affirmar; mas ſei que faço
Com que produzam com egual preſteza.
Meu ſenhor, devagar, continuemos...

ANTONIO

Baſſaneo, olha que ás vezes o diabo
Cita, para ſeus fins, as Eſcripturas.
Um'alma corrompida produzindo
Sagrados juramentos, aſſemelha-ſe
A um ſcelerado de riſonha face,
A uma bella maçã podre no amago.
Oh! como a falſidade ſe apreſenta
De eſplendido exterior!

SHYLOCK

Tres mil ducados!
Boa ſomma!... a tres mezes... e por doze..
Vamos agora a ver... Qual é o premio?

ANTONIO

Bem, Shylock, contaremos co'a fineza?

SHYLOCK

Quantas vezes, ſenhor, ſobre o Rialto
Vós me haveis aviltado
Por minhas tranſacções e o meu dinheiro,
E eu ſupportei-o ſempre reſignado,
Os hombros encolhendo,
Co'a paciencia que temos,
E que é propria da tribu em que naſcemos!
Chamaſte-me infiel, cão e facinora.
No meu gabão judeu
Eſcarraſtes,—porquê? porque eu uſava
Do que era meu!
Pois bem—ao que parece—n'eſte inſtante
Haveis miſter do meu auxilio... Avante!...
Vindes dizer: «Shylock, nós preciſamos
D'algum dinheiro teu.»
Vindes dizel-o, vamos...

Vós proprio que nas barbas me cuſpiſtes,
E co'a ponta do pé, como a um ſabujo,
Que eſtranho á voſſa porta pondes fóra,
Aſſim me repeliſtes.
Preciſaes de dinheiro; não devia
Reſponder-vos agora:
«Pode um cão ter dinheiro, e, porventura,
Um ſabujo empreſtar tres mil ducados?»
Ou quando não curvar-me reverente,
Retendo o ſopro n'um murmurio humilde,
E dizer ſervilmente:
«Gentil ſenhor, na ſexta feira ultima
Eſcarraſteſ-me em cima; e n'outro dia
Me déſtes com o pé; inda outra vez
Me trataſtes de cão; e eu não podia,
Por tanta polidez,
Deixar-vos de empreſtar eſſa quantia!»

ANTONIO

Sou bem capaz de t'o chamar de novo,
De te dar com o pé, cuſpir-te em cima.
Se empreſtas eſſa ſomma não a empreſtas
A um teu amigo, não, porque a amiſade
Jámais fruiu um premio confiando
Das mãos do amigo eſſe metal eſteril.
Tem como feito—ſemelhante empreſtimo—
A um inimigo teu; quando elle falte
Invoca então a lei que ha de punil-o.

SHYLOCK

Ai! vede como entraes a enfurecer-vos!
Eu quizera alcançar a voſſa eſtima;
Fazer as pazes; olvidar affrontas
Com que me haveis manchado, procurando
Acudir n'eſte inſtante ao voſſo apuro,
Sem levar um ceitil por meu dinheiro.
E vós não me attendeis — quando é benevola
Portanto a minha offerta.

ANTONIO

Embora o ſeja.

SHYLOCK

É benevola, ſim, e vou moſtrar-vol-o:
Vinde comigo a caſa d'um notario,
Aſſignae-me um papel, e por gracejo,
Quando não me embolſeis no dia fixo,
E n'um dado logar, da ſomma ou ſommas,
Enunciadas na lettra da eſcriptura,
Seja pois o ſeguinte eſtipulado:
Perdereis um arratel, bem peſado,
Da voſſa melhor carne, e ſer-me-ha licito
O podel-a cortar no voſſo corpo
Do ſitio que eu quizer.

ANTONIO

Conſinto n'iſſo:
Aſſigno eſſa eſcriptura, declarando
Que dá prova o judeu de generoſo.

BASSANEO

Tu não has de aſſignar por mim tal coiſa!
Eu prefiro ficar nos meus apuros.

ANTONIO

Vamos, amigo, não receies nada;
Não ha riſco nenhum. Dentro em dois mezes,
Um mez antes do praſo, eſtou ſeguro
Ter nove vezes o valor da divida.

SHYLOCK

Pae Abrahão! Oh! os chriſtãos ſão iſto!
A propria crueldade os leva ſempre
A ſuſpeitar das intenções dos outros.

A BASSANEO

Reſpondei-me, ſenhor, eu que lucrava,
Se porventura elle faltaſſe ao praſo,
Em exigir-lhe a multa? Pois d'um homem

Um arratel de carne acaſo vale,
E tem a eſtimação que tem o arratel
Da carne de carneiro ou boi ou cabra?
É para captivar a ſua eſtima,
Repito, que eu lhe off'reço eſte ſerviço,
Se acceita, muito bem, ſenão acceita,
Adeus! Mas por piedade não me ultragem
Até nas acções boas que pratico.

ANTONIO

Sim, Shylock, eu aſſigno o teu contracto.

SHYLOCK

Ide pois, ide já para o notario;
Fazei-o redigir eſſa eſcriptura,
Que é muito para rir. Eu vou direito
Em buſca dos ducados, relanceando
O olhar, ao meſmo tempo, pela caſa
Agora entregue á guarda perigoſa
D'um ſervo negligente, e n'um momento
Volto correndo a me juntar comvoſco.

ANTONIO

Corre amavel judeu. Oh! eſte hebraico
Vae-ſe fazer chriſtão ſe em bom ſe torna.

BASSANEO

Os termos mais formoſos não me agradam
Veſtindo os penſamentos d'um patife.

ANTONIO

Vamos; não ha receio: os meus navios
Chegam, decerto, um mez antes do praſo.

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO SEGUNDO

SCENA I

BELMONTE — UM QUARTO EM CASA DE PORCIA

Som de clarins. Entram O PRINCIPE DE MARROCOS
com a sua comitiva.
PORCIA e NERISSA com os do seu acompanhamento

O PRINCIPE DE MARROCOS

Por cauſa d'eſta côr, libré ſombria
D'eſſe ſol brunidor que me é viſinho,
E proximo do qual eu fui creado,
Não me votes rancor. Que ſe apreſente,
Perante mim, o ſer de mais alvura,
Que haja naſcido nos confins do norte,
Onde os raios de Phebo não tem força
Para fundir os gelos e façamos
Por teu amor uma inciſão, veremos,
Qual dos dois tem o ſangue mais vermelho.
Bella dama, eu te juro, eſte ſemblante
Tem feito eſtremecer os mais valentes.

E pelo meu amor tambem te juro
Que as virgens mais gentís dos noſſos climas,
Com ardente porfia o tem amado.
Não mudara de côr por meu deſejo,
Se não para roubar teus penſamentos
Rainha encantadora!

PORCIA

A minha eſcolha
Não pode depender da ſympathia,
Nem do ſubtil olhar d'uma donzella.
A ſorte a que eſtá preſo o meu deſtino
Não me faculta a eſcolha voluntaria;
Porém quando meu pae me não houveſſe,
Com tutelar prudencia, deſtinado
A ſer eſpoſa do que por tal modo
Me lograſſe alcançar—illuſtre principe—
Vós terieis direito á minha eſtima,
Como todos os mais que aqui tem vindo.

O PRINCIPE DE MARROCOS

Iſſo me baſta para dar-vos graças.
Dignae-vos, pois, agora conduzir-me
Ao logar onde param eſſes cofres.
Tentarei a fortuna. Aqui proteſto,
Por eſta cimitarra, eſta que um dia
Matou Sophi, e um principe da Perſia

Que levou a melhor em tres batalhas
Ao ſultão Solimão, com meus olhares
Fulminar os olhares mais audazes,
E co'a minha bravura os mais valentes:
Á urſa os filhos arrancar dos peitos;
Inſultar o leão de cara a cara,
Quando ruge agarrado á ſua preſa,
Só por te conquiſtar, ſenhora minha!
Porém, ai! quando Hercules e Lichias
Joguem aos dados para ver ſe ſabem
Qual dos dois é mais homem na pujança,
Pode bem ſucceder que a mão mais fraca
Venha a deitar o mais feliz relance,
E por ſeu pagem ſer batido Alcides.
Poſſo eu perder e um outro menos digno
Pode vir a ganhar e a dôr matar-me!

PORCIA

Sujeitae-vos á ſorte, em todo o caſo,
Á eſcolha renunciae completamente
Ou jurae, ſendo má a voſſa eſcolha,
Nunca jámais fallar em caſamento
A nenhuma mulher... reflecti n'iſto!

O PRINCIPE DE MARROCOS

Conſinto, vamos! tentarei a ſorte.

PORCIA

Ao templo agora. E tentareis a ſorte
Em findando o jantar.

O PRINCIPE DE MARROCOS

Bem; que a fortuna
Se moſtre a meu favor. Pode tornar-me
No mais feliz ou infeliz dos homens!

SCENA II

VENEZA — UMA RUA

Entra LANCELOTO GOBBO

LANCELOTO

De certo a minha conſciencia obriga-me a largar o ſerviço do judeu, meu amo. O diabo, acotovela-me, anda-me a tentar e diz me: «Gobbo, Lanceloto Gobbo, ou bom Lanceloto, ou bom Gobbo, dá ás pernas, pula e ſafa-te.» A minha conſciencia diz-me: «Não, toma ſentido, honrado Lanceloto, toma cuidado, honrado Gobbo, não fujas; não faças a vontade aos pés.» Então o diabo, imperturbavel,

aperta-me para que eu faça a minha mala. «A caminho, diz o diabo, vae-te, diz o diabo, em nome do ceo enche-te de brios e larga, diz o diabo.» Então a minha conſciencia, pendurando-ſe ao peſcoço do meu coração, diz-me com toda a ſisudez: «Meu honrado amigo Lanceloto, tu que és filho de um homem honeſto, ou antes de uma honeſta mulher; porque, na verdade, meu pae teve alguns pecadilhos, deixou-ſe eſcorregar algumas vezes; tinha certas propensões. . .» Então a minha conſciencia diz-me: «Lanceloto não te mexas.» «Mexe, diz o demonio.» «Não te bulas», diz-me a conſciencia. Conſciencia, digo eu: «Aconſelhaſ-me bem.» «Demonio, digo eu, aconſelhaſ-me bem.» Para eſtar bem com a minha conſciencia devo ficar com o judeu meu amo, que, Deus me perdõe! é uma eſpecie de diabo; e para ſafar-me de caſa do judeu, devo obedecer ao diabo, que, com licença dos ſenhores, é o diabo em peſſoa. Mas tambem, com certeza, o judeu é o diabo em carne e osso; e, em conſciencia, a minha conſciencia é bem riſpida em me aconſelhar que permaneça em caſa do judeu. O diabo é que me dá o conſelho mais amigavel. Ponho-me ao freſco, demonio; os meus calcanhares eſtão ás tuas ordens; faço *viſpere!*

Entra o velho Gobbo trazendo um feſto

GOBBO

Senhor! rapaz! olá! Qual é o caminho para ir a caſa do meſtre judeu?

LANCELOTO (á parte)

Ceos! é o meu legitimo pae. Como eſtá quaſi cego não me reconheceu. Vou experimental-o.

GOBBO

Meu ſenhor, meu joven fidalgo, peço-vos que me digaes qual é o caminho para caſa do meſtre judeu.

LANCELOTO

Tome á direita na primeira volta, depois, na volta ſeguinte, tome á eſquerda; depois, com a breca, na volta proxima não tome nem para a direita nem para a eſquerda; deſça obliquamente para caſa do judeu.

GOBBO

Por Deus do ceo! deve de ſer difficil dar com eſſe caminho. Poderia dizer-me ſe ainda acharei lá um tal Lanceloto, ſe ainda lá mora com elle; ſim ou não?

LANCELOTO

Falla do joven ſenhor de Lanceloto? (á parte) Reparem bem em mim; vou fazer chorar as pedras. (Alto) Falla do joven ſenhor de Lanceloto?

GOBBO

Não é um ſenhor, meu ſenhor, mas ſim o filho de um pobre homem. Seu pae, comquanto ſeja eu que o diga, é um homem honrado, exceſſivamente pobre, mas, graças a Deus—bem conſervado

LANCELOTO

Bem, ſeja ſeu pae o que fôr, nós fallavamos do joven senhor Lanceloto.

GOBBO

De Lanceloto, ſeu criado, meu ſenhor.

LANCELOTO

Mas dizei-me, peçovol-o, ancião, *ergo* ſupplico-vos, fallaes do joven ſenhor Lanceloto?

GOBBO

De Lanceloto, não ſendo do vosso deſagrado.

LANCELOTO

Ergo, do ſenhor Lanceloto, não fallaes do ſenhor Lanceloto pae, por que o joven fidalgo, graças ao fado, ao deſtino, e a outros modos de dizer; graças ás tres irmãs e a outros ramos da ſciencia, effectivamente falleceu; fallando claramente—foi para o ceo.

GOBBO

Deus me defenda de tal deſgraça! Eſſe rapaz era o meu arrimo na velhice, o meu unico amparo.

LANCELOTO

Tenho eu, por acaſo, o ar d'um cajado, d'uma eſtaca, d'um pontalete! Reconheceiſ-me, meu pae?

GOBBO

Ai! de mim! não vos reconheço não, meu joven fidalgo; mas peço-vos, dizei-me, o meu rapaz!—Deus o proteja—eſtá vivo ou morto?

LANCELOTO

Pois não me reconheceis—pae!

GOBBO

Ai! ſenhor, ſou peticego, não vos reconheço.

LANCELOTO

Ah! em quanto a iſſo palavra; quando os ſeus olhos eſtiveſſem magnificos, não ſeria coiſa facil reconhecer-me: é muito perſpicaz o pae que reconhece ſeu proprio filho. Bem, ancião; vou dar-vos noticias de voſſo filho. Deitae-me a voſſa benção. A verdade deve apparecer á luz, um aſſaſſinio não se pode eſconder por muito tempo, o filho de um homem pode; mas por fim a verdade deſcobre-ſe.

GOBBO

Peço-vos, ſenhor, que vos ponhaes em pé; eſtou certo que não ſois Lanceloto, o meu rapaz.

LANCELOTO

Deixemo-nos de brincalhotices. A voſſa benção. Eu

ſou Lanceloto, o que era o voſſo rapaz, o que é e será voſſo filho.

GOBBO

Não poſſo acreditar que ſejaes meu filho.

LANCELOTO

Não ſei que deva penſar; mas eu ſou Lanceloto, o homem do judeu; e do que eſtou bem certo é que Margarida, voſſa mulher, era minha mãe.

GOBBO

Chamava-ſe, com effeito, Margarida. Poſſo jurar, ſe de facto és Lanceloto, que és a minha carne e o meu ſangue. Bemdito ſeja Deus! Que barba deitaſte! Tens mais pellos no queixo, do que Dobbin, o cavallo da minha carroça, tem na cauda.

LANCELOTO

Devemos acreditar que a cauda de Dobbin creſce ao inverſo; eſtou certo que tinha mais pellos na cauda do que eu tenho na face, a ultima vez que o vi.

GOBBO

Senhor... Como tu eſtás mudado!... Como ſe

accommodam teu amo e tu? Trago-lhe um preſente. Como ſe dão agora?

LANCELOTO

Bem, bem. Emquanto a mim, como tomei a reſolução de me ſafar de caſa d'elle, não paro emquanto não tiver andado um bom pedaço de caminho. Meu amo é um verdadeiro judeu. Dar-lhe um preſente a elle... dar-lhe um dardo. Morro de fome ao ſeu ſerviço; pode-me contar as coſtellas, uma por uma. Pae, eſtou bem contente de que tenha vindo; faça eſſe preſente a um tal ſenhor Baſſaneo. Eſſe ſim que dá magnificas librés novas. Se não entro ao ſeu ſerviço, corra eu todo eſſe mundo de Chriſto! Ó felicidade rara!... Eil-o que chega. Chegue-ſe a elle, meu pae; porque judeu ſeja eu ſe ſirvo o judeu por mais tempo.

Entra BASSANEO, ſeguido de LEONARDO e de outros criados

BASSANEO a um criado

Podes fazel-o; mas anda depreſſa porque a ceia deve eſtar prompta o mais tarde ás cinco horas. Leva eſtas cartas ao ſeu deſtino. Manda apromptar as librés, e pede a Graciano que chegue a minha casa em continente.

O criado ſae

LANCELOTO a GOBBO

Chegue-ſe a elle, meu pae.

GOBBO

Deus abençõe a voſſa ſenhoria!

BASSANEO

Muito obrigado! Queres-me alguma coiſa?

GOBBO

Aqui eſtá meu filho, ſenhor, um pobre rapaz...

LANCELOTO

Não um pobre rapaz, mas o ſerviçal do judeu rico, o qual quiſera, como meu pae vol-o explicará ...

GOBBO

Elle tem, como lá ſe diz, grandes ganas de ſervir.

LANCELOTO

Effectivamente o reſumo e expoſto do meu nego-

cio é—que ſirvo a judeu e que deſejo, como meu pae vol-o explicará...

GOBBO

Seu amo e elle, ſalvo o reſpeito devido a voſſa ſenhoria, não ſe coſem bem.

LANCELOTO

Para ſer breve, a verdade verdade, é que o judeu tendo-me mal tratado, como meu pae na ſua qualidade de velho vol-o explicará, eſpero...

COBBO

Tenho aqui um prato de borrachos, que eu quizera offerecer a voſſa ſenhoria e o meu pedido é...

LANCELOTO

Em duas palavras, o pedido é para mim de grande *impertinencia*, como voſſa ſenhoria o ſaberá por eſte honrado ancião, que, poſto ſeja eu que o diga, é um pobre homem velho, e é meu pae...

BASSANEO

Falle um ſó... Que pretendem?

LANCELOTO

Servir-vos, meu ſenhor.

GOBBO

Ahi bate o ponto; eſſe é o ſegredo do caſo.

BASSANEO a Lanceloto

Eu conheço-te bem; eſtá ſatiſfeito o teu pedido. Shylock, teu amo, fallou-me hoje meſmo, e conſentiu no teu augmento, ſe é augmento deixar o ſerviço de um judeu rico, para entrar na caſa de um fidalgo pobre, como eu.

LANCELOTO

O velho proverbio reparte-ſe muito bem entre meu amo Shylock e voſſa ſenhoria. Tendes a graça de Deus, meu ſenhor, e elle tem muito de ſeu.

BASSANEO

Bem lembrado... Vae, pois, com teu filho. (a Lanceloto) Vae-te deſpedir do teu antigo amo, e pergunta pela minha morada. (aos ſeus criados) Deem-lhe uma libré, mais agaloada que a dos ſeus companheiros. Não faltes.

Fallam em voz baixa com Leonardo

LANCELOTO

Vamos pae. Não ſou capaz de arranjar commodo, não... Não tenho lingua n'eſta cabeça. Bem. (olhando para a palma da mão) Haverá homens em Italia que, para jurar ſobre os Evangelhos, apreſentem palma de mão mais bella do que eſta!? Hei de vir a ſer feliz! Iſto é que é uma famoſa linha de vida! Que bella ſerie de mulheres! Ai! de mim! quinze mulheres é uma ninharia; onze viuvas e nove donzellas é apenas o indiſpenſavel para um homem. Depois de eſcapar tres vezes a ſer afogado, periga me agora a vida á beira de um leito de plumas, tudo iſto é ſorte. Vamos, ſe a fortuna é mulher, como tal, é uma boa moça. Vinde, meu pae. N'um abrir e fechar de olhos vou deſpedir-me do judeu.

Saem LANCELOTO e o velho GOBBO

BASSANEO

Leonardo, peço-te eu, penſa bem n'iſſo.
Depois de comprar tudo e arranjar tudo,
Volta depreſſa que eu feſtejo á noite
Os meus amigos, que me ſão mais intimos.

LEONARDO

Farei quanto poder da minha parte.

GRACIANO

O teu amo onde eſtá?

LEONARDO

Além, paſſeando.

Sae LEONARDO

GRACIANO, chamando

Baſſaneo, meu ſenhor...

BASSANEO

Olá Graciano.

GRACIANO

Um favor a pedir-vos...

BASSANEO

Eſtá feito.

GRACIANO

Não podeis recuſar: é neceſſario
Que eu vá até Belmonte.

BASSANEO

Se é preciſo
Não ha mais... é partir!... Porém escuta;
Graciano és demaſiado petulante;
Muito rude e em palavras ſacudido.
Eſſes modos não ſó não ſão defeitos,
Mas até te vão bem, a noſſos olhos;
Não ſuccede, porém, o mesmo aos outros,
A quem parecem eſſes ares livres.
Com inſtancia te imploro—vê ſe acalmas,
Com algumas frias gotas da modeſtia,
O conſtante fervor do teu eſpirito.
Quando não, no logar para onde vamos
Teu louco proceder ſer-me-ha nocivo,
E pode deſtruir minhas eſp'ranças.

GRACIANO

Senhor Baſſaneo ouvi-me, ficae certo
Que haveis de ver-me com um porte grave.
Fallar com diſcrição, jurar em termos,
Os livros de oração trazer no bolſo,
Ter um ar compungido, e mais ainda,
Ao ouvir gracejar tapar os olhos,
Aſſim com o meu chapeo, e ſuſpirando
Dizer *Amen!* emfim, cumprir á riſca
Quanto impõe o dever da cortezia

Como um ente que eſtuda um ar ſolemne
Para agradar a ſua avó—palavra!

BASSANEO

Bem, veremos então como procedes.

GRACIANO

Ah! mas faço excepção por eſta noite.
E vós, eſpero, não me tomeis contas.

BASSANEO

Oh! não, não, fóra laſtima; ao contrario,
Deixa o teu bom humor correr á ſolta.
Temos amigos que pretendem rir-ſe.
Até logo, que tenho inda affazeres.

GRACIANO

Preciſo procurar tambem Lourenço,
E os outros companheiros; eſtaremos,
Em ſendo hora da ceia, em voſſa caſa.

SCENA III

VENEZA—UM QUARTO EM CASA DO JUDEU

Entram JESSICA e LANCELOTO

JESSICA

Sinto bem que te vás: a noſſa caſa
Era um inferno, e tu demonio alegre,
O cheiro aborrecido conſeguias
Tirar-lhe um pouco. Adeus! Toma um ducado.
Á ceia, logo, has de encontrar Lourenço,
De teu novo ſenhor um dos convivas;
Toma eſta carta, entrega-lh'a em ſecreto,
E agora vae-te—adeus!—eu não quizera
Que me viſſe meu pae fallar comtigo.

LANCELOTO choramigando

Adeus! As lagrimas ſão meu unico alivio! O pagã encantadora, judia delicioſa! Se um chriſtão não faz alguma patifaria para te poſſuir—muito me engano eu. Mas adeus! Eſtas parvoas lagrimas, quaſi que afogaram a minha viril coragem. Adeus!

Sae

JESSICA

Porta-te bem meu pobre Lanceloto.
Porque ſou filha de meu pae vexar-me!...
Oh! que negro peccado, em mim, é eſte!
Embora filha eu ſeja pelo ſangue,
Pelo caracter não o ſou! Lourenço!
Cumpre tu a promeſſa, que eu prometto
Terminar d'uma vez com tantas luctas,
E fazer-me chriſtã—ſer tua eſpoſa.

Sae

SCENA IV

VENEZA — UMA RUA

Entram GRACIANO, LOURENÇO, SALARINO e SALANIO

LOURENÇO

Durante a ceia, ſim, nós evadimo-nos,
Diſſarçamos o trajo em minha caſa,
E podemos voltar n'um'hora ou menos.

GRACIANO

Faltam ainda alguns preparativos.

SALARINO

Não nos munimos com os porta-fachos.
É vulgar a não ſer muito elegante.
Em quanto a mim, mais val'preſcindir d'elles.

LOURENÇO

São quatro horas apenas—ainda temos,
Para nos preparar, mais duas horas.

Entra LANCELOTO trazendo uma lanterna

LOURENÇO

Amigo Lanceloto, então que novas?

LANCELOTO

Em rompendo este fêllo é bem provavel
Que venhaes a ſabel-as.

LOURENÇO

Reconheço,
Palavra, a linda mão, oh! mão mais branca
Do que o proprio papel onde eſcrevera!...
A nivea mão!...

GRACIANO

Novas d'amor, por certo,

LANCELOTO, retirando-ſe

Com licença, ſenhor.

LOURENÇO

Tu vaes aonde?

LANCELOTO

Ora!... meu ſenhor, convidar o judeu que foi meu amo, para vir ceiar a casa de meu novo amo chriſtão.

LOURENÇO

Pára; aqui tens... Diz á gentil Jeſſica
Que não lhe faltarei... Falla em ſegredo!

Sae LANCELOTO

LOURENÇO

Quereis preparar-vos para a maſcarada?
Eu tenho um porta-facho, meus ſenhores.

SALARINO

Sim, por Deus! Lá vou ter em continente.

SALANIO

Eu tambem.

LOURENÇO

Vinde pois d'entro d'um'hora
A caſa de Graciano.

SALARINO

Bem, lá vamos.

Saem SALARINO e SALANIO

LOURENÇO

É d'ella, a carta, da gentil Jeſſica?
Eu te vou contar tudo. N'eſta carta
Me indica o meio de a tirar de caſa,
E falla-me tambem do oiro e das joias,
Que já tem em ſeguro—juntamente
Do ſeu fato de pagem, que eſtá prompto.
Se um dia o pae judeu vem a ſalvar ſe,
É por mercê da encantadora filha.
Quanto a ella, jámais o fado adverſo

Ouſará empecel-a em ſeu caminho,
Salvo ſe procurar, como pretexto,
O ſer a filha d'um judeu deſcrido.
Vamos, vem, e lê iſto de caminho.
Será meu porta-facho ella, a formoſa!

Sae

SCENA V

VENEZA — DIANTE DA CASA DE SHYLOCK

Entram SHYLOCK e LANCELOTO

SHYLOCK

Sim! julgarás pelos teus proprios olhos.
Verás então que differença exiſte
Entre o velho Shylock e eſſe Baſſaneo.
Olá Jeſſica!... Tu fica bem certo
Que não has de tomar mais barrigadas.
Olá Jeſſica!... Nem dormir roncando,
Effarrapar o fato. Então Jeſſica!

LANCELOTO gritando

Olá! Então Jeſſica!

SHYLOCK

Por que chamas?
Quem te mandou chamar?

LANCELOTO

Voſſa mercê tem-me repetido tantas vezes que eu não ſei fazer nada ſem que primeiro m'o digam!

Entra JESSICA

JESSICA

Chamaes, meu pae? Quaes ſão voſſos deſejos?

SHYLOCK

Tive um convite para ceiar fóra;
Toma, aqui tens Jeſſica, as minhas chaves.
Por que é que eu vou? Não é por amiſade
O ſeu convite, não; mas por liſonja.
Irei por odio, irei, comer á cuſta
Do prodigo chriſtão. Jeſſica, filha,
Vela-me a caſa. Eu ſaio a muito cuſto.
Preparam contra mim alguma infamia.
Sonhei com prata, em ſacos, eſta noite.

LANCELOTO

Ide, peço-vos, meu ſenhor. Meu amo eſtá impaciente pela voſſa preſença.

SHYLOCK

E eu da ſua.

LANCELOTO

Elles fizeram entre ſi uma conſpiração. Eu não digo que vejaes maſcarada; mas ſe virdes uma, eſtá explicado porque o meu nariz entrou a deitar ſangue na ultima ſexta feira negra ás ſeis da manhã, depois de haver ſangrado muito tambem na quarta feira de cinza, paſſado o meio dia!

SHYLOCK

O qué? que dizes tu—que ha de haver maſcaras?
Fecha, Jeſſica, muito bem as portas,
E quando ouvires o tambor e o pifano,
Não trepes ás janellas, debruçando-te,
Para veres paſſar na rua publica,
De cara enverniſada os chriſtãos doidos.
Calafeta as orelhas d'eſta caſa,
Quero dizer janellas, evitando
Que o ruido da vã extravagancia,
Na minha auſtera habitação penetre.
Pelo cajado de Jacob eu juro
Que não tenho o mais minimo deſejo
D'ir agora ceiar fóra de caſa!

Mas irei. Anda tu, vae adiante,
Dize que eu já lá vou.

LANCELOTO

Senhor eu parto.

Baixo a JESSICA

Minha ſenhora, deixe fallar; chegue ſempre á janella:
«Vereis paſſar um chriſtão,
«Que bem merece o olhar d'uma judia.»

SHYLOCK

Eſte imbecil, filho de Agar, que diſſe?

JESSICA

Nada mais do que: «Adeus minha ſenhora.»

SHYLOCK

O farçante é finorio; mas enorme,
Enorme comilão, e na molleſa
Um caracol, dormindo todo o dia
Como um gato ſelvagem; os madraços
Não ſe coſem comigo. Vou cedel-o
A um certo perſonagem; que lhe ajude
A eſbanjar o metal tirado a juros.
Vamos, Jeſſica, entra; eu talvez volte

D'aqui a um ai. Fecha-me bem as portas.
«Fecha bem, acharás!» este proverbio
Não rança n'um eſpirito economico.

JESSICA

Adeus! quando a fortuna me não falhe,
Perdemos, eu um pae, tu uma filha!

SCENA IV

A MESMA SCENA

Entram GRACIANO, e SALARINO, maſcarados.

GRACIANO

É eſte aqui o alpendre onde Graciano
Nos diſſe de eſperar.

SALARINO

São quaſi as horas.

GRACIANO

Admira elle não vir, porque os amantes
Correm ſempre adiante do relogio.

SALARINO

Voam dez vezes mais pombas de Venus,
Para fellar d'amor os novos laços,
Do que para manter a fé jurada.

GRACIANO

É ſempre aſſim. Quem é que ao levantar-ſe
D'um banquete, ha de ter o bom appetite
Que tem ao começar? Qual o cavallo
Que ao regreſſar d'uma carreira longa
Conſerva o fogo do primeiro arranco?
Em tudo noſſo ardor é mais intenſo
No deſejar do que no proprio goſo.
Oh! como ſe parece ao filho prodigo
O navio enfunado, quando parte,
Impellido e beijado pela briſa,
Da bahia natal! Que ſemelhança
Não tem ao filho prodigo na volta,
Quando vem com o caſco em avaria,
Deſpedaçada a vela, extenuado
Da briſa—cortezã que o exhaurira!

SALANIO

Eis Lourenço... depois proſeguiremos.

Entra Lourenço

LOURENÇO

Meus amigos perdão d'eſta demora.
Deveis deitar a culpa aos meus negocios.
Se um dia vos tornaes ladrões de eſpoſas,
Farei por vós tão longa ſentinella!...
Vinde: o judeu meu pae aqui habita.
Olá! alguem?

JESSICA apparece á janella veſtida de pagem.

Sois vós? se sois dizei-o.
Poſto eu poſſa jurar que reconheço
A voſſa voz.

LOURENÇO

Lourenço, o teu amado!

JESSICA

Lourenço o meu amor! ſim, é verdade,
Quem poſſo amar eu tanto? mas agora
Quem ſabe, além de ti, ou quem, ao certo
Se eu ſou devéras teu amor, Lourenço?

LOURENÇO

De que o és, tens o ceo por teſtemunha,
E o teu proprio penſar.

JESSICA atirando-lhe um cofre

Agarra eſta boceta,
Vale a pena. Inda bem que é noite eſcura.
Oh que vergonha eu tinha ſe me viſſes
N'eſte diſſarce! Mas o amor é cego,
E não podem jámais ver os amantes
As ſublimes loucuras que praticam;
Se podeſſem, Cupido curaria
De ver-me aſſim n'um moço tranſformada.

LOURENÇO

Deſcei, que haveis de ſer meu porta-facho.

JESSICA

Como! Eu propria a allumiar o meu vexame?
Não é tamanho já e tão viſivel!
Como pois, meu amor, queres que eu ſirva
De dar luz no momento em que devia
Procurar eſconder-me.

LOURENÇO

Realmente
Não te eſcondas, ó minha encantadora!
N'eſſe teu trajo de gracioſo pagem,
Oh! vem! que o pôr da noite é fugidio;
Baſſaneo, p'ra ceiar por nós espera.

JESSICA

Eu vou fechar as portas e doirar-me
D'alguns ducados mais e ſou comtigo.

Retira-ſe da janella.

GRACIANO

Sim, pelo meu capuz, vou a jural-o
Ser ella uma gentil e não judia.

LOURENÇO

Oh! mal haja de mim ſe a não adoro.
Quanto poſſo julgar, ha n'ella eſpirito,
Se os olhos não me enganam, é formoſa,
E de como é fiel deu-me já provas.
Com talento, formoſa e dedicada,
Reinará, na minh'alma, eternamente!

Entra JESSICA

Ah! chegaſte!... pois bem, vamos depreſſa,
Que os noſſos companheiros maſcarados
Eſperam já por nós.

Entra ANTONIO

ANTONIO

Quem vem?

GRACIANO

Antonio.

ANTONIO

Olá Graciano, os outros onde param?
São nove já e todos vos eſperam.
Não temos eſta noite maſcarada.
Ha bom vento e Baſſaneo, agora meſmo,
Vae embarcar; mandei vinte peſſoas
A procurar-vos.

GRACIANO

Bem, o meu deſejo,
O meu maior deſejo era embarcar-me
E dar ás vellas eſta noite meſmo.

SCENA VII

BELMONTE — EM CASA DE PORCIA

Entram PORCIA e o PRINCIPE DE MARROCOS, um e outro com a sua comitiva

PORCIA

Que afaſtem as cortinas e que moſtrem
Os varios cofres a eſte nobre principe!

AO PRINCIPE

Fazei a eſcolha.

O PRINCIPE DE MARROCOS

É d'oiro eſte primeiro,
E tem, como inſcripção, eſtas palavras:

Quem me eſcolher ganhará o que muitos homens deſejam!

O ſegundo é de prata; eis a diviſa

Aquelle que me eſcolher alcançará quanto quizer!

É de chumbo o terceiro e por legenda
Eſtas palavras tem — brutas como elle:

Quem me eſcolher ha de dar e arriſcar quanto poſſuir!

Que farei eu para alcançar o premio?

PORCIA

Contém-ſe, n'um dos tres, o meu retrato.
Se daes com elle, ſerei voſſa, ó principe!

O PRINCIPE DE MARROCOS

Deus me inſpire! Vejamos, eu releio
As inſcripções. Que diz eſte de chumbo:

Quem me eſcolher ha de dar e arriſcar quanto poſſuir!

Dar quanto poſſuir, por quê? por chumbo?

Cofre ameaçador. O homem que arriſca
Quanto tem, não o faz ſenão na eſpr'ança
De haver em recompenſa um grande lucro.
Não ſe deixa embair um'alma doiro
Com metal de refugo. Eu não dou nada,
Nem quero arriſcar nada contra chumbo.
A prata conſultemos e vejamos
O que nos diz co'a ſua côr virginia:

Quem me eſcolher alcançará o que merece!

O que merece?... devagar, Marrocos,
E com mão imparcial peſa o que vales.
Se no apreço que fazes de ti proprio
Os demais te eſtimarem, n'eſſe caſo
Tens um certo valor, mas por ventura
Ter um certo valor ſerá baſtante
Para aſpirar á mão de tal beldade?
Oh! porém duvidar de quanto valho
Fôra em mim deſiſtencia puſſilanime.
O que eu mereço? ſim, mereço-a a ella
Pelo meu naſcimento, os meus haveres,
Prendas, educação e ſobretudo
Pelo amor que lhe voto; emfim, que eu veja
Se poſſo aqui fixar a minha eſcolha?...
Leiamos uma vez inda a ſentença,
Que eſtá gravada n'eſte cofre d'oiro:

Quem me eſcolher ganhará o que muitos homens deſejam!

Oh! que é por certo eſta formoſa dama!

Quem é que a não deſeja, toda a gente,
Das quatro partes d'eſſe mundo todo,
Corre para beijar o relicario
D'eſta ſanta mortal, que aqui reſpira.
As vaſtas ſolidões da immenſa Arabia;
Os deſertos da Hercania converteram-ſe
Em eſtradas reaes, que abriram principes,
Para vir viſitar a bella Porcia.
Eſſe liquido imperio cuja c'roa
Cospe a face do ceo, não é barreira
Que ſe opponha a remotos pertendentes,
Tranſpõem-na todos, qual regato humilde,
Só para contemplar a bella Porcia!
D'eſtes tres cofres um contém-lhe a imagem.
Será poſſivel que o de chumbo ſeja?
Fôra tal penſamento um ſacrilegio.
Ter n'eſte obſcuro tumulo o ſudario!?
Devo ſuppor que dentro d'eſta prata,
Que val dez vezes menos que oiro fino,
Eſteja emparedada? Iniqua idéa—
Uma perola tal—merece ao menos
Engaſte d'oiro. Exiſte na Inglaterra
Uma moeda d'oiro onde a figura
D'um anjo eſtá gravada; mas gravada
Á ſuperficie; em quanto aqui por dentro
N'um leito d'oiro um anjo eſtá deitado.
Dae-me a chave, eſte eſcolho: o mais á ſorte!

PORCIA

Eis a chave; e ſe acaſo o meu retrato
Dentro d'elle eſtiver, ſou voſſa, principe.

O PRINCIPE DE MARROCOS

Oh! inferno! o que vejo, um eſqueleto!
Vamos a lêr o que contém o eſcripto,
Que traz dentro dos olhos enrolado:

«Nem tudo o que luz é oiro
Tel-o-has ouvido affirmar.
Quantos venderam a vida
Só para me contemplar!
Tumulos d'oiro tem vermes,
Se acaſo tiveſſes ſido
Prudente quanto atrevido,
Moço de corpo e juizo,
Já velho amadurecido,
Não terias ſobre eſte pergaminho
A reſpoſta que tens;—pois na partida
Recebe um frio adeus, por deſpedida.»

Bem frio na verdade! Oh! vãos eſforços!
Chamma ardente! gelado deſeſpero.
Oh! Salvè! Adeus! Meu coração afflicto

Não pode prolongar o apartamento.
D'eſte modo ſe vão os que perderam!

PORCIA

Deſenlace feliz!... corre as cortinas!
Que os mais, da ſua côr, tenham tal ſorte!

SCENA VIII

VENEZA — UMA RUA

Entram SALARINO e SALANIO

SALARINO

Sim, meu amigo, eu proprio vi Baſſaneo
Dar á vela e Graciano ia com elle.
Lourenço, certo eſtou, não foi no barco.

SALANIO

O patife judeu, co'a gritaria,
Fez acordar o doge e ambos ſairam
A dar buſca ao navio de Baſſaneo.

SALARINO

Quando chegaram tinha dado ás velas;

Mas teve aviſo o doge que Lourenço,
Juntamente co'a amante, foram viſtos
N'uma gondola. Antonio diſſe ao duque
Que não iam no barco de Baſſaneo.

SALANIO

Eu nunca vi furor deſordenado,
Extranho, extravagante, incoherente,
Como o do cão judeu, por eſſas ruas!!
—«Ó filha! ó meus ducados! minha filha!...
Que lá me vae com um chriſtão fugida!...
Meus ducados chriſtãos!... A lei! Juſtiça!...
Os meus ducados com a minha filha!
Um ſaco cheio! dois! dos meus ducados.
Duplamente roubado! Duas bolſas
De joias de valor!... Foi minha filha;
Deitem-lhe a mão, agarrem-a. Juſtiça!
Que os ducados e as bolſas tem conſigo!»

SALARINO

É por eſſa razão que o rapazio
Das ruas de Veneza o vae ſeguindo,
A gritar-lhe ao ouvido: «Então que é feito
Dos ducados, das bolſas, e da filha!»

SALANIO

Se falta o noſſo Antonio ao dia fixo
Arriſca-ſe a pagar por iſto tudo!

SALARINO

Tu fazeſ-me ſciſmar ſobre o negocio.
Um francez, com quem hontem converſava,
Me contou que nos mares que ſeparam
A França d'Inglaterra ſe afundara
Um navio da praça de Veneza
Com carga de valor. Lembrou-me Antonio,
Com receio que foſſe algum dos d'elle.

SALANIO

Farás bem em dizer-lhe alguma coiſa;
Mas com cuidado, que ſe não afflija.

SALARINO

Não ha homem melhor em todo o mundo:
Vi Baſſaneo e Antonio ſepararem-ſe,
Prometteu-lhe, Baſſaneo, voltar breve,
E elle então reſpondeu. «Não faças nada,
Não arriſques por mim os teus negocios;
Deixa-os ao tempo; em quanto ao aſſignado

Que o judeu tem de mim, não preocupes
Com iſſo o teu penſar de enamorado.
Anda alegre e conſagra o teu eſpirito
A cortejar de modo deciſivo.»
E depois, com os olhos raſos d'agua,
Voltando o roſto e com a mão voltada
Apertou ternamente a mão do amigo.

SALANIO

Creio que préſa a vida unicamente
Por cauſa de Baſſaneo. Vem comigo,
Vamos vêr ſe podemos arrancal-o
Á ſua hypocondria e diſtraíl-o.

SALARINO

Vamos, ſim.

Saem

SCENA IX

BELMONTE — NO PALACIO DE PORCIA

Entra NERISSA acompanhada por um criado

NERISSA

Já, já, vamos, n'um ai, corre as cortinas.
Preſtou, ſeu juramento, o illuſtre principe
D'Aragão e procede á ſua eſcolha.

Entram o PRINCIPE DE ARAGÃO, PORCIA e a ſua comitiva.

PORCIA

Eis os cofres, olhae, ó nobre principe;
D'entre elles eſcolhendo o que me encerra,
Serão logo em ſeguida as noſſas nupcias.
Porém, não ſendo aſſim, nem mais palavra:
É deixar, eſta caſa, em continente.

O PRINCIPE DE ARAGÃO

Tres condições me impõe meu juramento:
Não dizer a ninguem qual foi dos cofres
Aquelle que eſcolhi. Depois, falhando
Na boa eſcolha, nunca mais na vida

Pretender rapariga em caſamento;
Deixar-vos e partir no meſmo inſtante.

PORCIA

Juram cumprir taes condições aquelles,
Que eſta indigna peſſoa pretenderem.

O PRINCIPE DE ARAGÃO

Eu eſtou preparado. Que a fortuna
Correſponda ás eſp'ranças da minh'alma!
O oiro, a prata, o chumbo vil, eſte ultimo,
Diz aſſim:

Quem me eſcolher arriſca quanto tiver.

Promette muito pouco a tua cara,
Para arriſcar por ella alguma coiſa.
O cofre d'oiro o que é que diz? Vejamos:

Aquelle que me eſcolher o que muitos ambicionam virá a ter.

Que muitos ambicionam!... Eſte *muitos*
Vem a dizer a multidão eſtulta,
Que ſe regula pelas apparencias,
Só crendo nos ſeus olhos deſlumbrados,
Que não penetra no interior das coiſas;
Mas, como as andorinhas ao ar livre,
Conſtroe os ninhos no exterior dos muros,
Á mão, e no caminho do perigo.

Eu não eſcolherei iſſo que muitos
Deſejam para ſi, porque não quero
Roçar pelos eſpiritos vulgares;
Nem reunir-me ás multidões ignaras.
Oh! eſtojo de prata, a ti agora!
Dize mais uma vez tua diviſa:

Aquelle que me eſcolher o que merece ha de ter.

Palavras verdadeiras! Quem quizera
Enganar a fortuna, recebendo
As honrarias a que falta o cunho
Do merito real? Ninguem ſe jacte
Por diſtincção a que não tem direito.
Ah! ſe os imperios, graduações, logares
Não ſe lograſſem pelo dolo infame,
Se as honras puras só compradas foſſem
Pelo valor que tem—oh! quantas gentes,
Que andam nuas, veſtidas andariam,
E commandados, muitos que commandam!
Quanto joio a eſtremar-ſe do bom trigo
Na ſeara da honra! E quantas honras
A recolher e dar priſtino brilho
D'entre a palha e ruinas do paſſado!
Porém tratemos d'eleger agora:

Aquelle que me eſcolher terá o que merecer.

Oh! creio que o mereço! Dae-me a chave

D'eſſe cofre; ao abril-o, em continente,
N'elle poſſa encontrar minha ventura.

Abre o cofre

PORCIA

Para o que haveis de achar é longa a eſpera!

O PRINCIPE DE ARAGÃO

Mas que vejo? O retrato de um demente,
Que um papel me apreſenta, tregeitando.
Quero lel-o. Oh! quão pouco te aſſemelhas
A Porcia, e como tu a minha eſp'rança
E quanto merecia emfim deſmentes!

Aquelle que me eſcolher terá o que merecer.

Ter em paga o retrato d'um demente!
Não valho nada mais, não mais mereço?!

PORCIA

São dois papeis de natureza oppoſta
O de reo e juiz.

O PRINCIPE DE ARAGÃO

Leiamos iſto:
«Por ſete vezes fui eu
Pelo fogo exp'rimentado.

Egualmente o deve ſer,
O ſabio que não tiver
Jámais na eſcolha falhado.
Ha no mundo creaturas
Que ſó abraçam as ſombras;
Eſſas taes nunca hão de haver
Mais que a ſombra das venturas.
São mentecaptos e tem
Superficie prateada,
Como a que eu tenho tambem.
Podes eſcolher eſpoſa,
Seja qual fôr, que ſerá
A minha cabeça ſempre
A que mais te convirá.
Adeus, pois, e parte já.»

Quanto mais me demoro n'eſta caſa,
Não ha que vêr, peor figura faço.
Ora vim cortejar trazendo a cara
D'um chapado idiota, e levo duas!
Adeus! minh'alma! cumprirei com tudo,
Sim, o meu juramento, ſupportando,
Com paciencia, os revézes da fortuna!

Sae o PRINCIPE DE ARAGÃO com a ſua comitiva

PORCIA

Aſſim ſe chamuſcou á luz a traça.

Oh! que parvos ſiſudos! quando eſcolhem,
Á força de penſar, ſó deſacertam.

NERISSA

Não mente o antigo rifão

«O caſamento e a mortalha
No ceo ſe talha!»

PORCIA

Vamos Neriſſa. Bem, corre as cortinas.

Entra um criado

CRIADO

Onde é que eſtá minha ſenhora e ama?

PORCIA

Aqui me tem. O meu ſenhor que manda?

CRIADO

Acaba de apear-ſe á voſſa porta
Um moço veneziano, veiu adeante
Annunciar que ſeu amo chega em breve.
Traz d'elle as ſaudações mais eloquentes,
Quer dizer, gracioſos cumprimentos

Acompanhados de valioſas dadivas.
Menſageiro d'amor tão attrahente
Nunca jámais o vi, e tambem nunca,
Denunciando o verão que ſe approxima,
Deſpontou em abril dia tão grato
Como é eſte correio, que precede
A ſeu amo e ſenhor.

PORCIA

Baſta, ſupplico-te.
Receio que m'o dês por teu parente
Viſto que em ſeu louvor eſtás gaſtando
Toda a facundia dos teus dias duplex.
Vamos, vamos, Neriſſa, anceio vel-o,
Eſte activo correio de Cupido,
Que tão diſtinctamente ſe apreſenta?

NERISSA

Baſſaneo, oh! Deus do amor! faz com que ſeja!

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO TERCEIRO

SCENA I

Uma rua em Veneza

Entram Salanio e Salarino

SALANIO

Vamos, que ſe diz no Rialto?

SALARINO

Ainda lá corre com inſiſtencia e ſem contradicção, que Antonio perdeu no eſtreito um barco ricamente carregado; no ponto, a que ſegundo penſo, chamavam os Goodwins, baixio, ao que dizem, perigoſiſſimo e fatal, onde jazem ſubterrados navios de alto bordo, ſe a comadre Fama é mulher honrada e de palavra.

SALANIO

Oxalá mentiſſe tanto n'eſte caſo como jámais mentiu comadre alguma roendo gengibre ou querendo

metter na cabeça dos viſinhos que chorava a morte do ſeu terceiro marido. Mas o que é certo, ſem andar com rodeios e circumloquios, é que o bom Antonio, que o honrado Antonio... Oh! quizera ter um epitheto baſtante nobre para applical-o ao ſeu nome.

SALARINO

Vamos, o reſultado?

SALANIO

Hein? que dizes tu? O reſultado ſoi perder um navio.

SALARINO

Quizera que foſſe eſſa a ultima das ſuas perdas.

SALANIO

Reſpondo-te depreſſa, Amen; não ſeja que o diabo ſe intrometta na minha oração, viſto que até aqui nos apparece ſob a figura de um judeu.

Entra SHYLOCK

SALANIO

Que ha de novo Shylock? O que é que corre entre os negociantes?

SHYLOCK

Sabeil-o muito bem; ninguem tão bem, ninguem melhor que vós eſtá ao corrente da fuga de minha filha.

SALARINO

Lá iſſo é certo. Eu por mim até conheço o alfaiate que lhe talhou as azas com que voou.

SALANIO

E Shylock por ſua parte ſabia que o paſſaro estava emplumado, e que em taes caſos o natural de todas as aves é abandonar o ninho.

SHYLOCK

Por iſſo ſerá condemnada!

SALARINO

Sim, ſe fôr o diabo que a julgar.

SHYLOCK

A minha carne e o meu ſangue a rebelarem-ſe contra mim!

SALARINO

N'eſſa edade?! Sume-te d'aqui carcaſſa putrida!

SHYLOCK

Digo que minha filha é a minha carne e o meu ſangue.

SALARINO

Ha mais differença entre a tua carne e a d'ella, que entre o azeviche e o marfim; mais entre o teu ſangue e o ſeu ſangue do que entre o vinho tinto e o vinho do Rheno. Porém reſponde-nos: ouviſte dizer ſe Antonio teve algum deſaſtre no mar?

SHYLOCK

Outro revés para mim! Um bancarroteiro, um diſſipador, que apenas ſe atreve a moſtrar agora a cara no Rialto; um miſeravel, ſim, elle, que ſe pavoneava n'outro tempo na praça publica. Que me tome tento no ſeu compromiſſo. Era useiro e vezeiro a chamar-me uſurario. Que me tome tento no ſeu compromiſſo. Empreſtava o dinheiro por caridade chriſtã! Que me tome tento no ſeu compromiſſo!

SALARINO

Vamos, eſtou convencido, que ſe faltar ao contracto não lhe tirarás a carne. Para que te ſervia?

SHYLOCK

Para engodo de peixes! Quando não preſte para alimentar outra coiſa, preſta para ſaciar a minha vingança. Deſgraçou-me, arrancou-me das mãos meio milhão, rio-ſe dos meus azares, e mofou dos meus proventos; ultrajou a minha nação, atraveſſou-ſe nos meus negocios, arrefeceu-me a eſtima dos meus amigos e accendeu-me o odio dos meus adverſarios. Por que motivo? Porque ſou um judeu. Um judeu não tem olhos, um judeu não tem mãos, orgãos, eſtatura, ſentidos, affectos, paixões? Não ſe nutre dos meſmos alimentos? Não é ferido das meſmas armas? Sujeito ás meſmas doenças? Curado pelos meſmos remedios? O calor do verão e o frio do inverno, como ſe dá nos chriſtãos, não entram com elle? Se nos picaes não deitamos ſangue? Não rimos ſe nos fazeis cocegas? Não morremos ſe nos envenenaes? E ſe nos ultrajardes não teremos direito a vingar-nos? Se a vós nos aſſemelhamos em tudo mais, havemos tambem de parecer-nos n'iſto. Se um judeu inſulta um chriſtão, o chriſtão porventura humilha-ſe? Não, vinga-ſe. Se um chriſtão offende um judeu, ſeguindo o

exemplo chriſtão, qual deve de ſer a ſua humildade? Vingar-ſe, é claro. As villanias que me haveis enſinado ponho-as em pratica, e muito difficil ſerá o caſo, ſe não conſeguir levar-vos a palma!

Entra um criado

CRIADO

Senhores, meu amo Antonio, eſtá em caſa e deſeja fallar a ambos.

SALARINO

Temos andado para cima e para baixo em ſua procura.

Entra TUBAL

SALANIO

Cá vem outro da tribu. Não pode chegar terceiro que os eguale, a não ſer que o proprio Satanaz ſe tranſforme em judeu.

Saem SALANIO, SALARINO e o criado

SHYLOCK

Então Tubal, que noticias temos de Genova? Achaſ-te minha filha?

TUBAL

Ouvi fallar d'ella em diverſos pontos; mas não pude encontral-a.

SHYLOCK

Vejam, vejam, vejam, oh! vejam! Perdido um diamante que me cuſtou dois mil ducados em Franchfort! A maldição nunca, ſenão agora, caíu ſobre o noſſo povo! Jámais o ſenti até hoje! Dois mil ducados perdidos além de outras precioſas, precioſas joias! Queria vêr minha filha morta a meus pés, com as minhas joias nas orelhas! Oxalá que a viſſe amortalhada a meus pés com os meus ducados dentro do ſeu caixão! Nenhuma noticia d'elles, não, nenhuma! E nem ſei quanto ſe deſpendeu em buſcal-os. Ai! de mim! Deſaſtre ſobre deſaſtre! Fugido o ladrão com tanto, e tanto deſpendido para dar com o ladrão! E nenhuma deſforra, nenhuma vingança! Não ſe depara infortunio que me não caía ſobre os hombros! Não ha ſuſpiros ſenão os que eu exhal-o! Não ha lagrimas ſenão as que eu derramo!

TUBAL

Ora!... Ha deſgraças para outros homens tambem. Antonio, ao que ouvi em Genova...

SHYLOCK

Quê? quê? quê? Uma deſgraça?... Uma deſgraça?...

TUBAL

Perdeu um galeão que lhe vinha de Tripoli.

SHYLOCK

Graças meu Deus! Graças meu Deus! Iſſo é verdade? Iſſo é verdade?

TUBAL

Eu fallei com alguns dos marinheiros que eſcaparam do naufragio.

SHYLOCK

Obrigado meu bom Tubal. Boa noticia, boa noticia. Ah! ali! Aonde, em Genova?

TUBAL

Tua filha gaſtou em Genova, ſegundo me diſſeram, oitenta ducados.

SHYLOCK

Cravaſ-te-me um punhal! Não verei mais o meu oiro! Oitenta ducados d'uma aſſentada! Oitenta ducados!

TUBAL

Chegaram comigo a Veneza diverſos credores de Antonio, e affirmaram-me que eſtá em taes extremos que não terá remedio ſenão quebrar.

SHYLOCK

Alegro-me com iſſo. Hei de amofinal-o, hei de pol-o a tormento. Alegro-me com iſſo.

TUBAL

Um d'elles moſtrou-me um annel que tua filha lhe deu por um macaco.

SHYLOCK

Que vá para as profundas! Eſtáſ-me torturando, Tubal! Era a minha turqueza! Tive-a das mãos de Lia quando era ſolteiro. Não a dava por um deſerto de macacos.

TUBAL

Mas emquanto a Antonio eſſe eſtá indubitavelmente arruinado.

BIBLIOTECA MUNICIPAL "ORIGENES LESSA"
Lençóis Paulista - SP

SHYLOCK

Lá iſſo é certo, certiſſimo. Anda Tubal. Põe ás minhas ordens um aguazil. Previne-o com quinze dias de anticipação. Se me falta tenho-lhe o coração; porque uma vez elle fóra de Veneza eſtou deſafogado nos meus negocios. Anda, anda Tubal, e vem ter comigo á ſynagoga. Anda meu bom Tubal, á noſſa ſynagoga.

SCENA II

BELMONTE — UM QUARTO EM CASA DE PORCIA

Entram BASSANEO, PORCIA, GRACIANO, NERISSA
e as peſſoas da comitiva
Eſtão os cofres deſcobertos

PORCIA

Eu peço! Meditae um ou dois dias
Antes de aventurar-vos, pois a eſcolha
Sendo má perco a voſſa companhia.
Não ſei quê—não o amor—me eſtá dizendo
Que não quero perder-vos, e ſabeil-o.
Odio não pode ſer quem tal inſpira.
Receiando não ſer bem comprehendida,

E uma virgem não tem outra linguagem,
Mais que o ſeu penſamento, deſejava
Demorar-vos aqui um ou dois mezes
Antes de aventurardes eſte lance.
Poderia enſinar-vos a maneira
De acertardes na eſcolha; n'eſſe caſo
Fôra perjura, e não o ſerei nunca.
Jogando aſſim podeis falhar, perdendo-me
Levaeſ-me a deſejar ter feito um crime,
O de haver perjurado. Olhos praguentos
Os voſſos olhos ſão! Enfeitiçaram-me,
E partiram-me em dois. Uma metade,
De mim propria, é já voſſa, a outra metade
Voſſa é tambem, quero dizer, é minha;
Porém ſendo ella minha é tambem voſſa,
E n'eſſe caſo então o todo é voſſo.
Oh! deſtino fatal! fatal é eſte,
Que oppõe barreiras entre o proprietario
E a propriedade, reſultando d'iſto
Não ſer voſſa apezar de pertencer-vos.
Que a fortuna e não eu ſeja a punida.
Fallo de mais, bem ſei; mas é no intento
De ter mão no tempo para prolongal-o,
E retardar aſſim a voſſa eſcolha.

BASSANEO

Oh! deixae-me eleger, que n'eſte eſtado
Eſtou vivendo poſto na tortura!

PORCIA

Na tortura Baſſaneo? Então dizei-me
Que traição ſe miſtura ao voſſo amor?

BASSANEO

Nenhuma, a não ſer a horrivel
Traição da deſconfiança,
Que me leva a duvidar,
Que logre emfim poſſuir
O que mais eu poſſo amar.
Antes podera exiſtir
Semelhança e relação
Entre a neve e entre o fogo,
Do que havel-a entre a traição
E o meu amor.

PORCIA

Sim, mas temo
Que falleis, bem pode ſer,
Como os homens na tortura.
Qual haverá, porventura,
Que levado a tal extremo
Não diga o que ſe quizer?

BIBLIOTECA MUNICIPAL
«ORIGENES LESSA»
Tombo N.o

BASSANEO

Promettei-me vós a vida,
Que eu prometto que a verdade
Tambem vos confeſſarei.

PORCIA

Bem; confeſſae e vivei.

BASSANEO

Confeſſae e amae; devieis
Haver-me dito, que então
N'iſſo eſtava reſumida
Toda a minha confiſſão.
Oh! que tortura bemdicta
Se o meu algoz me procura
Meios para me ſalvar;
Porém deixae-me, deixae-me,
Que eu vá a minha ventura
N'aquelles cofres buſcar.

PORCIA

Ide pois. Eſtou n'um d'elles.
Se o amor vos inſpirar
De certo me encontrareis.

Neriſſa, e vós, dae logar.
Emquanto eſcolher, que a muſica
Se faça ouvir, porque aſſim,
Se errar na eſcolha, o ſeu fim
Será egual ao do ciſne
Que ſe extingue entre a harmonia.
E para ſer mais perfeita
Eſta minha analogia,
Os meus olhos formarão
A corrente, o leito liquido
Em que venha a repouſar.
Porém no caſo que acerte
Que ha de a muſica fazer?
Tocar os hymnos feſtivos,
Com que os vaſſallos leaes
Rendem ſeu preito e homenagem
Ao rei que recentemente
Foi coroado. Entoar
Os ſons que ao romper d'aurora
Vem aos ouvidos do noivo
Enleiado docemente
Em gratos ſonhos, que o chamam
Ao hymineu. Vêde-o agora
Caminhar, gentil no porte,
E com muito mais paixão,
Que o joven Alcides, quando
Foi reſgatar o tributo,
Pago por Troia gemente,
Da virgem ſacrificada

Ao monſtro do mar! A victima
Que deve ſer immolada,
Agora ſou eu. Aquellas
As troianas, roſto em pranto,
Que ſaem a contemplar
O reſultado da empreſa.
Anda Hercules, ſe vives
Eu viverei! Bem maior,
Bem maior, poſſo dizer-te,
Ao preſencear o combate,
N'eſte inſtante, é o meu terror
Do que o teu, que vaes bater-te.

Muſica emquanto BASSANEO conſulta os cofres e reflecte

CANTO

Dize: o amor exiſte aonde?
Na cabeça ou coração?
De que fonte ſe deriva?
Como ſe nutre a paixão?
Oh! reſponde-me, reſponde!

Naſce nos olhos; ſuſtenta-ſe
Do olhar, e vem a morrer
No berço que o viu naſcer.
Dobremos todos, dobremos
Do amor a funebre campa
Eu entôo: Dlin, dlin, dlão.

TODOS

Dlin, dlin, dlão.

BASSANEO

Sim, o externo eſplendor rebaixa ſempre
O intrinſeco valor. O mundo vive
De continuo offuſcado pelas pompas.
Qual a cauſa em juizo, por mais negra
E corrupta que ſeja, que não logre
Certo triumpho, havendo por ſeu lado
Voz eloquente que lhe encubra os vicios?
Em religião exiſte, porventura,
Hereſia que ſendo auctoriſada
Por um ſemblante auſtero e por um texto,
Se não eſconda no primor d'ornatos?
Não ha vicio por ſimples que não ſaiba
Appropriar-ſe das fórmas da virtude.
Quantos poltrões não ha tredos nos animos
Como degraus d'areia, e todavia
Apreſentam no queixo as barbas de Hercules
E do terrivel Marte! Pois ſondae-os,
Sondae-os bem no fundo, haveis de achar-lhes
Os figados mais brancos do que o leite.
E quando a eſpuma da bravura affectam,
É ſó para fazer de formidaveis!
Olhae para a belleza e convencei-vos

Que a belleza ſe alcança a peſo d'oiro.
Dá-ſe um milagre então na natureza:
Serem as mais peſadas as mais leves.
Exemplo: as tranças d'oiro d'anneis creſpos,
Que folgam ſoltas co'a traveſſa aragem
Em ſuppoſta beldade, quantas vezes
Não ſão reconhecidas como herança
De ſegunda cabeça, pois o craneo
Onde ellas ſe nutriram jaz no tumulo!
São os enfeites a traidora imagem
Do mar terrivel! A precioſa faxa
Que encobre o roſto da formoſa indiana.
N'uma palavra: o aſpecto da verdade
De que ſe apoſſa o noſſo tempo aſtuto,
Para poder lograr os mais prudentes.
Oiro fulgido, tu, duro alimento
De Midas não te quero, e não te quero
Ó pallido metal, vulgar agente
Entre os homens e os homens. Pobre chumbo,
Tu que antes ameaças que promettes,
Mais me promette a mim tua ſimpleza,
Muito mais que dos outros a eloquencia!
A ti eſcolho pois, e d'eſſa eſcolha
Me reſulte a ventura!

PORCIA

Como todas,
Todas as mais paixões, a inquieta dúvida,

O deſeſpero atroz, o horrido medo,
Mordaz ciume d'oiro eſverdeado,
Diſſipam-ſe no ar! Amor, reprime
Teus impetos, modera-te nos extaſis,
Diſpende teus afagos com prudencia,
Diminue eſte exceſſo de ventura;
Eu ſinto em demaſia os teus favores;
Receio ſuccumbir á força d'elles!

BASSANEO

Que vejo! A imagem da eſplendente Porcia!
Qual ſemi-deus jámais ſe approximara
Tanto da creação! Seus olhos movem-ſe,
Ou ſerá, que agitando-me as pupillas,
Me parece que eſtão em movimento!
Eis aqui eſtes labios entreabertos,
Separados por halito balſamico.
Oh! barreira tão doce, nunca, nunca
Separou dois amigos tão affectos!
Vêde os cabellos! Imitando a aranha,
Rede d'oiro o pintor teceu mais forte,
Para apanhar o coração dos homens,
Do que a teia d'aranha para as moſcas.
E os olhos! Como foi que teve viſta
Para os poder pintar? Um acabado
Baſtava, penſo eu, para cegal-o
D'ambos os ſeus, ficando a obra imperfeita.
Porém tanto eu ultrajo eſte retrato,

Com elogios muito abaixo d'elle,
Quanto elle do modello ſe ameſquinha.
Eis o eſcripto que encerra o meu deſtino.

Lê:

«Sem te levar d'apparencias
A eſcolher te reſolveſte.
Tiveſte ſorte propicia
E boa eſcolha fizeſte.
Já que lograſte encontrar
A ventura, ſê ditoſo,
Não queiras mais procurar.
Se a ſorte quiz acertar
No que era mais do teu goſto,
Mais teu ardente deſejo,
Vae ter com a tua dama,
E pede-lhe a poſſe agora
Por um amoroſo beijo.»

Eſcripto encantador! Formoſa dama
Conſenti, conſenti.

Dá-lhe um beijo

Eu apreſento-me
Em nome do que reza eſte papel,
E venho para dar e receber.
Qual um dos dois atletas que diſputa
O premio a que julgava ter direito
Ante os olhos do publico, eſcutando
Os applauſos geraes, turbado o eſpirito.

Pára e olha em ſuſpenſo, duvidoſo
Se é a elle que miram taes triumphos,
Tres vezes bella dama, eu juſtamente
Em egual poſição me vejo agora:
Não poſſo acreditar no que eſtou vendo,
Sem que primeiro ſeja eſta verdade
Com a voſſa aſſignatura confirmada...

PORCIA

Tal qual eu ſou, ſenhor, aqui me vêdes.
Por mim não ambiciono a formoſura;
Porém para agradar-vos... oh! quizera
Treplicar vinte vezes quanto valho;
Ser mil vezes mais bella, ſer mais rica
Dez mil vezes, tudo iſto unicamente
Para poder primar em voſſa eſtima.
Sim, ſó por iſſo anhelo, honras, virtudes,
Encantos, bons amigos, bens innumeros.
Mas quanto eu ſou reduz-ſe a uma palavra:
Uma ſimples, ingenua rapariga,
Sem inſtrucção, ſem experiencia, apenas
Feliz por não haver ultrapaſſado
A edade de aprender, feliz ainda
Por não haver naſcido rude a ponto
De negar-me a aprender, e feliciſſima
Por poder ſubmetter meu genio docil
Á voſſa direcção, como meu meſtre,
Meu ſenhor e meu rei! Sim, porque eu meſma,

E quanto me pertence é voſſo agora.
Ha pouco era ſenhora d'eſta caſa,
De mim e dos meus famulos, agora
Caſa, famulos, eu, ſenhor, ſão voſſos.
Com eſte annel tudo vos dou. Se um dia
Vindes a dal-o ou a perdel-o, então
Será eſſe o principio da ruina
Do noſſo amor; e dando-ſe tal caſo
Só teria de vós a lamentar-me!

BASSANEO

Tiraſte-me o poder, ſenhora minha,
Para vos reſponder. Só o meu ſangue,
N'eſte inſtante, vos falla em minhas veias.
As mais potencias do meu ſer agitam-ſe
Confuſamente em mim! E tal ſuccede
Depois de ouvida uma oração magnifica
Proferida por principe adorado;
Entre o rumor da multidão paſmada,
Fundem-ſe aquelles ſons, que todos juntos
Formam um cahos d'onde reſalta apenas
A alegria expreſſada ſem palavras.
Quando venha eſte annel a ſeparar-ſe
Um dia d'eſte dedo, n'eſſe dia,
Que ſe aparte d'aqui a minha vida!
Segura então dizei «Baſſaneo é morto!»

NERISSA

Meu ſenhor e ſenhora, é tempo agora,
Nós que vimos colmados voſſos votos,
D'exclamarmos: oh! ſêde venturoſos.
Parabens meu ſenhor, minha ſenhora.

GRACIANO

Senhor Baſſaneo, e vós formoſa dama,
Quanta fortuna ambicionaes, deſejovol-a.
E vós não deſejaes por certo alguma
Que me ſeja nociva. Em vós, ſenhores,
Chegando a conſummar o voſſo enlance,
Haveis de permittir tambem que eu caſe.

BARRANEO

De todo o coração. Procura eſpoſa.

GRACIANO

Obrigado ſenhor, vós déste-me uma.
São meus olhos tão finos como os voſſos.
Miraſtes a ſenhora, eu a ſua aia.
Amaſtes, eu amei! nós ambos ſomos
Capitaes inimigos de tardanças.
A fortuna encerrada n'eſſes cofres

Eſtava para vós. Por incidencia,
Egualmente tambem eſtava a minha.
Cuſtou-me o cortejar ſuor em bagas.
Em proteſtos d'amor ſequei a lingua;
Porém, emfim, quando promeſſas valham,
Alcancei co'a palavra d'eſta bella
O ter o ſeu amor, caſo que a ſorte
Vos permitiſſe conquiſtar ſua ama.

PORCIA

Neriſſa é certo?

NERISSA

Sim, minha ſenhora,
A ſer de voſſo agrado.

BASSANEO

Andas de boa fé?

GRACIANO

Palavra d'honra!

BASSANEO

Voſſa união dá realce ás noſſas bodas.

GRACIANO

Mas quem chega? Lourenço acompanhado
Pela ſua infiel! Tambem Salerio?
Meu bom e velho amigo de Veneza?

Entram LOURENÇO, JESSICA e SALERIO

BASSANEO

Ó bem vindos, Lourenço e vós Salerio.
Se poſſe tão recente como a minha,
Me dá direito aqui a receber-vos,
Conſentindo-me vós, ó cara Porcia,
Direi aos meus amigos e patricios,
Que ſejam os bemvindos a eſta caſa.

PORCIA

Tambem eu, meu ſenhor, digo bemvindos.

LOURENÇO

Obrigado mil vezes, não contava,
O vir ver-vos aqui; mas encontrando
Salerio no caminho, inſtou-me tanto,
Que não pude negar-me a acompanhal-o.

SALERIO

E eu tinha, meu ſenhor, os meus motivos.
Trago lembranças para vós de Antonio.

BASSANEO

Dizei-me, pois, antes que eu abra a carta,
Como é que paſſa o meu tão caro amigo?

SALANIO

Não doente ſenhor, ſenão d'eſpirito,
E tão pouco não bem senão d'eſpirito.
Pela carta vereis o ſeu eſtado.

GRACIANO

Neriſſa, feſtejae a recemvinda,
Salerio, a mão, que temos de Veneza?
O real negociante, o bom Antonio,
Como vae? Sei de certo que elle folga
Com a noſſa boa ſorte. Conquiſtamos,
Jaſões, o vellocino.

SALERIO

Ah! ſe encontraſſem
O vellocino que perdeu Antonio!!

PORCIA

Eſſa carta contém algum ſiniſtro!
Deſmaia a côr nas faces de Baſſaneo!
Talvez a morte d'algum caro amigo,
Que na terra outra coiſa não podia
Mudar de modo tal o temp'ramento
D'um homem tão ſereno! O quê? recreſce
A ſua turbação! Oh! permitti-me...
Sou, Baſſaneo, metade de vós meſmo,
E devo, francamente, ter metade
No que encerra eſſa carta.

BASSANEO

Oh! cara Porcia,
Nunca jámais palavras tão ſiniſtras
Mancharam o papel! Gentil ſenhora,
Ao declarar-vos meu amor, eu diſſe-vos,
Co'a franqueza maior, que quanto havia
Eſtava no meu ſangue,—que era nobre,
E não menti então. Mas todavia
Avaliando-me aſſim, Porcia adorada,
Pequei por impoſtor. Quando vos diſſe
Que os meus bens eram nada, deveria
Ter dito que eram menos do que nada.
Para lograr prover-me de recurſos,
Comprometti-me com um nobre amigo

E fui compromettel-o, collocando-o
Nas mãos do mais cruel dos ſeus contrarios!
Eis eſta carta, eſte papel parece-me
A propria carne do meu pobre Antonio,
E as lettras n'elle eſcriptas, as feridas
Por onde brota o ſangue com a vida.
Então, Salerio, é certo, falhou tudo?
Nada vingou? De Tripoli, do Mexico,
D'Inglaterra, Liſboa, Berberia,
Da India, nada?! Um ſó baixel ao menos
Não eſcapou d'eſſes parceis terriveis,
Ruina capital dos negociantes!

SALERIO

Nenhum, ſenhor, e acreſce ainda além d'iſſo,
Que quando elle tiveſſe hoje o dinheiro,
O judeu recuſava-ſe a acceital-o.
Jámais vi creatura reveſtida,
De fórma humana tão encarniçada
Contra um homem, ardendo por perdel-o.
Aperta dia e noite com o doge,
Tendo ſempre na bocca a ſegurança
Do eſtado ſe lhe negam a juſtiça.
Vinte dos mais notaveis negociantes,
Tambem o proprio doge, inda os magnificos
Tentaram todos juntos convencel-o:
Nada lhe abala a rancoroſa teima,
Da multa, da juſtiça, da eſcriptura!

JESSICA

Quando eſtava com elle ouvi jurar-lhe,
A Tubal mais a Chus, ſeus conterraneos,
Que preferia ter d'Antonio a carne
A vinte vezes o valor da divida!
Eſtou certa, ſenhor, que não ſe oppondo
As leis, a auctoridade, todo o eſforço
Do poder contra tal — pobre d'Antonio!

PORCIA

O voſſo bom amigo é que ſe encontra
N'eſſa afflicção?

BASSANEO

O meu mais certo amigo
O melhor homem, o mais nobre eſpirito,
O mais infatigavel preſtadio;
N'uma palavra, emfim, o homem que oſtenta
Mais as virtudes da vetuſta Roma
D'entre quantos reſpiram em Italia!

PORCIA

Deve ao judeu?...

BASSANEO

Por mim, tres mil ducados.

PORCIA

Como? pois nada mais? Bem, n'eſſe caſo
Dae-lhe ſeis mil e raſgue-ſe a eſcriptura,
Dobrae eſtes ſeis mil e triplicae-os,
Antes que perca amigo com taes dotes
Um cabello por culpa de Baſſaneo.
Em primeiro logar vamos á egreja,
Para que ahi me deis nome de eſpoſa,
E em ſeguida parti para Veneza
A ter com o voſſo Antonio, porque nunca
Com a alma em ſobreſaltos, vos quizera
Ter a ſeu lado Porcia. Tereis oiro
Para pagar eſſa pequena divida
Vinte vezes, e quando ſatiſfeita,
Voltae trazendo o voſſo honrado amigo.
Neriſſa e eu no entanto viveremos
Como ſendo donzellas e viuvas.
Vinde pois, já que emfim vos é forçoſo
Partir logo em ſeguida ás noſſas nupcias.
Tratae com diſtincção voſſos amigos:
Apreſentae-lhe um roſto praſenteiro.
Se caro vos comprei, encarecido

Por vós ſerá tambem o meu affecto.
Que diz pois n'eſſa carta o voſſo Antonio?

BASSANEO lendo

«Meu caro Baſſaneo.—Perdi todos os meus navios. Os meus haveres quaſi no chão. A lettra que aſſignei ao judeu, proteſtada, e como, quando a pagaſſe, me ſeria ainda impoſſivel viver, todas as dividas que tens comigo ficariam ſaldadas ſó com poder ver-te antes da minha morte. Todavia ſegue a tua inclinação. Se a tua amiſade não te impelle a vir ver-me, não tenha eſſe poder a minha carta.—*Antonio.*»

PORCIA

Amor! apreſſa tudo, e parte, parte!

BASSANEO

Viſto que tu conſentes, ſim, apreſſo-me.
Até á minha volta nenhum leito
Terá parte culpada na demora,
Nem deſcanço ha de oppor-ſe entre nós ambos.

SCENA III

VENEZA — UMA RUA

Entram SHYLOCK, SALANIO, ANTONIO e o carcereiro

SHYLOCK

Carcereiro, olho n'elle. Não me fallem
Agora de perdão. Vejam o neſcio
Que empreſtava de graça o ſeu dinheiro.
Carcereiro, olho n'elle e bem attento!

ANTONIO

Todavia eſcutae-me, bom Shylock.

SHYLOCK

Exijo o meu contracto; não me venham
Com deixar de cumprir-ſe o meu contracto;
Jurei que o meu contracto ha de cumprir-ſe.
Tu, chamaſte-me cão ſem mais nem menos;
Sou cão — pois bem — cautella com os dentes!...
Certo que o doge me fará juſtiça.
Eſpanto-me de vêr, mau carcereiro,

Que ſejas fraco a ponto de deixal-o
Sair comtigo ſó por ſeu pedido.

ANTONIO

Ouve-me, imploro.

SHYLOCK

Exijo o meu contracto;
Não quero ouvir-te; o meu contracto exijo.
Não tens que me dizer. De mim não fazem
Um d'eſtes bonachões, de olhos contrictos,
Que ſe abalam, ſuſpiram, enternecem,
Cedendo a inſtancias de chriſtãos. Não ſigas
Atraz de mim. Palavras não as quero:
Não quero nada mais que o meu contracto.

SALANIO

Maſtim mais vil e mais inexoravel
Nunca jámais roçou por entre os homens!

ANTONIO

Deixemol-o. Eu não quero perſeguil-o
Com ſupplicas inuteis. O motivo
Porque elle exige a minha vida, ſei-o:
Frequentes vezes lhe arranquei as victimas

Que a mim ſe ſoccorriam. Eis a cauſa
Do rancor que me tem.

SALANIO

Certo que o doge
Não pode validar tal compromiſſo.

ANTONIO

O doge o que não pode juſtamente
É deſpreſar a lei. As garantias
Que entre nós, em Veneza, os eſtrangeiros
Coſtumam ter, não podem ſer ſuſpenſas,
Sem que a juſtiça d'eſte eſtado falhe
Ante os olhos de tantos negociantes,
De diverſas nações, cujo commercio
Conſtitue a riqueza da cidade.
Venha ſeja o que fôr! Eſtes deſgoſtos,
Sobre as perdas fataes que tenho tido,
Por modo tal me tem extenuado,
Que uma libra de carne é quanto poſſo
Entregar ámanhã — nem talvez tanto —
Nas mãos do meu credor ſanguinolento!
Vamos, ávante, carcereiro, ávante!
Permitta Deus, Baſſaneo, chegue a tempo
De ver-me reſgatar a ſua divida,
Porque então tudo o mais pouco me importa.

SCENA IV

BELMONTE — UM QUARTO EM CASA DE PORCIA

Entram PORCIA, NERISSA, LOURENÇO, JESSICA e BALTHASAR

LOURENÇO

Já, ſenhora, ante vós o havia dito:
Que tinheis a mais nobre e juſta idéa
Da divina amiſade. A mais energica
Das provas ſe revela na maneira
De ſuportar de voſſo eſpoſo a auſencia.
Porém ſe conheceſſeis a peſſoa
A quem preſtaes eſte ſerviço, a honra
Do gentil-homem a que daes auxilio;
Quanto ama a meu ſenhor e voſſo eſpoſo,
Eſtou certo que mais vos agradara
Haver feito eſta acção, do que ter feito
Qualquer outra vulgar benificencia.

PORCIA

Do bem que fiz, jámais me arrependi,
Nem me arrependo agora. Companheiros
Que vivem, paſſam juntos a exiſtencia,
E cujas almas por egual compartem

O jugo da amiſade, é neceſſario
Que tenham entre ſi a affinidade
De coſtumes, de fórma e ſentimentos.
Iſto me leva a crer, que ſendo Antonio
De meu eſpoſo tão dilecto amigo,
Se pareça tambem com meu eſpoſo.
Sendo aſſim, fiz pequeno ſacrificio
Para das mãos d'uma infernal crueza
Arrancar eſſa imagem da minh'alma.
Iſto redunda em gabo de mim propria,
E não fallemos mais em tal aſſumpto.
Eſcutae outra coiſa. A vós Lourenço,
Fica entregue eſta caſa e ſeu governo,
Emquanto não voltar o meu marido.
Por mim, ao ceo fiz em ſecreto um voto:
Dar-me á prece e viver contemplativa,
Sómente acompanhada de Neriſſa,
Até que volte ſeu e meu conſorte.
Ha d'aqui duas milhas um moſteiro.
E nós n'eſſa manſão habitaremos.
Acceitae eſte encargo, eu vol-o peço,
Com que a minha affeição e as circumſtancias
Agora vos carregam.

LOURENÇO

Oh! ſenhora,
De todo o coração, agora e ſempre
Eu cumprirei voſſas amaveis ordens.

PORCIA

Sabem os meus criados meus deſignios,
E vos hão de guardar toda a obediencia,
Como á voz de Baſſaneo e de mim propria.
Adeus, e que a fortuna vos proteja,
Até á voſſa volta.

LOURENÇO

Alegre eſpirito,
E bem fadadas horas vos eſperem!

JESSICA

Que o voſſo coração palpite em jubilos!

PORCIA

Graças mil pelos voſſos bons deſejos.
Egualmente tambem vos correſpondo.
Adeus Jeſſica.

Vão-ſe JESSICA e LOURENÇO

Balthaſar, eſcuta:
Sempre honrado e fiel te achei, eſpero
Achar-te o meſmo agora. Eis eſta carta:
Corre a Padua co'a maxima preſteſa,
E na mão propria do doutor Belario,

Que é meu primo, tu deves entregal-a.
Attende; olha, os papeis e o veſtuario
Que elle tem para dar-te, has de leval-os,
Tão veloz como o proprio penſamento,
Ao logar onde param de ordinario
Os barcos que conduzem a Veneza.
Não deſpendas o tempo com palavras.
Parte: eu, antes que tu, lá hei de achar-me.

BALTHASAR

Irei, ſenhora, co'a maior preſteza.

PORCIA

Vem cá Neriſſa: eu tenho inda uns projectos
Que te não diſſe a ti. Noſſos maridos
Antes do que elles penſam, nós veremos.

NERISSA

E elles tambem a nós?

PORCIA

Certo, Neriſſa;
Porém em trajo tal que hão de ſuppor
Que nós temos aquillo que nos falta.
Apoſto quanto queiras; quando as duas

Eſtivermos veſtidas de rapazes,
O moço mais bonito, d'entre as duas
Eſtou que hei de ſer eu; ſim, com mais graça
Hei de cingir a eſpada; avantajar-te,
Imitando o rapaz que paſſa a homem
No aflautado da voz; trocar com arte
Em paſſadas virís os meus paſſinhos;
Fallar de brigas co'a filaucia propria
D'um moço fanfarrão; narrar embuſtes
De engenhoſo primor. De illuſtres damas,
Dizer como por mim ſe apaixonaram,
E caíram enfermas, e morreram;
Porque eu com meus deſdens as regeitara.
Não podia com todas entender-me.
Farei cara, depois, de arrependido,
Laſtimando, por fim, o dar-lhes morte.
Vinte hiſtorietas taes dirão meus labios,
E ao eſcutal-as jurarão os homens,
Que ſaí do collegio ha mais de um anno.
Tenho na mente mil das aventuras
Que atiram ſempre os bravatões meninos,
E quero-as pôr em pratica a ſeu tempo.

NERISSA

O quê?—nos vamos tranſformar em homens?

PORCIA

Ora!... Neriſſa, que pergunta a tua,
Se eſtiveſſe a teu lado um malicioſo!
Mas vem. Vou confiar-te os meus projectos
Aſſim que nos mettermos no meu coche,
Que eſpera á porta do jardim. Partamos,
Partamos ſem demora. Inda hoje temos
A fazer vinte milhas de jornada.

SCENA V

BELMONTE—UM JARDIM

Entram LANCELOTO e JESSICA

LANCELOTO

Sim, é verdade: olhae; os peccados dos paes recaem ſobre os filhos. É por iſto que me arreceio por vós. Fallei-vos ſempre com franqueza e do meſmo modo vos fallarei n'eſte caſo. Tende animo; porque em conſciencia vos julgo condemnada. Reſta, apenas, uma eſperança, e todavia eſſa meſma é uma eſpecie de eſperança baſtarda.

JESSICA

Podes dizer-me que eſperança é eſſa?

LANCELOTO

Realmente: podeis, até certo ponto, eſperar que elle não ſeja o voſſo proprio pae; que não ſejaes a filha do judeu.

JESSICA

Eſſa é que ſeria, fóra de duvida, uma eſpecie de eſperança baſtarda: em tal caſo os peccados de minha mãe é que recaíriam ſobre mim.

LANCELOTO

Pois á fé vos digo: Receio que eſtejaes condemnada pelo lado paterno e pelo materno: n'eſſe caſo, fugindo de Scylla, voſſo pae, vou cair em Carybdes, voſſa mãe. Vamos, que por ambas as linhas eſtaes perdida.

JESSICA

Meu marido, que me tornou chriſtã, ha de ſalvar-me.

LANCELOTO

Raſão de mais para o cenſurarem. Nós eramos já ſufficiente numero de chriſtãos para nos accommodar-mos uns com os outros. Eſta ancia de chriſtianiſar, ha de augmentar grandemente o valor dos porcos. Se damos todos em comer carne de porco, em pouco tempo não teremos, com o noſſo dinheiro, uma iſca para pôr na grelha.

Entra LOURENÇO

JESSICA

Lanceloto, vou contar a meu marido o que acabaſte de dizer. Eil-o que chega.

LOURENÇO

Em breve arderei em ciumes, ſe te vejo andar aſſim pelos cantos com minha mulher.

JESSICA

Não tens que te arreceiar de nós, Lourenço. Lanceloto e eu eſtamos diſcordes. Elle diz-me cruamente que não ha no ceo perdão para mim, porque ſou filha de um judeu, e ſuſtenta que ſois um mau cidadão da republica, porque convertendo os judeos em chriſtãos, fazeis ſubir o preço da carne de porco.

LOURENÇO

Mais facilmente me juſtificara eu de tal acuſação perante a republica do que tu da gravidez da moira. A moira, Lanceloto, eſtá aſſim por tua cauſa.

LANCELOTO

Muito é que apparente mais do que o raſoavel; mas quando ſeja menos do que uma mulher honrada, ſempre é mais ainda do que eu imaginava.

LOURENÇO

Como todos os parvos ſão faceis em jogar com as palavras! Supponho que em breve o ſilencio ſerá o apanagio do talento, ao paſſo que a palavra ſervirá apenas para os papagaios. Anda, malandrim. Vae dizer que ſe apromptem para o jantar.

LANCELOTO

Eſtão promptos, ſenhor; todos elles teem bom eſtomago.

LOURENÇO

Santo Deus! Como és dado ao trocadilho! Dize-lhes que preparem o jantar.

LANCELOTO

Tambem eſtá preparado, Senhor, *cobrir* é a palavra.

LOURENÇO

Então, *cubra-ſe*, meu ſenhor.

LANCELOTO de chapeo na mão

Não farei tal. Conheço o meu dever.

LOURENÇO

Ainda queſtão de palavras. Queres oſtentar, n'um relance, todo o primor do teu engenho. Quem te falla é um homem ſimples. Digna-te comprehender a ſua ſimples linguagem. Vae ter com os teus camaradas, dize-lhes que ponham a meſa, que ſirvam os pratos e que vamos comer.

LANCELOTO

Emquanto á meſa, ſenhor, ſerá poſta; os pratos ſerão cobertos; a reſpeito da noſſa ida para o jantar, ſerá ſegundo o determinar o voſſo humor e phantaſia.

Sae

LOURENÇO

Rara finura! Como eſſas palavras ſe concatenam! O imbecil amontuou na memoria um exercito de bons conceitos. Muitos neſcios, de mais alta proſapia, conheço eu, que veem armados em guerra e que baſta uma phraſe picareſca para lhes deſmanchar o embrexado! Como vae eſſe animo, Jeſſica? Dize-me querida, dize-me a tua opinião: Como te parece a eſpoſa de Baſſaneo?

JESSICA

Acima de todo o elogio! É forçoſo que elle tenha uma vida exemplar; porque logrando a ventura de poſſuir tal eſpoſa, antegoſta na terra as felicidades do ceo, e ſe não fôr capaz de as apreciar n'eſte mundo, é bem não entre jámais no paraiſo. Sim, ſe dois deuſes fizeſſem uma celeſte apoſta, e como premio pozeſſem duas mulheres da terra, ſendo Porcia uma d'ellas, era forçoſo accreſcentar alguma coiſa a outra, porque eſte pobre e groſſeiro mundo não tem a ſua ſemelhante.

LOURENÇO

Vamos, tu tens em mim um marido que é tal qual o que ella é como eſpoſa.

JESSICA

Sim, mas conſulta tambem a minha opinião ſobre eſſe ponto.

LOURENÇO

Logo o farei. Agora vamos jantar.

JESSICA

Não; deixa que te faça o elogio emquanto eſtou com bom appetite.

LOURENÇO

Não, peço-te; reſerva-o para converſação de poſtre; porque então, ſeja o que fôr que tu diſſeres, digeril-o-hei com o reſto.

JESSICA

Bem; lá te hei de pôr em evidencia.

Saem

FIM DO TERCEIRO ACTO

ACTO QUARTO

SCENA I

Em Veneza — Um tribunal

Entram O Doge, os Magnificos, Antonio, Bassaneo,
Graciano, Salarino, Salanio
e outros perſonagens

O DOGE

Antonio eſtá ahi?

ANTONIO

Ás ordens voſſas.

O DOGE

Bem o ſinto por ti, mas tens de haver-te
Com feroz, implacavel inimigo,
Mais duro do que a rocha, em cujo ſeio
Não exiſte nem ſombra de clemencia!

ANTONIO

Eu ſei que voſſa graça tem buſcado,
Com grande eſforço, moderar os impetos

De tal perſeguição; mas deſde o inſtante
Que não ha abalal-o, e não ha meio,
Na lei, para eſcapar-me do ſeu odio,
Opponho a ſeu furor minha paciencia,
Prompto para ſoffrer, tranquillo d'alma,
Da ſua alma a ſanhuda tyrania!

O DOGE

Que ſaia um de vós outros e conduſa
A eſta ſala o judeu.

SALANIO

Eſpera á porta,
E vae entrar, ſenhor, agora meſmo.

Entra SHYLOCK

O DOGE

Dae logar. Que eu o veja cara a cara!
Todos penſam, Shylock, e eu tambem penſo,
Que tratas de levar eſta apparencia
Da tua crueldade ao ponto maximo;
Mas que chegando ahi — aſſim ao menos
O julgam tambem todos — darás moſtras
De brandura e clemencia, inda mais raras
Do que a tua ſuppoſta crueldade.
Em vez de inſtar na multa — iſto é, na libra
Da carne d'eſſe pobre negociante —

Não ſó darás de mão a tal propoſito;
Mas tocado de humanos ſentimentos,
Perdoarás da divida a metade,
Deitando olhar piedoſo ſobre as perdas
Que ha tempos a eſta parte o tem proſtrado:
Perdas taes que levaram á ruina
Um real mercador! Iſto é baſtante
Para attrair ſobre elle a ſympathia
Dos bronzeos corações, das almas feras,
De tartaros e turcos não affeitos
A exercitar jámais a caridade!
Nós contamos, judeu, com que a reſpoſta,
Que tens a dar, nos ſeja favoravel.

SHYLOCK

Eu dei parte, ſenhor, a voſſa graça,
E jurei pelo noſſo ſanto ſabbado,
Cobrar a multa na eſcriptura impoſta.
Se o negaes, n'eſſe caſo, as conſequencias
D'uma tal infracção, recaiam todas
Sobre os foros e leis d'eſta cidade.
Perguntaeſ-me tambem porque prefiro
Uma libra de carne putrefacta
A receber os meus tres mil ducados:
Não quero reſponder a tal aſſumpto;
Direi, apenas, ſer o meu capricho.
Não é reſponder bem?—Quê?!... ſe uma rata
Pega a fazer eſtrago em minha caſa,

Não poſſo dar, ſe fôr do meu agrado,
Dez mil ducados para a envenenarem?
Não ſerá eſta uma reſpoſta boa?
Quantas peſſoas ha que não ſupportam
A viſta de um leitão de guela aberta,
Outras que ſe enfurecem vendo um rato,
Outros que aos ſons nazaes da cornamuſa
Por modo algum podem reter a urina?
São ſenhores os ſons do ſentimento;
Segundo ſeu ſabor inclinam eſte
Ou para a repulſão ou ſympathia.
Volto á minha reſpoſta. Não havendo
Uma forte razão que nos explique
Porque é que um tal não pode ver na meſa
Um leitão preparado; um outro um gato,
Animal innocente e neceſſario;
Tal outro a cornamuſa entumecida,
E por força á deſhonra inevitavel
De offender quando ſejam offendidos,
Elles tem de ceder. Eu pois não quero,
Dar nenhuma razão porque proſſigo
N'eſte proceſſo para mim ruinoſo,
Além do meu rancor inveterado
Do meu odio profundo contra Antonio.
Tal reſpoſta, ſenhores, ſatiſfaz-vos?

BASSANEO

Eſſa não é reſpoſta—homem ſem alma!
Que a tenaz crueldade te deſculpe.

SHYLOCK

Que me faz que a reſpoſta não te agrade?

BASSANEO

Mata um homem aquelles que não ama?

SHYLOCK

Odeia alguem quem não matar quizera?

BASSANEO

Toda a offença não traz o rancor ſubito.

SHYLOCK

Como!—Pois tu, então, por duas vezes
Deixavaſ-te morder de uma ſerpente?

ANTONIO

Attenta, bem, imploro, que argumentas
Com tal judeu. O meſmo valeria,
Poſto na praia, ao mar dizer: minora
Os eſtos das marés! Egual ſeria
Ao lobo perguntar porque motivo

Leva a balar a ovelha reclamando
Empós do ſeu cordeiro! O meſmo fôra
Prohibir aos pinheiros da montanha
Que facudiſſem com fragor as copas,
Quando batidos do furor celeſte!
Era tentar vencer um impoſſivel,
Pretender abrandar—que ha pois mais duro!—
Um coração judeo. Tem mão, não faças
Nenhuma offerta mais. Não te ſoccorras
A mais arbitrio algum; pelo contrario,
Deixa livre correr meu julgamento,
E que tenha o judeu o que ambiciona.

BASSANEO

Dou-te, em vez de tres mil, ſeis mil ducados.

SHYLOCK

Se cada um d'eſſes ſeis mil ducados
Seis partes contiveſſe e cada parte
Foſſe um ducado, bem, eu deixaria
De os haver exigindo o meu contracto.

O DOGE

Como queres mercê ſem dar nenhuma?

SHYLOCK

Que tenho a receiar não praticando
A mais leve infracção? Entre vós tendes
Bom numero d'eſcravos e uſaes d'elles,
Como ſe foram burros, cães, ou mulas,
Nos trabalhos mais vís, porque as compraſtes.
Irei diſer-vos eu: «Tornae-os livres,
«Dae-os em caſamento a voſſas filhas?
Porque tranſſudam carregando fardos?
Seus leitos ſejam fofos como os voſſos;
Com manjares eguaes ſe deliciem!»
Então reſponderieis: «Taes eſcravos
«Pertencem-nos:» Pois bem; reſpondo o meſmo:
Eſſa libra de carne, que eu exijo,
Paguei-a muito caro; é minha; quero-a.
Fóra co'as voſſas leis ſe m'a recuſam!
Não tem força os decretos de Veneza.
Não peço nada mais do que juſtiça.
E reſpondei-me vós ſe poſſo obtel-a.

O DOGE

Suſpendo eſta aſſembléa, auctoriſado
No meu poder, em quanto aqui não chega
Belario, um ſabedor juriſconſulto,
Que mandei vir, a decidir do pleito.
Elle deve chegar inda hoje meſmo.

SALANIO

Eſtá, ſenhor, lá fóra um menſageiro
Que de Padua chegou, agora meſmo,
Com cartas do doutor.

O DOGE

Tragam-me as cartas;
Façam entrar aqui o menſageiro.

BASSANEO

Animo, ó meu Antonio! Homem, coragem!
O judeu ha de ter a minha carne,
O meu ſangue, os meus oſſos, emfim, tudo
Antes que percas tu, por minha cauſa,
Uma gota de ſangue!

ANTONIO

Do rebanho
Sou a ovelha gafada, e propria á morte.
Primeiro vem ao chão o fructo debil,
Tal me ſuccede a mim, e tu, vivendo,
Baſſaneo, comporás meu epitaphio.

O DOGE

Vens de Padua e da parte de Bellario?

NERISSA

Venho, ſim, meu ſenhor e de Bellario
A voſſa graça eu trago cumprimentos.

Dando-lhe uma carta

BASSANEO a SHYLOCK

Para que amolas tanta vez a faca?

SHYLOCK

Para poder cortar o que me cabe
D'eſte bancarroteiro.

GRACIANO

Não na ſola,
Porém n'alma é que eſtás, judeu acerbo,
Paſſando e repaſſando o fio á faca!
Não ha metal, não ha! nem o cutello
Do proprio algoz o gume tem tão fino
Como o de teu rancor! Nenhuma prece
Logrará commover-te?

SHYLOCK

Não, nenhuma,
Que poſſa produzir-ſe em teu eſpirito.

GRACIANO

Inexoravel cão, maldito ſejas!
Uma affronta á juſtiça é teres vida.
Por pouco tu não fazes que eu vacille
Na minha fé, julgando com Pithagoras,
Que a alma das beſtas para os homens paſſa!
Teu malevolo eſpirito animava
Um certo lobo, que por morte d'homem
Foi morrer enforcado, e do patibulo
Aquell'alma feroz voou, mettendo-ſe
Em ti, quando inda eſtavas na barriga
De tua mãe profana! Semelhantes
São teus deſejos aos do proprio lobo;
Sanguinarios, famelicos, carnivoros!

SHYLOCK

Em quanto os teus ſarcaſmos não poderem
A firma obliterar, d'eſta eſcriptura,
Apenas lograrás, com teus clamores,
Effalfar os pulmões. Serena o eſpirito,

Meu bom rapaz, ſenão completamente
Has de vil-o a perder. Juſtiça eſpero.

O DOGE

A carta de Bellario recommenda-nos
Um juvenil doutor muito illuſtrado.
Onde eſtá?

NERISSA

Eſperando aqui mui proximo,
Que vós digaes ſe qu'redes recebel-o.

O DOGE

Pois não! com muito goſto. Ide em cortejo,
Tres ou quatro de vós, aqui trazel-o.
E no entretanto vae ouvir a côrte
A carta de Bellario.

SECRETARIO lendo

«Deve ſer notorio a voſſa graça que ao receber a voſſa carta eſtava eu aſſás enfermo; mas juſtamente no momento de chegar o voſſo expreſſo recebia tambem a affectuoſa viſita de um moço doutor, de Roma, chamado Balthaſar. Informei-o dos pormenores do proceſſo pendente entre o judeu e o mercador Antonio. Manuſeamos juntos muitos livros. Compe-

netrou-ſe do meu parecer que fortificou com a ſua erudição (cujo alcance não poſſo encarecer baſtante). Vae, cedendo ás minhas inſtancias, para cumprir em meu logar a incumbencia de voſſa graça. Os ſeus poucos annos, peço-vol-o, não ſejam motivo para ſe lhe negar veneravel eſtima. Jámais vi corpo tão joven com juizo tão maduro. Ponho-o á mercê do voſſo benevolo acolhimento. As provas que elle der ſerão a ſua melhor recommendação.»

O DOGE

Sabeis da carta do doutor Bellario;
Mas aqui vem, ſupponho, o advogado.

Entra PORCIA em trajo de doutor em leis

O DOGE

Vindes da parte do doutor Bellario?
A voſſa mão.

PORCIA

Venho, ſenhor.

O DOGE

Bem vindo!
Tomae logar. Sabeis qual o proceſſo,
Que vae correr no tribunal agora?

PORCIA

Conheço a fundo a cauſa. Entre os preſentes,
Qual é o mercador, qual o judeu?

O DOGE

Antonio,
E vós, velho Shylock, aproximae-vos.

PORCIA

Voſſo nome é Shylock?

SHYLOCK

É ſim, meu nome.

PORCIA

Eſta acção que intentaes é na verdade
De origem ſingular! Mas tanto em regra
Tendes as coiſas vós, que é impoſſivel
Á lei, o ter-vos mão n'eſte negocio.
Para Antonio
Sois vós que eſtaes ao ſeu diſpor?

ANTONIO

Segundo
O que elle affirma, eſtou.

PORCIA

Eſta eſcriptura
Reconheceil-a ou não?

ANTONIO

Sim, reconheço.

PORCIA

Então tem o judeu de ſer clemente.

SHYLOCK

Clemente!?... mas porquê, é que eu pergunto.

PORCIA

Não ſe ordena a clemencia; como orvalho
Fecundo e bom ella dos ceos dimana.
Tem virtude de duplo beneficio;
Faz bem a quem a dá e a quem é dada.
O maximo poder em ſi reſume.

Diz melhor aos monarchas nos ſeus thronos
Do que a propria corôa. O ſceptro indica
O poder temporal; é eſſe o emblema
Que impõe a mageſtade, de onde emanam
O reſpeito e o terror que os reis inſpiram.
Mas a clemencia vale mais que o ſceptro:
No coração dos reis tem o ſeu throno.
Attributo é de Deus e n'eſte mundo,
O terreno poder que ſe parece
Mais ao poder de Deus, é pois aquelle
Que modera a juſtiça co'a clemencia.
Judeu, tu que argumentas co'a juſtiça,
Penſa bem que ninguem ſe ſalvaria
Co'a reſtricta juſtiça unicamente.
Pedindo a Deus perdão das noſſas culpas,
A ſer clemente nos enſina a prece!
Quanto te digo tem por fim apenas
Reſolver-te a ceder dos teus direitos,
Que em preſença da lei ſão inconcuſſos.
O tribunal não pode, ſe perſiſtes,
Deixar de proferir uma ſentença
Contra o teu mercador.

SHYLOCK

Caiam, embora,
Sobre a minha cabeça as acções minhas.
Exijo a lei e a pena eſtipulada
Na minha obrigação.

PORCIA

Não eſtá elle
Nos caſos de embolſar-te?

BASSANEO

Eſtá de facto,
Perante o tribunal me promptifico,
Não ſó a dar-lhe a ſomma, mas o dobro.
Inda me obrigo a mais: Quando não baſte
Dar-lhe-hei dez vezes o valor da divida,
E como garantia do que affirmo,
As mãos, cabeça, e coração empenho.
Quando iſto não valer é pois notorio,
Que a malvadez abuſa da innocencia.
Á voſſa auctoridade, eu vol-o imploro,
Fazei agora com que a lei se acurve.
Reſgate um grande bem leve injuſtiça.
Lograe domar eſte cruel demonio!

PORCIA

Iſſo não pode ſer. Não tem Veneza
Poder que ouſe alterar a lei que exiſte.
Ficava regiſtrado o precedente,
E a tal exemplo innumeros abuſos
Se dariam no eſtado. Não ſe pode.

SHYLOCK

É Daniel — que por juiz nos coube!
Oh! ſim! um Daniel! — prudente e moço.
Que reſpeito, ó juiz, nós te votamos!

PORCIA

Moſtrae-me a obrigação, eu vol-o peço.

SHYLOCK

Eil-a aqui, eil-a aqui, doutor illuſtre.

PORCIA

Dão-vos tres vezes o valor da ſomma.

SHYLOCK

Eu fiz um juramento! um juramento!
Fiz á face dos ceos um juramento!
E havia então de pôr ſobre a minh'alma
O perjurio? Iſſo não. Nem por Veneza!

PORCIA

Bem, o praſo paſſou, e legalmente

Pode exigir com iſto o hebreu agora
Uma libra de carne que elle proprio
Tem direito a cortar, e muito proximo
Do coração do mercador.. Clemencia!
Toma tres vezes o valor da ſomma;
Mas conſente que eu raſgue eſſe contracto.

SHYLOCK

Quando veja cumprida a lettra d'elle.
Que és um recto juiz todos o vêem.
Tu conheces a lei. Foi peremptoria
A tua expoſição. Co'a lei empraſo-te,
Co'a lei—de que és um digno ſuſtentaculo—
De proceder ao julgamento. Juro,
Pela minh'alma, que não ha no mundo
Poder de lingua humana que me abale.
Atenho-me ao que reſa o meu contracto.

ANTONIO

Eu peço ao tribunal inſtantemente,
Que dê o julgamento.

PORCIA

Eil-o, é pois eſte:

Para ANTONIO

Tens de entregar o peito á ſua faca

SHYLOCK

Nobre juiz! e joven excellente!...

PORCIA

O eſpirito da lei e mais a gloſa,
Plenamente concordam com a pena
N'eſte contracto claramente expreſſa.

SHYLOCK

É verdade, ó juiz ſabio e equanime!
Quanto mais velho és tu do que pareces!

PORCIA para ANTONIO

Põe aſſim o teu peito a deſcoberto.

SHYLOCK

Sim!... ſeu peito!... Aſſim diz o meu contracto!
Ao pé do coração!!... Não é verdade,
Não ſão, nobre juiz, eſtas palavras?

PORCIA

Juſtamente. Ha aqui uma balança
Para peſar a carne?

SHYLOCK

Eu trago a minha.

PORCIA

É preciſo, judeu, que á tua cuſta,
Tenhas um cirurgião, para ligal-o,
Quando não, morrerá exhauſto em ſangue.

SHYLOCK

Vem expreſſo eſſe ponto no contracto?

PORCIA

Não vem expreſſo; porém não importa.
É bem que o faças tu por caridade.

SHYLOCK

Não acho; ſe não vem no meu contracto.

PORCIA para ANTONIO

Alguma coiſa mais tens a dizer-nos?

ANTONIO

Pouco tenho. Eu eſtou perfeitamente
Preparado e armado! Adeus, Baſſaneo!
A tua mão! Adeus! — Não te entriſteças,
Se a extremos taes por ti fui reduzido.
N'eſte caſo a fortuna mais benevola
Se moſtra para mim que de ordinario.
Quaſi ſempre ella faz que um deſgraçado
Sobreviva aos ſeus dias de opulencia,
Tendo de contemplar com olhos cavos,
Fronte enrugada, um ſec'lo de pobreza!
D'eſta vez abrevia as amarguras
De uma longa miſeria! Dá lembranças
A tua nobre eſpoſa e o fim de Antonio
Relata-lh'o tal qual o preſenciaſte.
Diz-lhe qual foi por ti a minha eſtima.
Preſta juſtiça ao morto. E quando a hiſtoria
Lhe for contada, diga ſe Baſſaneo
Não é certo que em mim teve um amigo!
Que a ſua perdição te não remorda;
Não laſtimo pagar a tua divida;
Porque ſe o ferro do judeu penetra
Profundamente em mim, eu vou pagal-a
Com o meu coração no meſmo inſtante.

BASSANEO

Eſtou caſado, Antonio; a minha eſposa

É-me mais cara que a exiſtencia propria;
Porém a vida, a eſpoſa, o mundo inteiro,
Não valem para mim a tua vida.
Perder, ſacrificar eu quero tudo
Ao demonio, que vês, para ſalvar-te!

PORCIA

Se a voſſa eſpoſa tal offerta ouviſſe
Não tinha grande coiſa a agradecer-vos.

GRACIANO

Eu tambem juro ter mulher que adoro:
Pois bem, no ceo Deus m'a tiveſſe agora,
Para ver ſe de alguma poteſtade
Podia conſeguir, que ſe abalaſſe
O coração d'eſte judeu ferino!

PORCIA

Andaes bem em moſtrar voſſos deſejos
Na auſencia d'ella, quando não ſeriam
Motivo juſto de queſtões domeſticas.

SHYLOCK (á parte)

Os eſpoſos chriſtãos, eil-os, ſão iſto!...
Tenho uma filha, e Deus me concedeſſe

Ter ella por marido um deſcendente
Do proprio Barrabas, antes que vel-a
Pertencer a um chriſtão!

Alto a PORCIA

Perdemos tempo.
Venha a ſentença.

PORCIA

Sim, tu tens direito,
Sobre eſte mercador, para tirar-lhe
Uma libra de carne. Iſſo de facto
O tribunal e a propria lei conferem.

SHYLOCK

Emerito juiz!

PORCIA

E has de cortal-a
Do peito. O tribunal e a lei conſentem.

SHYLOCK

Sabio juiz!... Oh! vejam que ſentença!
Vá!—prepara-te...

PORCIA

Eſpera, não é tudo.
O teu contracto não te dá direito

Nem ſequer a uma gotta ſó de ſangue.
Uma libra de carne; ſão os termos.
Toma a libra de carne porque é tua,
Mas olha—ſe derramas ao cortal-a,
D'eſſe ſangue chriſtão uma ſó gotta,
Pela lei de Veneza, as tuas terras,
E todos os teus bens ſão confiſcados,
A proveito do eſtado revertendo!

GRACIANO

Emerito juiz!... Judeu, que dizes?!
Doutiſſimo juiz!...

SHYLOCK

A lei é eſſa?

PORCIA

Tu meſmo a podes ver no proprio texto.
Clamavas por juſtiça, fica certo,
Que has de tel-a inda além do que deſejas!

GRACIANO

Emerito juiz!... Judeu, que dizes?!...
Doutiſſimo juiz!...

SHYLOCK

Então acceito
A offerta d'inda agora. Que me paguem
Tres vezes o valor do meu contracto,
E o chriſtão que ſe vá.

BASSANEO

Eis o dinheiro.

PORCIA

Devagar! Ao judeu juſtiça inteira.
Devagar! Não ha preſſa, havemos dar-lhe
Juſtamente o que a lei lhe determina.

GRACIANO

Que emerito juiz!... Judeu, que ſabio!
Mãos á obra; então? vamos, corta a carne;
Não faças ſangue, e corta juſtamente
Uma libra de carne; ſe tirares
Ou mais ou menos do que a libra, attende,
Se augmentares o peſo d'uma drachma;
Quando a balança incline, ſeja embora,
O fio d'um cabello — ferás morto
E confiſcados teus haveres todos!

GRACIANO

Segundo Daniel! Judeu, repara.
Um Daniel! — Agora és meu, herege!

PORCIA

Por que eſperas, judeu? Paga-te; vamos.

SHYLOCK

Venha o que eu dei, e deixem-me ir embora.

BASSANEO

Eſtá prompto, aqui tens, leva-o comtigo.

PORCIA

Recuſou a quantia em plena audiencia.
Só tem direito ao que a juſtiça manda.

GRACIANO

Um Daniel! um Daniel! repito!
Por haver-me inſpirado eſta palavra,
Obrigado, judeu, muito obrigado!

SHYLOCK

O quê?! nem hei de haver o meu dinheiro?

PORCIA

Não tens mais do que a multa eſtipulada,
Toma-a, judeu, á cuſta de teus riſcos.

SHYLOCK

N'eſſe caſo o diabo que ſe embolſe;
Eu por mim não diſcuto por mais tempo.

PORCIA

Eſpera, que a juſtiça não te larga
Por emquanto, judeu. A lei expreſſa,
Que vigora em Veneza, determina,
Que em ſe provando haver um eſtrangeiro
Que machinou por meios indirectos,
Ou por meios directos, contra a vida
De um cidadão qualquer, eſſa peſſoa,
Que foi ameaçada, ha de apoſſar-ſe
De metade dos bens do criminoſo:
Para os cofres do eſtado a outra metade.
E a vida do offenſor ſerá entregue
Ao arbitrio do doge, que reſume

O ſupremo poder, n'eſſe momento.
Ora tu, digo eu, eſtás no caſo
Previſto pela lei; porque é notorio
Que indirecta, inda mais, directamente,
Contra a vida attentaſte do accuſado.
Incorreſte na pena, que eu agora
Acabo de citar. Curva o joelho,
Ante o doge, implorando-lhe clemencia.

GRACIANO

Implora-lhe o favor de permittir-te
Que te vás enforcar. Mas ſe ao eſtado
Vão agora parar os teus haveres,
Não tens para comprar ſequer a corda.
Em tal caſo é preciſo que tu ſejas
Por conta da republica enforcado.

O DOGE

Para que vejas bem a differença
De noſſos corações — poupo-te a vida,
Antes meſmo de a haveres tu pedido.
Metade do que tens é para Antonio,
Para o eſtado a outra; mas no entanto,
Se tu te arrependeres, é poſſivel
Commutar o confiſco n'uma multa.

PORCIA

Na parte que á republica pertença;
Mas por fórma nenhuma na de Antonio.

SHYLOCK

Tomae a minha vida e tomae tudo!
Não me concedam a mais leve graça!
Arrebataes-me a caſa, arrebatando
Aquillo que a ſuſtinha! A minha vida
Vós m'a tiraes tambem, do meſmo modo,
Ao tirar-me os recurſos de que vivo!

PORCIA

Tu, por clemencia, que lhe dás, Antonio?

GRACIANO

Oh! por Deus — dá-lhe gratis uma corda,
E nada mais.

ANTONIO

A meu ſenhor o doge,
E a todo o tribunal, peço ſe dignem
Dar-lhe a metade dos ſeus bens, ſem multa.
Eu conſinto; com tanto que me empreſte

A juros a outra parte, devolvendo-a,
Depois da ſua morte, ao gentil-homem
Que a filha lhe roubou. Faço eſte obſequio
Com duas condições: ſendo a primeira
Tornar-ſe elle chriſtão em continente;
A ſegunda aſſignar uma eſcriptura,
Legando quanto houver por ſua morte
A ſeu genro Lourenço e ſua filha.

O DOGE

Fará iſſo, ou então revogo a graça
Qu'inda ha pouco lhe fiz.

PORCIA

Judeu, conſentes?
Vamos, que dizes?

SHYLOCK

Sim, conſinto n'iſſo.

PORCIA

Eſcrivão, redigi o teſtamento.

SHYLOCK

O que ſó peço agora é que me deixem

Sair d'aqui. Eu ſinto-me indiſpoſto.
Enviae-me o papel, que hei de aſſignal-o.

O DOGE

Podes ir; mas não falhe a aſſignatura.

GRACIANO

Dois padrinhos terás no teu baptiſmo:
Sendo eu juiz, mais dez te levariam
Ao baptiſterio não, porém á forca!

O DOGE a PORCIA

Senhor, vinde jantar a minha caſa.

PORCIA

Peço humilde deſculpa a voſſa graça;
Preciſo eſtar em Padua ainda eſta noite,
E tenho de partir em continente.

O DOGE

Sinto que não poſſaes diſpor de tempo.
Antonio, ſê com eſte cavalheiro
Biſarro, que a meu ver deves-lhe muito!

Retiram-ſe o DOGE, os Magnificos e a ſua comitiva.

BASSANEO

Digniſſimo ſenhor, o meu amigo,
E eu tambem, fomos hoje reſgatados
De graves penas, pelo voſſo engenho.
Em recompenſa, da melhor vontade,
Vos offertamos os tres mil ducados
Devidos ao judeu.

ANTONIO

Inda, além d'iſſo,
De affecto e obrigações eternamente
Seremos devedores.

PORCIA

Não ha paga
Que valha o nós eſtarmos ſatiſfeitos.
Por vos haver livrado eſtou contente,
E n'eſſe goſto encontro a recompenſa.
Jámais foi mercenario o meu eſpirito.
Se um dia me encontrardes conhecei-me,
E ao dizer-vos adeus, de boamente,
Que ſejaes venturoſos vos deſejo.

BASSANEO

É meu dever, caro ſenhor, inſtar-vos
Para acceitar uma lembrança noſſa,

Como tributo e não como ſalario.
Dignae-vos conceder-nos duas coiſas:
Não nos fazer deſfeita e perdoar-nos.

PORCIA

De tal modo me inſtaes, emfim, que eu cedo.
Acceito alguma coisa; dae-me as luvas;
Como lembrança voſſa hei de uſar d'ellas.
Acceito inda eſſe annel, penhor de affecto,
Não pode recuſar-m'o a voſſa eſtima.

BASSANEO

Eſte annel, ai de mim! não vale nada.
Vexava-me fazer um tal preſente.

PORCIA

E eu, além d'eſſe annel, mais nada quero.
Agora é para mim como um capricho.

BASSANEO

Tenho-o em grande valor eſtimativo.
Intrinſeco nenhum. Farei annuncios,
E o mais precioſo annel que haja em Veneza
Eu vol-o offertarei. Emquanto a eſte
Perdoa-me...

PORCIA

Senhor, ninguem mais franco
Que vós em prometter. Primeiramente
Me enſinaſte a pedir. Segundo vejo,
Agora me enſinaes como ſe deve
Reſponder a quem pede.

BASSANEO

Foi-me dado,
Meu ſenhor, eſte annel por minha eſpoſa,
Que ao darm'o me obrigou por juramento
A não dal-o, vendel-o, nem perdel-o.

PORCIA

Pretexto bom para negar-ſe a dadivas.
Não ſendo mentecapta a voſſa eſpoſa,
E ſabendo o que eu fiz, certa ficara
Que paſſar eſſe annel para o meu dedo,
Não ſeria motivo raſoavel
De haver por iſſo eternas deſavenças.
Vamos, fiquem-ſe em paz!

Saem PORCIA e NERISSA

ANTONIO

Baſſaneo, cede,

Cede-lhe o annel. Bem vez, o que elle ha feito,
E a minha eſtima, emfim, contrabalancem
O preceito que impõe tua conſorte.

BASSANEO

Sae tu, Graciano ſae, corre a alcançal-o;
Dá-lhe eſte annel, e tral-o, ſe é poſſivel,
Para caſa de Antonio. Anda depreſſa.

A ANTONIO

Eu e tu para lá vamos agora.
Amanhã, muito cedo, voaremos
Os dois até Belmonte. Vem Antonio.

SCENA II

VENEZA — UMA RUA

Entram PORCIA e NERISSA

PORCIA

Pergunta a caſa do judeu; entrega-lhe
Eſta acta que aqui vês e elle que aſſigne.
Partimos eſta noite e chegaremos
Antes um dia que os maridos noſſos.
De molde a doação cae em Lourenço.

Entra GRACIANO

GRACIANO

Gentil ſenhor, feliz por encontrar-vos.
Baſſaneo, mais de eſpaço reflectindo,
Vos envia eſte annel e vos implora
Dar-lhe o goſto de vir jantar com elle.

PORCIA

Jantar não poſſo; mas o annel acceito-o.
Dizei-lhe, que, por tal, prendado fico.
Inda um outro favor: a eſte mancebo
Enſinae a morada de Shylock.

GRACIANO

De bom grado o farei.

NERISSA a PORCIA

Senhor, preciſo
Dar-vos uma palavra. Eu deſejava
Conſeguir apanhar a meu marido
O annel que elle jurou conſervar ſempre.

PORCIA

Has de havel-o. Eu reſpondo. Hão de fazer-nos

Proteſtos afanoſos, affirmando
Que a homens deram os anneis; embora;
Nós fazemoſ-lhe cara, e com mais ancia
Juramos o contrario. Vamos, anda.
Sabes onde te eſpero.

NERISSA

Senhor, vinde,
Se acaſo vos apraz, moſtrar-me a caſa.

Saem

FIM DO QUARTO ACTO

SCENA I

BELMONTE — UMA ALAMEDA

EM FRENTE DO PALACIO DE PORCIA

Entram LOURENÇO e JESSICA

LOURENÇO

A lua reſplandece. N'uma noite
Tal qual como eſta, emquanto a aragem tenue,
O arvoredo beijava brandamente
Sem um leve rumor — em egual noite
Deveu Troilo ſubir de Troia os muros,
Exhalando a ſua alma para as tendas
Dos gregos — onde Creſſida dormia!

JESSICA

Em noite ſemelhante, defflorando
Tiſbe os orvalhos com ſeus paſſos timidos,
A ſombra do leão vira primeiro
Do que o leão — fugindo eſpavorida!

LOURENÇO

Em noite ſemelhante—a bella Dido,
Tendo na mão um ramo de ſalgueiro,
Sobre a praia deſerta, em pé, chamava,
Acenando ao amante, a que voltaſſe
Outra vez a Carthago.

JESSICA

Em egual noite
Colheu Medeia as hervas encantadas
Que ao velho Aeſão dariam joventude.

LOURENÇO

Em noite ſemelhante é que Jeſſica
Fugiu de caſa do judeu riquiſſimo,
E correu de Veneza até Belmonte
Com o prodigo amante.

JESSICA

Em egual noite,
O ſeu joven Lourenço lhe jurava
Amal-a eternamente, arrebatando-lhe
O coração com votos de conſtancia,
Dos quaes nem um ſequer era ſincero!

LOURENÇO

Em noite ſemelhante calumniava
A formoſa Jeſſica o ſeu amante
Como travêſſa e má—e perdoava-lhe
De todo o coração o ſeu amado.

JESSICA

Se eſtiveſſemos ſós, por toda a noite
Velando vos teria; mas ouvide:
As paſſadas d'um homem ſinto agora.

Chega STEPHANO

LOURENÇO

Quem no meio da noite ſilenciosa
Se aproxima de aqui tão preſſuroſo?

STEPHANO

Um amigo.

LOURENÇO

Um amigo! Mas que amigo?
Dizei então o voſſo nome, amigo.

STEPHANO

Stephano me chamo e dou-vos parte,
Que ao raiar da manhã, deve a minh'ama
Eſtar aqui na volta de Belmonte.
Diſcorre agora entre as ſagradas cruzes,
E caíndo em joelhos lhes implora
Que a vida conjugal feliz lhe ſeja.

LOURENÇO

E com ella quem vem?

STEPHANO

Um ſanto ermita,
E a ſua companheira, mais ninguem.
Meu amo já chegou, ſenhor, dizei-me?

LOURENÇO

Inda não, e nem temos novas d'elle;
Mas entremos, Jeſſica, ſe tu queres,
E façamos alguns preparativos
A fim de receber honroſamente
A dona d'eſta caſa.

Chega LANCELOTO

LANCELOTO

Olá, eh! olá, eh! olá.

LOURENÇO

Quem chama?

LANCELOTO

Olá! Viſtes o ſenhor Lourenço e a ſenhora Lourenço? Olá, olá!

LOURENÇO

Acaba com os teus olás, homem. Eſtamos aqui.

LANCELOTO

Aonde, aonde?

LOURENÇO

Aqui.

LANCELOTO

Dizei-lhe que chegou um correio, da parte de meu amo, eſtrondeando com as mais felizes novas. Meu amo deve de eſtar aqui antes do romper da manhã.

LOURENÇO

Alma adorada, entremos, eſperando
A ſua volta; mas não vale a pena;
De que nos ſerve entrar? Amigo Stephano
Dá parte, peço-te, na caſa,
De que tua ama ahi vem e ao meſmo tempo
Ordena que ao ar livre toque a orcheſtra.

Vae-ſe STEPHANO.

LOURENCO

Como dorme o luar ſerenamente
N'eſte relvoſo banco! Deſcancemos
Aqui, preſtando ouvido aos ſons da muſica.
Eſte grato ſilencio e a noite caſam-ſe
Aos ſuaves acordes da harmonia!
Senta-te tu Jeſſica, e crava os olhos
No chão do ceo, agora marchetado
Com as patenas d'oiro reſplendentes!
De todos eſſes globos, que contemplas,
Não ha nenhum, nem meſmo o mais pequeno,
Que em ſeu giro não cante como um anjo,
Em perpetua, em uniſona harmonia
Com os proprios cherubins de olhos ingenuos!
Nas almas immortaes tambem exiſte
Uma harmonia ſemelhante áquella;
Mas emquanto eſte lodo morredoiro

A veſte de ſeu habito groſſeiro,
Não nos é dado a nós poder ouvil-a!

Entram os muſicos.

Ah! diſpertae Diana por um hymno.
Aos ouvidos da dona d'eſta caſa
Fazei chegar ſuaviſſimos acordes.
Oh! trazei-a ao ſeu lar com melodias!

JESSICA

Jámais me ſinto alegre quando eſcuto
Uma ſuave muſica.

LOURENÇO

O motivo
Provém de teres enleiado o eſpirito.
Olha a manada de bravias poldras,
Indomitas a freio, alegres, novas,
Como relincham, como pulam doidas,
Arrebatadas pelo ardor do ſangue!
Mas ouvindo uma trompa ou qualquer muſica
Que fira os ſeus ouvidos, verás ſubito
Pararem todas; ſeu olhar ſelvagem,
Em recatado enlevo tranſformar-ſe,
Sob o doce poder da melodia!
Foi aſſim que os poetas fabularam
Orpheu capaz de arrebatar as arvores,
Pedras e as ondas, porque não exiſte

Ente por mais boçal, mais inſenſivel,
Mais deſvairado, ſobre o qual a muſica
Não exerça o poder de tranſformar-lhe
A natureza em certo inſtante. Um homem
Que a muſica não tem dentro em ſi proprio
É propenſo a traições, ardis, rapinas.
São taciturnos como a noite ſempre
Da ſua alma os impulſos; ſeus affectos
Tão negros como o inferno! Arreceiae-vos
D'um homem tal! A muſica eſcutemos.

Entram PORCIA e NERISSA

Arde eſſa luz que nós vemos
Á entrada do meu ſalão.
Sendo farol tão pequeno
Seus raios que longe vão!
N'um mundo mau aſſim brilha
A luz de uma boa acção!

NERISSA

Eſſe farol não ſe via
Da lua ao vivo fulgor.

PORCIA

É lei que uma grande gloria
Confunda a gloria menor.
Como um rei, brilha um miniſtro;
Mas quando o rei apparece

Seu preſtigio ſe eſvaece,
Qual um ribeiro dos campos
Na immenſidade do mar...
Muſica!... eſpera... eſcutemos.

NERISSA

É, ſenhora, a vossa muſica.

PORCIA

Nada diz bem, concordemos,
Senão poſto em ſeu logar.
Oh! quanta mais harmonia
Lhe acho agora que de dia!

NERISSA

Dá-lhe o ſilencio eſte encanto!

PORCIA

Pouco importa ſeja o canto
Do corvo ou da cotovia,
A quem não preſta attenção.
Se, quando vae alto o ſol,
Á hora em que os patos graſnam,
Se eſcutaſſe o rouxinol,
Paſſava por ſer um muſico

Como a carriça. O primor
Das coiſas nunca ſe obtem
Senão na propria eſtação.
Oh! ſilencio!—porque a lua
Dorme com Endymião,
E não quer ſer acordada...

LOURENÇO

Eſta voz é a de Porcia
Ou muito me engano então.

PORCIA

Como o cego reconhece
O cuco—reconheceu-me
Pela voz deſafinada.

LOURENÇO

Á voſſa caſa, ſenhora,
Sêde muito bem chegada.

PORCIA

Ambas por noſſos maridos
Acabamos de rezar:
Contamos que as noſſas preces
Poſſam emfim alcançar

Um reſultado feliz...
Já voltaram?...

LOURENÇO

Inda não;
Mas veiu, minha ſenhora,
Um correio que nos diz,
Que elles vão chegar agora.

PORCIA

Entra, Neriſſa, e dá ordem
Aos criados que ſe calem.
Nem ſequer uma palavra
Da noſſa auſencia. Lourenço,
E tu, Jeſſica, não fallem.

LOURENÇO

Voſſo marido eſtá perto...
Não ouvides?... é decerto.
Nós não ſomos chocalheiros:
Podeis eſtar deſcançada.

PORCIA

Produz-me eſta noite o effeito
De um dia enfermiço, apenas

Um pouco mais deſmaiada.
É um dia como o dia
Em que o ſol não apparece.

BASSANEO a PORCIA

Ao meſmo tempo teriamos,
Que os antipodas o dia,
Se tu ſurgiſſes no inſtante
Em que o ſol deſapparece.

PORCIA

Poſſo acaſo ſer brilhante
Como é a luz, e não ſer
Leviana tambem como ella?
Leviandade na mulher
Traz ſempre funeſta eſtrella
Ao marido. Praza aos ceos
Que Baſſaneo nunca tenha
Deſgoſto nenhum comigo:
O reſto á conta de Deus!
Sêde bem vindo, ſenhor

BASSANEO

Senhora, obrigado. Peço-vos
Feſtejeis o meu amigo.

Eis Antonio; eis pois o homem
A quem ſou tão devedor!...

PORCIA

Muito vos deve, ſenhor,
Contraíu para comvoſco
Immenſas obrigações.

ANTONIO

Mas eſtá quite de todas.

PORCIA

Sêde bemvindo a eſta caſa.
Não com ſimples expreſſões,
Com alguma coiſa mais
Devemos proval-o; córto
Por cumprimentos verbaes.

GRACIANO e NERISSA fallam, áparte, com animação

GRACIANO

Por eſſa lua que vês,
Te juro que é ſem motivo
Que tu me accuſas. Palavra,
Dei-o, digo-te outra vez,
Ao eſcrivão do juiz.

Eunucho ſeja o individuo
A quem tal preſente fiz,
Viſto, amor, que tanto a peito
Tomas o caſo.

PORCIA

Ah! já temos
Deſavenças!... Que ſe tracta?

GRACIANO

D'um nada. D'uma lembrança
De que ella me fez preſente.
D'um annel cuja diviſa
Se applicava a toda a gente:
Poeſia de cutileiro,
Que dizia: «Ama-me ſempre,
E não me deixes jámais!...»

NERISSA

Porque é que vós me fallaes
De diviſa e de valor?
Juraſte guardal-o ſempre,
Trazel-o ſempre comvoſco
Até á morte; inda mais,
Leval-o pr'a ſepultura,
Quando eu vol-o dei, ſenhor.

Embora por mim não foſſe,
Por honra do que juraſtes,
Com pathetica ternura,
Era voſſa obrigação
Conſerval-o. Affeveraes
Que o déſtes ao eſcrivão
Do doutor: eſtou ſegura
De que o tal eſcrivãoſinho
Não terá jámais na barba
Nem ao menos um pellinho.

GRACIANO

Pois affirmo que ha de ter
Se um homem chegar a ſer.

NERISSA

Sim, ſe a mulher, algum dia,
Em homem ſe converter.

GRACIANO

Juro-te por eſta mão;
Dei-o a um moço, a um bonifrate
Da tua altura, o eſcrivão
Do doutor, um tagarella,
Que em paga dos ſeus ſerviços

M'o pediu. Não devia
Negar-lhe eſſa bagatella.

PORCIA

Eu ſerei franca comvoſco;
Não devieis, na verdade,
Dar com tanta leviandade
Uma dadiva, a primeira
Da voſſa eſpoſa. Um objecto
Penhor de extremoſo affecto,
Á voſſa carne chumbado
Por tantas juras! Eu dei
Um annel a meu marido
E fil-o tambem jurar
Que havia de o conſervar.
Eil o que chega. Pois bem,
Poſſo affirmal-o ſem medo,
Jurar, que elle não largara
E nem tirara do dedo
Nunca jámais eſſe annel,
Por tudo o que o mundo tem.
Realmente, Graciano,
Déſtes a voſſa mulher
Um deſgoſto bem cruel.
Em quanto a mim, ſe algum dia
Tal coiſa me ſuccedeſſe
De certo que enlouquecia!

BASSANEO (á parte)

Palavra, que em taes apertos,
Não ſei que poſſa fazer!
Só cortando a mão eſquerda
E dizendo que a perdi
No ponto em que o defendi.

GRACIANO

Deu Baſſaneo o ſeu annel
Ao juiz que lh'o pedia,
E que bem o merecia.
O rapaz ſeu ajudante,
Que lavrara as eſcripturas,
Me pediu então o meu,
E nenhum dos dois, em ſumma,
Além dos noſſos anneis,
Acceitou mais coiſa alguma.

PORCIA a Bassaneo

Qual foi o annel que vós déſtes?
Eſpero que não ſeria
O que de mim recebeſtes.

BASSANEO

Eu jurara ſe podeſſe
Juntar a falta á mentira;
Mas bem o vêdes, o annel
Não o tenho.

PORCIA

Nem tam pouco
Verdade dentro do peito.
Eu, jámais—por Deus o juro!—
Entrarei no voſſo leito,
Em quanto não vir o annel.

NERISSA

Nem no voſſo, tambem eu
Em quanto não vir o meu.

BASSANEO

Encantadora Porcia, ſe ſoubeſſes
Por quem dei eſſe annel,
Se tu podeſſes
Saber porquê e com que dôr cruel
Me apartei d'elle, olhando á perſiſtencia
De quem em paga nada mais queria

Do que eſſe annel—de certo a violencia
Da magua com que eſtás—acalmaria.

PORCIA

Se houveſſes reconhecido
As virtudes d'eſſe annel;
Ou preſentido o valor
D'aquella que vol-o dera;
Ou tido emfim pundonor
Em conſerval-o, onde houvera,
Tomando vós a defeſa,
Embora com pouco ardor,
Homem por mais deſvairado,
Que ſe quizeſſe apoſſar
D'um penhor que era ſagrado!
O que eu devera penſar
Neriſſa m'o fez ſaber.
Morta eu ſeja, ſe o annel
Não o tem uma mulher!

BASSANEO

Pela honra e pela vida,
Que não foi uma mulher,
Porém ſim um advogado,
Da educação mais polida,
Que regeitou formalmente
Receber tres mil ducados,

Quem me pediu eſſe annel.
Eu não lh'o quiz conceder.
Elle partiu deſcontente.
Elle! que havia ſalvado
O meu amigo mais caro!
Vamos, reſponde-me agora,
Que faria eu realmente,
Dize, ó dama encantadora!?
Vi-me obrigado a mandar-lh'o;
Cedia aſſim ao remorſo
E ao favor em que ficava
De uma grande obrigação.
O meu brio não podia,
Por fórma alguma, manchar-ſe
Com tamanha ingratidão!
Perdôa, ó Porcia, perdôa!
Por eſtes bemditos fachos
Da noite te juro agora,
Que eſtando lá tu, ſenhora,
Me pedirieis o annel
Para entregal-o ao doutor.

PORCIA

Não deixeis nunca, previno-vos,
Que eſſe doutor ſe aproxime
Da minha caſa — ſenhor.
Viſto que elle tem o objecto
Que vós me havieis jurado

Guardar em lembrança minha,
E a que eu tinha tanto affecto.
Quero pois tambem ſer prodiga,
Jámais lhe recuſarei
Coiſa que haja de pedir-me.
Nada, nada, nada; eu ſei?...
Nem meu corpo, nem o leito
De meu marido — hei de unir-me
A elle. É negocio feito.
Não fiqueis fóra uma noite;
Vigiae-me como um Argos;
Quando não por pouco tempo
Que vós me deixeis ſóſinha
Eu juro pela honra minha —
Q'inda a tenho! — haveis de ver,
Que em meu leito companheiro
Eſſe doutor me ha de ſer!

NERISSA

E meu o ſeu eſcrivão.
Tomae o maior cuidado
Em não me deixar entregue
Só á minha protecção.

GRACIANO

Seja tudo a teu agrado;
Mas ſómente te direi,

Que ſe apanho o eſcrivãoſinho
A penna lhe eſtropearei!

ANTONIO

Eu ſou cauſa, eſtou ſentindo,
De haverem deſgoſtos taes.

PORCIA

Senhor, não vos afflijaes
Porque ſois ſempre bemvindo.

BASSANEO

Por Deus, ó Porcia, perdôa-me
Eſta falta involuntaria,
E perante os meus amigos,
Que me eſtão agora ouvindo,
Jura por teus olhos bellos
Em que me vejo...

PORCIA

Notae,
Notae bem iſto! — Elle vê-ſe
Nos meus olhos duplamente;
Em cada um uma vez!
Dae palavra de homem nobre,

Porque n'eſſa, exactamente,
É que eu acredito.

BASSANEO

Vamos;
Inda um inſtante ſómente,
Perdôa eſta falta, e juro—
Por minha vida rejuro—
Que não terás, nem por ſombras,
Queixas de mim no futuro!

ANTONIO a PORCIA

A minha vida empenhei
Em ſeu favor, ſe não fôra
Quem poſſue o annel agora
Eu não vivia—ſabei!
Comprometto-me, ſenhora,
Que nunca mais no porvir,
Por vontade a fé jurada
Voſſo eſpoſo ha de trair!

PORCIA

Vaes ficar como caução.
Viſto iſſo dae-lhe eſte annel;
Mas ponde por condição

Que ha de guardal-o melhor.

ANTONIO, entregando o annel a BASSANEO

Jura guardal-o.

BASSANEO

Por Deus!
Sim, é eſte exactamente
O annel que eu dei ao doutor!

PORCIA

Elle m'o reſtituiu.
Perdôa!... por eſte annel
Comigo o doutor dormiu.

NERISSA

Perdão, meu gentil Graciano;
Mas aquelle diabinho,
Do ajudante do doutor,
Dormiu tambem comigo
Por cauſa d'eſte annelinho.

GRACIANO

Que tal! então eſta! Hein?!
Concertam-ſe no verão
As eſtradas quando eſtão

Em optimo eſtado? O que?
Pois antes de o merecer,
Cucos havemos de ſer!?

PORCIA

Não falleis groſſeiramente.
Todos eſtão aturdidos.
Tomae eſta carta

A BASSANEO

e lêde
O que diz, tranquillamente.
Vem de Padua e de Bellario;
Por ella vereis que Porcia
Era o doutor, e Neriſſa
Era o ſeu amanuenſe.
Lourenço pode atteſtar
Que eu parti ao meſmo paſſo
Que vós partiſtes, e acabo
N'eſte inſtante de chegar:
Nem ainda em caſa entrei.
Antonio, ſêde bem vindo:
Boas novas vos darei,
Que não cuidaes receber.
Abri, depreſſa, eſta carta,
E por ella haveis de ver
Que tres dos voſſos navios,
Ricamente carregados,
Chegaram ſem ſer eſp'rados.

Por que acaſo ſingular
Me veiu á mão eſta carta,
Não vos poſſo declarar.

ANTONIO

Emmudeço!

BASSANEO

Pois devéras,
Então, o doutor tu eras,
E eu ſem conhecer-te aſſim!

GRACIANO

E eras tu o amanuenſe
Que intenta coroar-me?

NERISSA

Sim;
Mas que nem por ſombras penſa
Em jámais o praticar,
Salvo que viva o preciſo
Para em homem ſe tornar.

BASSANEO

Meu camarada eſta noite,

Amavel doutor, ferás
E c'oa minha propria eſpoſa,
Eu auſente, dormirás.

ANTONIO

Devedor, cara ſenhora,
Vos ſou da vida; inda além
Dos meios d'ella tambem;
Pois aqui ſe me annuncía,
Que os meus navios chegaram
Ao porto ſem avaría.

PORCIA

Que temos, Lourenço, vamos,
Olha que o meu eſcrevente
Traz para ti o que deve
Aprazer-te grandemente.

NERISSA

De certo e vol-o darei
Livre de retribuição.
Vós e Jeſſica aqui tendes
Uma formal doação
Do judeu abaſtadiſſimo.
Elle, n'eſte teſtamento

Vos lega quanto poſſua
Após ſeu fallecimento.

BASSANEO

Damas gentis, derramaes
Maná ao povo famelico
No caminho onde paſſaes!

PORCIA

É quaſi dia, e comtudo,
Tenho de mim para mim,
Que deſejaes ſobre o aſſumpto
Mais pormenores. Emfim,
Entremos nos noſſos quartos,
E lá então ſubmettei-nos
A perguntas, que a verdade
Reſponder, nós promettemos
Co'a maior fidelidade.

GRACIANO

Bem, a primeira pergunta
A que tem de reſponder,
A minha cara Neriſſa,
Debaixo de juramento,
É ſe porventura quer
Ficar em pé eſperando

De ámanhã o anoitecer,
Ou ſe quer n'eſte momento
Entrar, que por duas horas,
A aurora vem a romper.
Quanto a mim, ſe foſſe dia,
Quizera vieſſe a noite,
Pois repouſar carecia
Com o eſcrivão do doutor!
Em quanto for vivo, a nada
Darei tamanho valor,
Nem votarei mais cuidado,
Que a ter o annel de Neriſſa
Sempre, ſempre a bom recado!

FIM DO MERCADOR DE VENEZA

NOTAS

NOTAS AO ACTO PRIMEIRO

NOTA A

GRACIANO

«Com o iſco da morbida, etc.»
(Pag. 9.)

Iſco dizem todos os peſcadores, tornando maſculina a palavra. No Algarve uſam, ordinariamente de—*engodo.*

NOTA B

PORCIA

«Ah! eſſe na verdade é um poldro ſerril.» (Pag. 16.)

Ay, that's a colt indeed.

Colt no ſentido metaphorico de extravagante, bravio, eſtúrdio.

Dos Hemanas põe: *moço cerril.*

Divergem os traductores. F. Hugo diz: *Ah! celui-là, il eſt né à l'ecurie.*

Rufconi ſupprime a phraſe.

NOTA C

NERISSA

«Os meus ingenuos olhos, etc.» (Pag. 21.)

My fooliſh eyes—olhos tolos, loucos, neſcios, ſimples, etc.; pareceu-nos que ingenuos era apropriado.

NOTA D

SHYLOCK

«Quantas vezes, ſenhor, ſobre o Rialto»
(Pag. 30.)

No inglez a palavra italiana, *Signor,* uſada pelo poeta, dá relevo á phraſe. Senhor Antonio, em portuguez, e principalmente em verſo, é raſteiro.

NOTA E

SHYLOCK

«Perdereis um arratel, bem peſado.
(Pag. 32.)

Bem peſado, aqui, na ſignificação de exacto.

NOTAS AO ACTO SEGUNDO

NOTA A

O PRINCIPE DE MARROCOS

«D'eſte ſol brunidor que me é viſinho.»
(Pag. 39.)

The burniſh'd ſun.

Daremos as verſões dos traductores que temos agora á mão:
C. Ruſconi: *lucido ſole.*
Guizot: *Soleil à la brune chevelure.*
Laroche: *Soleil bruniſſant.*
F. Hugo: *Soleil de bronze.*
Dos Hermanas: *ſol reberberante,* e diz n'uma nota (I do acto II) que A. Schelegel uſa da palavra *ardente.*

NOTA B

LANCELOTO

«O diabo acotevela-me.» (Pag. 42.)

The fiend is at mine elbow.

C. Ruſconi: *il diavolo mi ſta a'gomiti.*

BIBLIOTECA MUNICIPAL "ORIGENES LESSA"
Lençóis Paulista - SP

Dos Hermanas: *el diablo no ſe me aparta.*
F. Hugo: *le démon me touche le coude.*

NOTA C

LANCELOTO

«Então a minha conſciencia pendurando-ſe ao peſcoço do meu coração.» (Pag. 43.)

My conſcience hanging about the neck of my heart.

Guizot traduziu *neck* por braços: *ma conſcience ſe jetant dans les bras de mon cœur,* etc. F. Hugo litteralmente: *ma conſcience ſe pendant au cou de mon cœur,* etc.

C. Ruſconi: *la mia conſcienza aggrappandoſi al mio cuore,* etc.

Dos Hermanas: *Vuelve entonces la conſciencia y echandoſe al cuello de mi corazon,* etc.

A phraſe, em portuguez, para quem não eſteja affeito á leitura de Shakeſpeare, parecerá abſurda; por iſſo citamos eſtes traductores, cuja auctoridade é de primeira ordem, e podiamos citar mais ainda, que vertem do meſmo modo.

NOTA D

LANCELOTO

«Vou fazer chorar as pedras, etc.» (Pag. 45.)

Now will I raiſe the vaters.

Dos Hermanas: *Voy a provocar el llanto;* e na nota 24 ao ſegundo acto, explica que Lanceloto quer dizer: Vou excitar-lhe o pranto, fallando-lhe do filho e querendo-o perſuadir de que eſtá morto.

Para nós tambem o ſentido é eſte. Traduzimos uſando de uma phraſe popular, que nos parece dar a idéa e ao meſmo tempo eſtar em harmonia com o dizer do original, que é tambem popular.

C. Ruſconi traduz: *ora ſuſcito la tempeſta.*

F. Hugo: *je vais faire jouer les grandes eaux.*

NOTA E

GOBBO

«Mas graças a Deus bem conſervado.» (Pag. 45.)

Well to live.

Dos Hermanas traduz por: *biem mirado* e na nota 25 ao acto ſegundo, referindo-ſe a Guizot e Michel que traduziram: *qui a encore envie de vivre*, diz o ſeguinte:

Aſſi dicem Guizot e Michel: pero en mi ſentir no es eſta la ſignificacion de la fraſe que marca el ultimo pequeño aparte de Gobbo.

F. Hugo: *en état de vivre.*

C. Ruſconi: *vivere anche molto.*

NOTA F

GOBBO

«Deus o proteja.» (Pag. 46.)

God reſt his ſoul.

Dieu faſſe paix à ſon âme, traduziram Guizot e Hugo.
C. Ruſconi: *Dio dia pace all'anima ſua.*
Em portuguez feria: Deus tenha a ſua alma em deſcanço. Porém Gobbo diz logo adiante: *alive or dead?* Por conſeguinte não ſabe ſe o filho é vivo ou morto. A interpretação de Dos Hermanas pareceu-nos a melhor: *Dios le proteja.*

NOTA G

GOBBO

«Seu amo e elle não ſe cozem bem. (Pag. 51.)

His maſter and he are ſcarce cater-couſins.

C. Ruſconi: *Il ſuo padrone ed egli ſono appena cugini.*
F. Hugo: *Son maitre et lui ne ſont pas tendres couſins.*
O ſentido parece-nos ſer o que nós lhe demos, ſervindo-nos d'uma expreſſão portugueza. A traducção palavra por palavra não ſe entendia, porque não temos, ao menos que nos conſte, o proloquio em portuguez.

NOTA H

LANCELOTO

«O pedido é para mim de grande *impertinencia.*» (Pag. 51.)

Parece ſer na boca do velho Gobbo, corruptela da palavra —importancia.

NOTA I

LANCELOTO

«O velho proverbio reparte-ſe muito bem entre meu amo, Shylock e voſſa ſenhoria. Tendes a graça de Deus, meu ſenhor, e elle tem muito de ſeu.» (Pag. 52.)

The old proverb is very well parted between my maſter Shylock and you, ſir, you have the grace of God, ſir, and he hath enough.

Litteralmente: *e elle tem o baſtante.* Não achei proloquio em portuguez que deſſe o velho proverbio inglez.

Na boca de Lanceloto, rapaz do povo, talvez o *and he hath enough* ſe podeſſe verter: tem muito milho, muito bago; d'aquillo com que ſe compram os melões, etc.

NOTA J

LANCELOTO

«Não tenho lingua n'eſta cabeça.» (Pag. 53.)

I have ne'er a tongue in my head.

NOTA K

LANCELOTO

«Ora... meu ſenhor, convidar o judeu que foi meu amo, etc.» (Pag. 60.)

Aqui, como em muitas paſſagens, Shakeſpeare entercala ſubitamente a proſa com o verſo.

NOTA L

LANCELOTO

«Eſtá explicado porque o meu nariz entrou a deitar ſangue na ultima ſegunda feira negra.» (Pag. 64.)

Gray, citado por Dos Hermanas, diz a eſte reſpeito o ſeguinte:

«E chamava-ſe aſſim porque no anno de 34 do reinado de Eduardo III, a 14 de abril de 1360, na manhã depois da paſchoa, eſtando acampado o dito rei, com ſeu exercito, em frente

de Paris, fez-ſe um dia tão eſcuro, tão carregado de graniſo e neblina, que muitos ſoldados morreram de frio ſobre os ſeus cavallos.

NOTA M

GRACIANO

«Sim, pelo meu capuz, vou a jural-o
Ser ella uma gentil e não judia.»
(Pag. 70.)

Now, by my hood, a Gentile and no Jew.

Shakeſpeare jogou com a palavra *Gentile*. Tambem em portuguez uma gentil pode ſer uma pagã e ao meſmo tempo elegante, formoſa, bem naſcida, etc.

Jurar pelo capuz. Graciano eſtá maſcarado e ſegundo alguns commentadores o capuz, n'eſſe tempo, fazia parte do veſtuario de maſcara; talvez como o dominó ainda hoje. Segundo outros era a fórma de que ſe ſerviam os frades que juravam, ás vezes, pelo ſeu capuz, iſto é, pelo ſeu habito.

NOTA N

PORCIA

«Aſſim ſe chamuſcou á luz a traça.»
(Pag. 84.)

A palavra *moth* que vem no original traduziram-a os francezes por—falena, moſquito, maripoſa.

C. Ruſconi diz. *Il tarlo ſi é abbruciato alla luce.*

Dos Hermanas, uſou da palavra *polilla*. Ambos lhe deram a verdadeira ſignificação.

NOTA O

NERISSA

O caſamento e a mortalha
No ceo ſe talha.
(Pag. 85.)

Hanging and wiving goes by deſtiny.

Litteralmente:

Forca e caſamento o deſtino os dá.

Não temos o proverbio aſſim.

NOTA P

PORCIA

Aqui me tem. O meu ſenhor que manda?
(Pag. 85.)

Porcia gracejando com o criado n'um momento de bom humor.

NOTA Q

PORCIA

Toda a facundia dos teus dias duplex.
(Pag. 86.)

Such high-day wit.

Dia duplex, dizemos por dia feſtivo. Vem de duplex, com o ſeu melhor, de fato domingueiro, etc. Parece-nos expreſſar a idéa do original.

NOTAS AO ACTO TERCEIRO

NOTA A

BASSANEO

«Voſſa união dá realce ás noſſas bodas.»
(Pag. 111.)

O á parte que ſe ſegue dava em portuguez uma obſcenidade por tal modo groſſeira que entendemos fupprimil-o.
Outro tanto fizeram C. Ruſconi e A. Schelegel.

NOTA B

SALERIO

«Não doente, ſenhor, ſenão de eſpirito,
E tão pouco não bem ſenão de eſpirito.»
(Pag. 113.)

Not ſick, my lord, unless it be in mind
Nor well, unless in mind.

C. Rufconi:

Non male, ſignore, a meno che non ſia nell'anima; non bene, a meno che nell'anima non ſia.

Guizot traduz como Rufconi.

NOTA C

LANCELOTO

«Senhor, *cobrir* é a palavra.» (Pag. 131.)

Os francezes com o verbo *couvrir* traduziram bem. Nós, ſublinhamos a palavra na impoſſibilidade de lhe dar o ſentido equivoco que ella tem em inglez. *Cover*, pôr a meſa e cobrir-ſe.

NOTAS AO ACTO QUARTO

NOTA A

O DOGE

«Mais duro do que a rocha, em cujo leito
Não exiſte nem ſombra de clemencia!»
(Pag. 138.)

O original diz: *any dram of mercy*. *Dram* tem muitas ſignificações.

Guizot diſſe: *un grain de compaſſion.*

F. Hugo: *une goutte de ſenſibilité.*

C. Ruſconi: *nel cui cuore non eſta dramma de miſericordia.*

A palavra *ſombra* de que nos ſervimos parece-nos propria em portuguez.

NOTA B

O DOGE

«Perdas taes que levaram á ruina
Um real mercador!
(Pag. 139.)

Traduzimos aqui o que diz Warburton citado por Dos Hermanas na nota 54 do acto III.

«Não ſe deve conſiderar a palavra *royal* como epitheto altiſonante. Eſtá uſada com grande propriedade e prova-nos que o poeta eſtava familiariſado com a hiſtoria do povo que põe em ſcena. Com effeito, quando os francezes e os veneſianos, a principio do ſeculo XIII, conquiſtaram Conſtantinopla, os primeiros á ordem do imperador Henrique, procuraram eſtender as ſuas conquiſtas pelas provincias do imperio grego, na terra firme; ao paſſo que os venezianos, ſenhores do mar, permittiram a todos os vaſſallos da republica, que quizeſſem armar navios, tornaram-ſe donos das ilhas do archipelago, aſſim como de outras praças maritimas e diſfructar de ſuas conquiſtas, honrados de ſoberania, com a unica condição de preſtar vaſſalagem á republica pelos territorios que adquiriſſem. Em virtude d'eſta conceſſão os Sanudos, os Juſtiniani, os Grimaldi, os Summaripas, e outros mercadores venezianos, erigiram principados em diverſos pontos do archipelago (que os ſeus deſcendentes diſſrutaram por muitas gerações) e chegaram a converter-ſe em proprios e verdadeiros mercadores reaes, intitulados aſſim em toda a Europa.

D'aqui proveio o nome de *real* que depois ſeguiu applicado ao commerciante de maior nomeada e riqueza.»

NOTA C

SHYLOCK

Outros que aos ſons naſaes da cornamuſa
Por modo algum podem conter a urina?
São ſenhores os ſons do ſentimento.

(Pag. 140.)

Eſta paſſagem tem ſido cauſa de largas controverſias. Dos Hermanas, n'uma longa nota, apreſenta as opiniões de muitos dos principaes commentadores inglezes e a opinião d'elle tambem.

É um trabalho intereſſante, e como o livro do primoroſo traductor heſpanhol é raro entre nós, parece-nos conveniente dar aqui a nota 11 ao acto IV, apeſar da ſua grande extenſão:

Cannot contain their urine for affection:
Maſters of paſſion, ſway it to the mood
Of what it likes, or loaths

Mr. Rowe põe d'eſta fórma:

Cannot contain their urine for affection.
Maſterless paſſion ſways it to the mood, etc.

D'aqui copiou Mr. Pope; mas não ſei que palavra exiſta n'iſto a que poſſa referir-ſe o relativo *it*. O engenhoſo dr. Thirlby ajuſta a paſſagem da ſeguinte fórma:

«*Cannot contain their urine; for affection,*
Maſter of paſſion, ſways it, etc.»

E n'eſte caſo *it* acha-ſe regido por *paſſion*. Quando venham a objectar que *affection* e *paſſion* ſignificam a meſma coiſa, deve notar-ſe que os eſcriptores do tempo do noſſo auctor diſtinguiam, como o comprova Johnſon no *Sejano*, dizendo:

He hath ſtudied
Affection's paſſions, knows their ſprings and ends

ſendo facil de ver que n'eſte trecho a palavra *affection* deve tomar-ſe por eſſa ſympathia ou antipathia da alma que nos

leva a moſtrar uma inclinação ou reluctancia, reſultado do eſforço de noſſas paixões.—Theobald.

Maſters of paſſion, é, fóra de duvida, a dicção mais propria. O judeu eſtá fallando do poder do ſon ſobre as affeições humanas e termina muito naturalmente decidindo que os arbitros da paixão (aſſim chama aos muſicos) governem a ſeu talante rancores e affectos.—Warburton.

Não requer o verbo *ſway,* que governa os dois nominativos *affection* e *maſters,* que ambos eſtejam em plural e ſe leia aſſim?

For affections, maſters of paſſion ſway it, etc.
Sir John Hawckins.

Que *affections e paſſions* tinham antigamente ſignificação diverſa ſae do ſeguinte exemplo apontado por Mr. Greene na ſua obra: *Never Too Late,* publicada em 1616:

His heart was fuller of paſſions than his eyes of affections.

Affections, no ſentido uſado por Shylock, parece ſignificar *imaginações* ou *preocupações* do animo. No Othello, acto primeiro encontra-ſe uma paſſagem analoga:

And though we have here a ſubſtitute of moſt allowed ſufficiency, yet opinion, a ſovereign, miſtress of effects, throws *a more ſafe voice on you.*—Steevens.

A propoſito d'eſta paſſagem, tão controvertida, a minha opinião, em tempos, era muito diverſa do que é hoje. Segundo a idéa que havia formado, a palavra Sways, que vem nos primeiros textos, não podia adaptar-ſe á voz *maſters,* conſiderada como ſubſtantivo: porém a pouco trecho de eſtar impreſſa a nota que eſcrevi ſobre iſto, convenci-me de que a tal dicção não ſó era da peculiar phraſeologia do noſſo auctor, mas pro-

pria da linguagem da época. Innumeros exemplos da meſma ordem ſe dão nas peças de Shakeſpeare, em quantas me tenho cingido ao exemplo dos meus predeceſſores, pondo de accordo o ſubſtantivo com o verbo, ſem entrar em debates.

Eſta é a unica mudança que fiz na preſente paſſagem: pois os antigos textos põem *affection*, e não *affections*, como ſe eſcreve nas ultimas edições a fim de manter harmonia com o verſo ſeguinte.

Com relação á phraſe: (*Cannot contain their urine for affection*) creio que sómente ſignifica: Não podem conter a urina em conſequencia do eſtado de affecção em que ſe acham pelo ſom da cornamuſa; ou por outras palavras: em conſequencia de uma involuntaria antipathia, produzida por tal ſom.

Na ſeguinte linha a palavra *it* pode referir-ſe tanto a *paſſion* como a *affection*.

Para explical-o valerme-hei das palavras do dr. Johnſon com uma leve variante: «Aquelles que conhecem o modo de influir nas paixões dos homens, o acommodam (acommodam o ſympathico ſentimento) fazendo-o operar em harmonia com os ſons que lhes agradam ou deſaprazem» O *it* do *ſway* refere-ſe a *affection*, no meu modo de ver, iſto é, ao ſentimento ſympathico.—Malone.

O verdadeiro ſignificado é, ſem controverſia, o que ſe ſegue: «Aquelles que poſſuem a arte de captar e diſpor a ſeu arbitrio das paixões humanas, logram fazel-o por meio de uma habil applicação ſobre os goſtos e repugnancias particulares das peſſoas a quem ſe dirigem. Eſta é uma prova de que os homens ſe acham geralmente governados pelas ſuas inclinações e antipathias, e por conſeguinte não é improprio ſob conceito algum, que eu opine d'eſte modo.»—Heath.

Os antigos textos reſavam d'eſta fórma:

And others, when the bag-pipe ſings i'th'noſe,
Cannot contain their urine for Affection.

Maſters of paſſion ſways *it to the mood*
Of what it likes or loaths.

Iſto é, alguns, quando ouvem o ſom da cornamuſa, affectam-ſe tanto com iſſo que não podem conter a urina; porque as coiſas que influem ſobre a paixão, convertem eſta em prazer ou deſagrado, a ſeu ſabor.—Ritſon.

Depois de quanto ſe tem dito ſobre a paſſagem queſtionada, eſtou convencido de que ſomos obrigados a Mr. Waldron por nos haver facilitado a correcta interpretação d'ella. No ſeu appendice, pag. 212, obſerva que *Miſtress* ſe eſcrevia primitivamente *Maiſtreſſe,* ou *Maiſtres,* e aſſim o achamos eſcripto por Upton e outros auctores. Talvez *Maiſtres* (facilmente convertido pela tranſpoſição do *r* em *Maiſters,* que é a leitura do 2.º folio) ſeja a palavra empregada pelo poeta.—Steevens.

Taes ſão as varias e tão diverſas opiniões emittidas pelos illuſtres commentadores de Shakeſpeare ácerca das linhas que encimam eſta nota. Para adoptar uma reſolução final, o animo vacilla e apenas ſe atreve a decidir por algumas d'ellas.

Todas eſtas opiniões eſtão convenientemente fundadas, todas ſão fructo de penſada e ſevera analyſe, todas revelam o ſubtil e apurado talento de intelligencias ſuperiores, e muito tem de arreceiar-ſe aquelle que ſe veja na neceſſidade de eſcolher. E ſe tal pode qualificar-ſe de eſpinhoſo, que ſe não dirá de quem apartando-ſe dos commentarios acima traſladados, queira formar, expôr e apreſentar uma idéa, ſenão de todo differente, diverſa, em parte ponderoſa. Longe de mim o penſamento de uma ridicula vaidade; pretendo apenas validar o afanoſo deſvelo e fêde de eſtudo que me inſpiram as ſublimes producções do grande poeta, diſpoſto eu ſempre a emendar os proprios erros e dar moſtras de agradecido a quem os ponha em evidencia.

Duas ſão, a meu ver, as queſtões a tratar no caſo preſente, embora ambas ſe enlacem e até dependam uma da outra.

A primeira é relativa ao modo de eſcrever e pontuar as linhas de que ſe trata; a ſegunda verſa ſobre a interpretação e ſentido das meſmas linhas.

Malone, Ritſon, Warburton e Heath eſtão de acordo em ſuſtentar os antigos textos, não ligando a palavra *affection* com o que ſe lhe ſegue, porque, com quanto o primeiro ponha dois pontos em vez do ponto final de que uſam aquelles, e ſupprima o *s* do verbo que rege principalmente a oração, iſto, realmente, não altera em nada o ſentido.

O dr. Thirlby, Theobald e ſir John Hawkins, optam pela mudança de pontuação. Rowe, a quem copiou Mr. Pope, introduz a palavra *Maſterless* em vez de *Maſters,* com o que tambem eſtá de acordo o citado Theobald; Steevens, em ſumma, referindo-ſe a Mr. Waldron, opina que a voz *Maiſtres,* modo primitivo de eſcrever *Miſtrers,* é, ſem conteſtação, a que uſou o poeta em ſeus manuſcriptos.

Não porque queira ſer conſequente com o texto que ſigo para as minhas traducções, mas porque realmente não acho motivo para as variantes de que ſe trata, eſtou com Malone, Ritſon, Warbuſton e Heath, em quanto ao modo de eſcrever e pontuar das antigas edições. Se abſolutamente podera deſprender-ſe o minimo ſentido dos verſos a que nos referimos, então ſim, que por meio de ſeparação orthographica e ſubſtituições opportunas ſe lograria fixar o penſamento do auctor; porém como não eſtamos n'eſſe caſo, para que introduzir palavras diverſas, para que converter em feminino o ſubſtantivo maſculino que ſe olha como o eixo da difficuldade, para que inventar pluraes para pòr em connexão vozes que podem paſſar muito bem ſem eſtricta analogia, que ſe encontram ſeparadas e em orações independentes? A adopção da palavra *Maſterless,* além do grave inconveniente que aponta Mr. Theobald, varía de modo notorio o ſignificado do eſcripto, convertendo *paſſion* em nominativo directo e applicando-lhe uma qualificação alheia, ſem duvida, ao que tinha em mente Shakeſpeare.

Agora pois, attendo-nos ao texto, é dizer, ao folio de 1623 e aos primeiros cc—qual é o juſto e verdadeiro ſentido do verſo, *cannot contain their urine for affection?* A meu ver, não deve pôr-ſe em duvida que, applicando ao ultimo ſubſtantivo o ſeu proprio ſignificado de *impreſſion*, deixe de dar-nos o correcto. Iſto é, como dizem Malone e Ritſon: «E alguns, quando ouvem o ſom da cornamuſa affectam-se tanto que não podem conter a urina.»

Traduza-ſe *affection* d'eſte modo, entenda-ſe por ſympathia ou por outra coiſa, dê-ſe-lhe ainda a ſignificação que adopta Steevens, ſempre viremos a parar no meſmo ponto; iſto é, em que o ſom particular da cornamuſa, atacando o ſyſtema nervoſo de certos individuos os obriga a deſbeber. Aqui temos pois, não ſó o facto, mas a explicação d'elle; nada falta, nada ſobeja. O que ſe ſegue é uma confirmação que parece derivar da referida affirmação, e as palavras *Maſters of paſſion* ſão as que mais natural e propriamente poderam empregar-ſe para começar a affirmal-a. Mas a quem ſe refere *Maſters?* Eu tenho para mim que os ſenhores, os reguladores da paixão, do ſentimento, ſão na verdade os ſons muſicaes, aquelles que ſuaves, por vezes harmonioſos, por vezes diſcordes, agreſtes, deſagradaveis, influem directamente no animo e deſpertam o agrado ou a repugnancia.

E tanto eſte penſamento dominava o eſpirito de Shakeſpeare, que no acto v, ſcena 1 d'eſta meſma comedia, põe na boca de Lourenço o ſeguinte: «Aqui eſtá porque os poetas ſuppozeram que Orpheu commovia as arvores, as pedras e os rios, olhando a que nada é tão inſenſivel, tão duro e bravio, que não venha, com o tempo, a mudar de caracter pelo influxo da muſica.» A voz *Maſters*, novamente o repetimos, refere-ſe, no caſo de que tratamos, ao poder dos accordes ou dos ſons muſicaes; e aſſente iſto, deſapparecem os graves inconvenientes que tem dado margem ás mil ſuppoſições dos commentadores; porque ſendo um nome ſubſtantivo, maſculino e plural, a que ſe re-

fira a palavra empregada no texto, nenhum lhe vae tão bem como aquelle que apontámos.

Direi, em concluſão, que o relativo *it* a que Theobald e Malone ſe reportam, refere-ſe, a meu vêr, a *paſſion* e não a *affection*, como diz o ultimo e illuſtrado commentador.—Dos Hermanas.

COLLECÇÃO DE NOVELLAS

COMPOSTAS NOS FINS DO SECULO XIV

A PRESENTE EM 1378

A novella que ſe ſegue vem traduzida no appendice ás notas da ſoberba traducção do *Mercador de Veneza* pelo marquez de Dos Hermanas. Para nós, o *Mercador* é o trabalho mais completo que n'eſte genero temos viſto. As verſões do illuſtre traductor heſpanhol ſão um modello como fidelidade de interpretação, um primor como linguagem, e um precioſo repoſitorio de erudição ſobre os poemas do immortal poeta.

Vivia em Florença um abaſtado mercador chamado Bindo, o qual, ſentindo que ſe aproximava a ſua derradeira hora, mandou chamar os ſeus tres filhos, inſtituindo herdeiros os dois primeiros e deixando o ultimo ſem herança.

Eſte, cujo nome era Gianneto, abeirou-ſe do pae e diſſe-lhe:

—Meu pae, que fizeſte?

Reſpondeu-lhe o pae:

—Querido Gianneto, a nenhum dos outros deſejo tantas venturas como a ti. Vae a Veneza, a caſa de teu padrinho Anſaldo; elle não tem filhos e por vezes me tem inſtado que te mande para a ſua companhia. É o mais rico mercador que exiſte entre chriſtãos; ſe te portares bem, chegarás a ſer o homem mais poderoſo do mundo.

A iſto reſpondeu o filho:

—Eſtou diſpoſto a fazer quanto meu pae me ordenar.

Deitou-lhe o pae a ſua bençam e morreu d'ali a poucos dias.

Gianneto partiu em ſeguida para caſa de ſeu padrinho, e apreſentou-lhe a carta que ſeu pae lhe havia dado antes de morrer.

Aſſim que Anſaldo leu a carta, exclamou:

—Bem vindo ſejas, meu querido afilhado!

Em seguida perguntou-lhe por ſeu pae, e como Gianneto o informaſſe do ocorrido, acreſcentou Anſaldo:

—Quanto me peſa a noticia da morte de Bindo, porém o prazer que ſinto em ver-te mitiga a minha dôr.

Dito iſto, levou-o para ſua caſa e deu ordem aos criados para que o trataſſem com mais ſolicitude do que a elle proprio. E não ſatiſfeito ainda, entregou-lhe as chaves da caſa e fallou-lhe n'eſtes termos:

—Filho, gaſta dinheiro, mantém meſa áparte e torna-te conhecido. Lembra-te que quanto mais ſouberes captar a eſtima dos outros mais querido me ſerás.

Gianneto, ſeguindo os conſelhos de ſeu padrinho começou a dar grandes feſtas. Guardava com Anſaldo mais obediencia e cortezia do que ſe elle fora ſeu proprio pae.

Não havia ninguem em Veneza que não eſtiveſſe captivo d'elle. De mais nada tratava o padrinho ſe-

não do afilhado e as affaveis maneiras e o bom procedimento d'eſte davam-lhe ſummo agrado.

Em quanto as coiſas aſſim corriam, ſuccedeu que dois dos mais intimos amigos de Gianneto, commiſſionados para irem nos barcos de Alexandria, convidaram-no a viajar, a ver e a correr mundo.

—De bom grado iria, reſpondeu Gianneto, ſe meu pae Anſaldo m'o permittiſſe.

Os dois mancebos, ao ouvirem eſta reſpoſta, foram-ſe ao abaſtado mercador, pedindo-lhe que accedeſſe á viagem do ſeu amigo, a qual devia effectuar-ſe na primavera, rogando-lhe, além d'iſto, que pozeſſe ás diſpoſições do afilhado um navio. Anſaldo conſentiu de boamente, e mandou com a maxima celeridade armar um formoſo baixel. Depois de carregado de mercadorias, empaveſado, embandeirado, apercebido de armas e munições, deu ordem ao capitão e aos marinheiros para que obedeceſſem a quanto Gianneto ordenaſſe.

Succedeu, pois, que certa manhã, já nevegando, ao alargar a viſta pelo horiſonte, Gianneto aviſtaſſe uma eſpecie de golfo, coroado por um formoſo porto, e perguntando como ſe chamava, o capitão reſpondeu:

—O logar que vedes, pertence a uma viuva que tem ſido cauſa da ruina de muitos ſenhores.

Como? tornou Gianneto.

E o capitão reſpondeu:

—A peſſoa de que fallo, é uma mulher formoſa e

diſcreta, que em ſeus dominios eſtabeleceu uma lei, em virtude da qual todo o que arribe a elles eſtá obrigado, ſeja quem for, a ſer ſeu companheiro de leito, ſob a imperterivel condição de que ſe logra deſfrutar da ſua peſſoa, não ſó a torna ſua para ſempre, ſenão que de facto fica conſtituido em ſenhor do paiz, perdendo, no caſo contrario, quanto a eſſe paiz haja trazido.

Ouvindo iſto, Gianneto, depois de reflectir, ordenou ao capitão que entraſſe no porto. O capitão obedeceu, fez prôa a elle e n'um inſtante deſliſou o navio para dentro do golfo, e tão rapidamente que os outros navios não deram por tal.

Subito chegou o acontecido aos ouvidos da ſenhora, que mandou em buſca de Gianneto, o qual immediatamente foi viſital-a. Aſſim que ſe entreviram, a viuva pegando-lhe da mão, perguntou-lhe quem era, d'onde vinha, e ſe eſtava informado do coſtume do paiz. A tudo iſto reſpondeu affirmativamente o moço, accreſcentando que o uſo a que ſe alludia fôra o motivo unico da ſua vinda. A ſenhora fez-lhe grandes honras, mandando chamar os barões, condes, e grande numero de nobres, ordenanlhes que fizeſſem companhia a Gianneto, cuja fina educação e excellentes maneiras agradaram e captivaram tanto os referidos gentiſ-homens, que todos, a uma voz, deſejavam tel-o como ſenhor da terra.

Chegando a noite, a ſenhora inſiſtiu com o ſeu hoſpede para que ſe recolheſſe; e como eſte diſſeſſe que

eſtava diſpoſto a fazel-o, apreſentaram-ſe immediatamente duas donzellas com vinhos e doces, inſtando-o para que provaſſe de tudo. Acceitou Gianneto comendo doces e bebendo dos licores, que de antemão eſtavam preparados com ingredientes ſoporificos, de modo que, paſſados poucos inſtantes, ao deitar-ſe, adormeceu não acordando ſenão alto dia, quando já a ſua companheira, a pé deſde a aurora, tinha mandado deſcarregar o navio, que achou abaſtecido de ricas e abundantes mercadorias.

Aſſim que bateram as nove da manhã, as donzelles entraram no apoſento de Gianneto, fizeram-o levantar e depois de advertido que devia partir, poſto houveſſe perdido o navio e a carga, o proveram de um cavallo e do dinheiro preciſo para a viagem.

O moço profundamente melancolico, abandonou o paiz e partiu para Veneza.

Quando chegou, vexado, não ſe atreveu a entrar em caſa, e pela noite foi a caſa de um ſeu amigo, que paſmado de o ver aſſim, lhe perguntou qual o motivo da ſua volta.

—O meu barco, durante a noite, deu ſobre uns rochedos, reſpondeu-lhe Gianneto, e fez-ſe em pedaços.

Indo eſte amigo, paſſado dias, viſitar Anſaldo, achou-o por extremo deſconſolado.

—Receio muito, diſſe o mercador, que eſte meu filho tenha morrido.

O ſeu viſitante reſpondeu-lhe que o que havia

ſuccedido fora ſó o naufragio e a perda da ſua fortuna, porém que a peſſoa eſtava ſalva.

Anſaldo, aſſim que tal ſoube, levantou-ſe e correu em buſca do ſeu protegido.

—Não tens, lhe diſſe ao vel-o, que arreceiar-te do meu pezar. O que ſuccedeu foi um accidente vulgar. Não te afflijas.

Acto continuo levou-o para ſua caſa, não ceſſando de lhe recommendar durante o tranſito que eſtiveſſe alegre e de roſto prazenteiro.

Correu em Veneza rapidamente a nova d'eſte deſaſtre, e não houve ninguem que não deſſe moſtras de ſympathia por Gianneto.

Paſſado tempo, os companheiros d'eſte, regreſſaram da ſua viagem a Alexandria, cheios de dinheiro e tendo perguntado novas do ſeu amigo e ſabendo ſua hiſtoria, correram a vel-o e a felicital-o por haver eſcapado, prognoſticando-lhe que na proxima primavera ganharia pelo menos tanto quanto perdera na ſua ultima expedição.

Gianneto, porém, que não tinha outra idéa ſenão volver para junto da dama, reſolvido a poſſuil-a como eſpoſa ou a morrer, não ſe lhe dava de promeſſas e conſelhos, e fixo em ſeu penſamento, uma das muitas vezes que ſeu protector lhe recommendava que ſe não deixaſſe abater de animo, expoz-lhe francamente que jámais voltaria a alegria a ſeu roſto emquanto não emprehendeſſe outra viagem.

Anſaldo, deſejoſo de ſer-lhe agradavel, poz-lhe á

diſpoſição um novo navio carregado de mais abundantes e valioſas mercancias do que o primeiro.

Aſſim que ſe apromptou, Gianneto metteu-ſe n'elle, e navegando em rumo directo, entrou no porto de Belmonte.

A ſenhora que de ſeu proprio quarto preſenciava a entrada do baixel perguntou immediatamente á ſua donzella ſe conhecia o navio, a qual reſpondeu que vinha commandado pelo meſmo eſtrangeiro que ali arribara no anno ultimo.

—Tens razão, tornou a ama. Grande intereſſe devo inſpirar a eſſe moço, por que até aqui nenhum ſenão elle volveu pela ſegunda vez.

Aſſim que ſaltou em terra, Gianneto dirigiu-ſe ao caſtello e apreſentou-ſe á dama, que o recebeu com o maior prazer e agaſalho, obſequiando-o durante o dia. Vindo a noite convidou-o o paſſar á ſua alcova e ali lhe ſerviram doces e licores. Como Gianneto ſe não abſteve d'elles, proſtou-o o ſomno tão profundamente, que não fez o menor caſo da ſua companheira durante as horas que paſſou a ſeu lado no leito. Ao clarear levantou-ſe a dama e ordenou a deſcarga do navio. Em quanto a Gianneto deu-lhe um cavallo e o dinheiro preciſo para volver a Veneza, e chegando ahi foi parar a caſa do meſmo amigo da primeira vez.

Que ha de novo? perguntou eſte, ao vel-o. E como Gianneto lhe deu conta da ſua perdição, acreſcentou aquelle:

—Tu és a cauſa da ruina de Anſaldo e a vergonha do mal que occaſionaſte deve ſobrelevar em ti á perda que padeceſte.

Paſſaram muitos dias n'eſta ſituação, até que o pobre rapaz ſe reſolveu finalmente a apresentar-ſe a ſeu protector. Anſaldo, apenas o viu, levantou-ſe da ſua cadeira e correu a elle abrindo-lhe os braços. Gianneto depois de correſponder-lhe de egual modo, narrou-lhe a hiſtoria das ſuas deſventuras.

—Não te afflijas meu querido filho, ainda me fica baſtante. O mar é a riqueza de uns e a ruina de outros!

O pobre Gianneto não podia porém encontrar alivio algum, e o conſtante penſamento de ſuas perdas perſeguia-o de noite e de dia. Anſaldo convencido d'iſto e vendo-o reſolvido a não mudar emquanto não recuperaſſe o perdido, ſegundo as ſuas proprias palavras, começou por vender quanto havia para lhe dar um terceiro navio carregado de mercadorias: mas como para equipal-o de quanto carecia preciſaſſe ainda de uns dez mil ducados, foi ter com um judeo que morava em Meſtri, que ſe alargou a darlh'os a juro, ſob a condição de que no caſo de não ſerem reſtituidos no dia da feſta de S. João, que caía no proximo mez de junho, teria o direito de cortar-lhe uma libra de carne da parte do corpo que mais lhe agradaſſe. Anſaldo conveiu n'iſto, e o judeu em troca de uma eſcriptura explicita, authentica e com todos os queſitos neceſſarios, apreſentou a dita ſomma em oiro, e com ella o mercador comprou quanto

preciſava para terminar o apparelho do barco. Era eſte ainda mais formoſo que os dos amigos de Gianneto, que pela meſma época iam emprehender viagem, deſtinando os proventos a favor de Gianneto. Quando chegou a hora da partida, Anſaldo chamou o ſeu protegido e diſſe-lhe:

— Tu ſabes qual foi a obrigação que contraí; ſupplico-te, pois, que ſe ſobrevier alguma deſgraça, voltes para Veneza a fim que eu poſſa abraçar-te antes de morrer e deixar eſte mundo ſem ſaudade.

Prometteu Gianneto fazer quanto foſſe de ſeu agrado, e depois de haver recebido a benção do ſeu protector fez-ſe de vela com os ſeus camaradas.

O unico penſamento que ſe agitava na mente do moço enamorado, era o de entrar em Belmonte ſem que ninguem déſſe por tal, e de facto, combinando-ſe com um marinheiro, logrou que a nau ſurgiſſe no porto durante a noite. Tendo a dama conhecimento d'iſto, e vendo, das proprias janellas do ſeu apoſento, ancorado o navio, mandou, ſem perda de tempo, chamar Gianneto.

Chegando eſte ao caſtello, começaram as feſtas e folgares. Para maior honra celebrou-ſe um torneio em que tomaram parte os barões e cavalleiros. N'eſte torneio o recemchegado brilhou tanto nas juſtas, apreſentando a cavallo tão diſtincta e gracioſa figura, que os concorrentes, ſem excepção, moſtraram vivos deſejos de o virem a ter por amo e ſenhor.

Á hora do coſtume a ſenhora deu a mão a Gian-

neto e convidou-o a deſcançar. Encaminharam-ſe ambos para a alcova; porém antes de tranſpor o limiar da porta, uma das donzellas aproximou-ſe cautelloſamente do moço foraſteiro, prevenindo-o, ao ouvido, que ſe abſtiveſſe de tomar uma gota ſó que foſſe de licor. A advertencia não podia cair mais a propoſito, por que d'ali a ſegundos apreſentaram-ſe famulos do caſtello com diverſos vinhos.

—Quem pode recuſar o que vem de mãos tão lindas? diſſe Gianneto, e não dando pelo ſorriſo que nos ſerviçaes produziam eſtas palavras, tomou uma copa e ſimulando que libava o licor, derramava-o no peito.

Convencida a ſenhora de que o moço havia realmente bebido, diſſe alegremente de ſi para ſi:

—Bem podes partir e arranjar outro navio, por que eſſe que tens vaes perdel-o.

Aſſim que ſe deitou, Gianneto, fingiu que dormia e principiou a reſſonar. Vendo iſto, a dama, acoſtou-ſe a elle, diſpoſta a paſſar a noite tranquillamente. Porém o enamorado mancebo, que ſó anciava tal momento para deſcobrir o ſeu logro, voltando-ſe com preſteza, diſſe-lhe:

—Agora ſou ſenhor de vós. E de accordo com eſtas palavras, deu largas á ſua comprimida paixão.

Ao ſair da alcova, no dia ſeguinte, Gianneto foi armado cavalleiro e poſto no throno, proclamaram-n'o ſoberano do paiz, com grande pompa e eſplendor.

Em ſeguida celebrou-ſe o matrimonio no meio da alegria de todos os aſſiſtentes.

E com ſer feliz n'eſte paſſo não o foi menos no ſeu governo. Adminiſtrando imparcialmente juſtiça, era amado de todos e paſſava uma vida feliz, eſquecendo-ſe no meio das ſuas venturas de que o pobre Anſaldo tinha pendente uma obrigação de dar dez mil ducados ao judeu.

Certo dia em que eſtava á janella do ſeu palacio com a eſpoſa, vendo paſſar grande numero de peſſoas com archotes acceſos, perguntou á ſua companheira o que aquillo ſignificava.

— São artifices, reſpondeu-lhe ſua mulher, que vão fazer as ſuas offrendas á egreja de S. João, porque hoje é o dia d'eſte ſanto.

Ao ouvir eſtas palavras, recordou-ſe Gianneto inſtantaneamente do ſeu protector, ſoltou um profundo ſuſpiro e tornou-ſe pallido.

Admirada a ſenhora com eſta repentina mudança, e não ſe conformando com as evaſivas que lhe dava ſeu marido, inſiſtiu por tal modo, que Gianneto viu-ſe obrigado a confeſſar-lhe tudo.

Diſſe-lhe então que Anſaldo eſtava compromettido com certa ſomma de dinheiro, que o praſo fixo para o ſeu pagamento havia expirado, e que a ſua grande magua conſiſtia em ſer elle cauſa da morte de ſeu padrinho, o qual, ſe não entregaſſe os dez mil ducados no dia convencionado, era condemnado a perder uma libra da propria carne.

Sabedora d'iſto a dama, aconſelhou-o que montaſſe a cavallo em continente, que levaſſe alguns criados, ſe apercebeſſe com cem mil ducados, e não paraſſe até chegar pelo caminho mais curto a Veneza, incumbindo-o de que no caſo que viveſſe ainda Anſaldo o trouxeſſe a Belmonte.

Gianneto acceitou o conſelho de ſua mulher e pozſe a caminho.

Ao paſſo que iſto ſe dava, havia já expirado o praſo da obrigação; o judeu apoſſava-ſe da peſſoa de Anſaldo e exigia a libra de carne eſtipulada no contracto.

Debalde interpunha ſuas ſupplicas o devedor, pedindo uma breve demora, eſperançado em abraçar a ſeu amado protegido antes de morrer. O judeu moſtrava-ſe inflexivel, e a ſua victima concluira pela reſignação.

Varios mercadores, tambem ancioſos por ſalval-o, combinaram em pagar o dinheiro; mas a ſua offerta foi regeitada, porque o ferino crédor ſó anhelava derramar o sangue chriſtão.

Aſſim que chegou a Veneza, Gianneto, a quem ſua mulher ſeguira, diſſarçada, e acompanhada de dois criados, dirigiu-ſe a caſa do judeu e depois de abraçar Anſaldo diſſe áquelle:

—Aqui eſtou prompto a pagar o teu dinheiro e mais quanto me pedires.

A reſpoſta foi, porém, que não ſe tendo cumprido o contracto no praſo determinado, ſó havia logar

para exigir a condição eſtipulada. Contra ſemelhante e inuſitada obſtinação levantou-ſe unanime a voz de todos; porém como em Veneza ſe adminiſtrava eſtrictamente a juſtiça, e as pretenções do judeu eſtavam legalmente apoiadas, conveiu-ſe, por ultimo, em recorrer a novas ſupplicas como unico meio de obter um reſultado feliz.

Gianneto em viſta d'iſto offereceu primeiro vinte mil ducados, logo trinta mil, em ſeguida quarenta, cincoenta, e por ultimo até cem.

Vendo aſſim offerecer com tal affan e deſaſſombro diſſe-lhe o judeu:

—Ainda quando me déſſes tanto oiro quanto vale Veneza não o acceitava. E moſtras conhecer-me bem pouco, paſſándo-te pela mente que eu foſſe capaz de diſiſtir da minha demanda!

Em tal ponto eſtava o negocio, quando a dona de Belmonte, veſtindo o trajo de advogado chegou a Veneza. O dono da pouſada onde foi hoſpedar-ſe, deſejoſo de ſaber quem tinha em caſa, perguntou a um criado, e como eſte lhe reſpondeu que era um joven juriſconſulto que ſe formara em Bolonha, o hoſpedeiro agaſalhou-o com toda a urbanidade. Notou iſto o ſuppoſto advogado, e durante o jantar ſervido pelo proprio dono da pouſada, começou a fazer varias perguntas a eſte ſobre o modo porque ſe adminiſtrava a juſtiça em Veneza.

—A juſtiça, n'eſta terra, é por extremo ſevera, reſpondeu-lhe o hoſpedeiro.

E para o comprovar narrou-lhe o caſo de Anſaldo.

—Eſſa é uma queſtão bem facil de reſolver, tornou o diſſarçado hoſpede.

—Se a reſolveis, ſe ſalvaes a vida de homem tão digno, captivareis a affeição e tereis os elogios de todos os venezianos.

O joven lettrado mandou immediatamente pôr annuncios convidando todos que tiveſſem pendentes de ſentença queſtões judiciaes, que acudiſſem a elle. Em viſta d'iſto Gianneto propoz ao judeu remetter o ſeu pleito á deciſão de tão famoſo advogado.

Convindo em fazel-o, foram á ſua morada, e expozeram-lhe o caſo.

Ouviu-os o joven, e depois de haver lido o documento, diſſe ao judeu:

—É de meu dever aconſelhar-vos que arrecadeis os cem mil ducados e deixeis em liberdade eſte honrado homem, que vos ha de agradecer o favor.

—Não farei tal coiſa, reſpondeu o judeu.

—Fazei-o, que vos ſerá vantajoſo, replicou o outro.

O demandante, porém, não quiz ceder em nada, e foi preciſo acudir ao tribunal para tratar perante elle o aſſumpto.

—Bem, diſſe o juiz, logo que eſtiveram preſentes todos, cortae a eſſe homem uma libra de carne da parte de ſeu corpo que mais vos apraza.

Ouvindo iſto, o judeu, ordenou a Anſaldo que ſe

deſpiſſe, fazendo brilhar na mão a faca, que para tal fim havia preparado.

Ao vêr iſto, Gianneto voltou-ſe para o juiz e expoz-lhe a extranheſa que as ſuas palavras lhe cauſavam; mas o advogado tranquilliſou-o, dizendo-lhe:

— Não te affliijas, ainda ſe não cortou a libra de carne.

E com effeito, apenas ſe aproximou o judeu para dar começo á ſua vingança, conteve-o o juiz, dizendo-lhe:

— Tende cautella no que ſazeis; ſe cortardes mais ou menos de que uma libra, mandar-vos-hei cortar a cabeça; ſe derramardes uma ſó gota de ſangue, ſereis morto. O voſſo papel não reza de ſangue algum, diz expreſſamente que tendes direito a cortar uma libra de carne, nem mais nem menos.

E acto continuo, ordenando ao carraſco que trouxeſſe o cepo e o cutello, repetiu a ſua ameaça.

Depois de larga diſputação, conhecendo o judeu que eſtava perdido, diſſe ao juiz:

— Dêem-me os cem mil ducados, que eu dou-me por ſatiſfeito.

— Não, tornou-lhe o juiz, tomae o que eſtipula o contracto, viſto que não quizeſtes acceitar a principio o dinheiro.

Receioſo o credor, reduziu a noventa mil ducados a exigencia; em ſeguida a oitenta mil. Gianneto eſtava prompto a entregar-lhos, deſejoſo de ver fóra de perigo a vida de Anſaldo; porém o juiz oppoz-ſe

pedindo que o deixaſſem entender-ſe com o judeu. Eſte que viu regeitada a ſua offerta baixou a cincoente mil ducados.

—Nem um ceitil has de ter, reſpondeu o juiz.

—Pois entregae-me a ſomma que empreſtei, e que má peſte os confunda a todos!

—Não. terás nada, redarguiu o outro; ſe queres a libra de carne, toma-a, não ſendo aſſim ordenarei que o teu contracto ſe proteſte e anulle.

Vendo o judeu que não podia alcançar coiſa alguma, no extremo do furor, raſgou em mil pedaços a eſcriptura.

Anſaldo foi poſto em liberdade e conduzido com grande regoſijo. a ſua caſa por Gianneto, o qual pegou dos cem mil ducados e os levou á pouſada, pondo os á diſpoſição do advogado. Eſte, porém, não quiz acceital-os, certificando que não neceſſitava de dinheiro.

Devolvei-os a voſſa eſpoſa, acreſcentou elle, para que veja que os não malgaſtaſtes eſtouvadamente durante o tempo em que eſtiveram ſeparados.

—É tão bondoſa, minha mulher, que podera eu ter gaſto o quadrupulo d'eſta ſomma ſem incorrer em ſeu deſagrado.

—A que ponto eſtaes encantado d'ella!

—Quero-lhe mais, diſſe o moço, do que a quanto n'eſte mundo exiſte; eſmerou-ſe a natureſa em outorgar-lhe os ſeus maximos dons. Se quereis conhecel-a, vinde; ficareis maravilhado com o ſeu acolhimento.

—Não poſſo acompanhar-vos, reſpondeu o ſuppoſto juriſconſulto; viſto, porém, que tanto a gabaes, imploro-vos que lhe apreſenteis os meus reſpeitos.

—Não faltarei; mas iſto á parte, tende a bondade de acceitar algum dinheiro.

Em quanto aſſim fallavam, deſcubrindo o advogada um annel que o mancebo trazia no dedo, diſſe-lhe:

—Dae-me eſſe annel; não deſejo outra recompenſa.

—De boamente o faria, reſpondeu Gianneto, mas como eſta prenda foi dadiva de minha eſpoſa, e por ſeu reſpeito a devo uſar, dá-me deſgoſto ſeparar-me d'ella; ſem olhar a que o ſeu deſappareci-mento daria cauſa a uma recriminação de infidelidade.

—Não penſeis em ſemelhante coiſa, diſſe o outro inſiſtindo, eſtima-vos baſtante, voſſa conſorte, para acreditar no que lhe differdes, e podeis aſſegurar-lhe que m'o deſtes como preſente; porém, já vejo, proſeguiu com intenção malicioſa o advogado, que neceſſitaes d'ella para offerecel-a em Veneza a alguma antiga enamorada.

—Oh! não! apreſſou-ſe em reſponder Gianneto, tão grande é o amor que devoto a minha mulher, que não a deixaria por nenhuma outra no mundo!

E dizendo iſto tirou o annel do dedo e entregou-o ao advogado.

—Tenho ainda outro favor a pedir-vos, e vem a

ſer que não vos demoreis mais tempo em Veneza, partindo o mais depreſſa que ſeja poſſivel.

—Mil annos me parece já que eſtou auſente de caſa, reſpondeu Gianneto, e com iſto ſe ſepararam.

O ultimo deſpediu-ſe immediatamente de todos os ſeus amigos, e em companhia de Anſaldo e de outros companheiros, tomou o caminho de Belmonte.

A ſenhora d'eſte logar chegou lá com alguns dias de anticipação. Tornando a veſtir o ſeu trajo feminino, fez acreditar a ſeus ſubditos que eſtivera uma temporada a banhos, e ordenou que ſe atapetaſſem todas as ruas.

Quando Anſaldo e Gianneto entraram em Belmonte, toda a corte lhes ſaiu ao encontro, e aſſim que chegaram a palacio, a ſenhora abriu os braços a Anſaldo moſtrando a ſeu marido uma eſpecie de fingida indifferença. Acto continuo começaram as diverſões e torneios, tomando parte n'elles as peſſoas mais eſcolhidas e graduadas da povoação.

Vendo Gianneto que ſua mulher não o recebia com a boa ſombra do coſtume, chamou-a de parte e tentou acaricial-a, porém ella, repellindo as ſuas fineſas, diſſe-lhe:

—Eſtou certa de que haveis prodigaliſado eguaes caricias a alguma de voſſas amantes de Veneza.

E como ſeu eſpoſo principiava a deſculpar-ſe, tomou-lhe repentinamente contas pela falta do annel que lhe havia dado.

—Bem amargurado eſtava eu com iſto, exclamou

Gianneto, e bem raſão tinha em aſſegurar que havieis de enfadar-vos comigo. Mas por quanto ha ſagrado, pela voſſa propria peſſoa, que me é tão cara, juro que dei o annel ao advogado que defendeu a noſſa cauſa.

—E eu poſſo, reſpondeu a dama, jurar com egual ſolemnidade, que déſtes o annel a uma mulher; de conſeguinte baſta de juramentos; melhor terieis andado ficando em Veneza com a voſſa amante, por que receiu que eſteja ſentindo amargamente a voſſa auſencia.

Ao ouvir eſtas palavras, acudiram as lagrimas aos olhos de Gianneto, e ſua eſpoſa, para quem eſte pranto era um punhal, não podendo conter por mais tempo a ſua commoção, correu a elle, abriu-lhe os braços, e ſoltando uma gargalhada, moſtrou-lhe o annel e contou-lhe quanto ſe havia paſſado.

Gianneto ficou por extremo maravilhado com a narrativa que lhe fizera ſua mulher, e da pura verdade que em toda ella ſe revia. Repetiu-a aos nobres e aos ſeus companheiros de viagem, vindo eſte lance a eſtreitar ainda mais os laços de amor que o ligavam a ſua eſpoſa.

Em ſeguida mandou chamar a donzella que o aconſelhara a não tomar do vinho n'aquella noite da ſua conquiſta, e deu-a por eſpoſa a Anſaldo.

Todos elles paſſaram o reſto da vida na maior felicidade e contentamento.

CORRECÇÕES

A pag. 64, onde ſe lê: O meu nariz entrou a deitar ſangue na ultima ſexta feira negra, *deve ler-ſe:* Na ultima ſegunda feira.

A pag. 111, onde ſe lê: A ſer do voſſo agrado, *deve ler-ſe*: A ſer do voſſo agrado o noſſo enlace.

A pag. 149, onde ſe lê: Qual é o mercador, qual o judeu? *deve ler-ſe:* Qual é o mercador, qual é Antonio?

E logo em ſeguida, onde ſe lê: Antonio, e vós, velho Shylock, aproximae-vos, *deve ler-ſe:* Antonio, e vós, Shylock, aproximae-vos.

A pag. 161, depois do verſo de Graciano:

Que emerito juiz!... Judeu, que ſabio!

os que ſeguem é Porcia quem os repete.

A pag. 198, onde ſe lê: Dae palavra de homem nobre, *deve ler-ſe:* Dae palavra de homem dobre.

Mais alguns erros que eſcaparam, facilmente os emendará o leitor.